

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA

Ubirajara Sampaio Bragança

Movimentos sociais. “remexendo o caldeirão do beato José Lourenço”:
procurando evidências por trás das aparências

Niterói

2017

Ubirajara Sampaio Bragança

Movimentos sociais. “remexendo o caldeirão do beato José Lourenço”:
procurando evidências por trás das aparências

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil do Curso de Mestrado da Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História do Brasil.

Área de concentração: História política e religiosa

Linha de Pesquisa: Ideologia e Política

Orientadora: Marly de Almeida G. Vianna

Niterói

2017

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universo
Campus Niterói

B813m Bragança, Ubirajara Sampaio.

Movimentos sociais: “remexendo o caldeirão do beato José Lourenço”: procurando evidências por trás das aparências / Ubirajara Sampaio Bragança - Niterói, 2017.

154 p. : il.

Bibliografia: p. 129-141

Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em História - Universidade Salgado de Oliveira, 2017.

Orientador: Dsc. Marly de Almeida Gomes Vianna.

1. Brasil - História. 2. Silva, José Lourenço Gomes da, ca.1872-1946. 3. Comunidades agrícolas - Crato (CE) - História - Séc. XX. 4. Movimento político-religioso - Caldeirão de Santa Cruz do Deserto (Crato, CE) - 1937. 5. História social - Brasil - Religião Nordeste. I. Título.

UBIRAJARA SAMPAIO BRAGANÇA

"MOVIMENTOS SOCIAIS: "REMEXENDO O CALDEIRÃO DO BEATO JOSÉ LOURENÇO": PROCURANDO EVIDÊNCIAS POR TRÁS DAS APARÊNCIAS"

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História, aprovada no dia 23 de agosto de 2017 pela banca examinadora, composta pelos professores:

Marly de A. S. Vianna

Prof.ª Dr.ª Marly de Almeida Gomes Vianna

Professora do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira
(UNIVERSO)

Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros

Prof.ª Dr.ª Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros

Professora Aposentada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Marcos J. de A. Caldas

Prof. Dr. Marcos José de Araújo Caldas

Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRJ)

Marcelo Timotheo da Costa

Prof. Dr. Marcelo Timotheo da Costa

Professor do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira
(UNIVERSO)

DEDICATÓRIA

*Dedico estes escritos à minha adorável
companheira, Lúcia Alves Bragança,
esposa virtuosa, sempre presente e
atuante, nos momentos que mais precisei
em minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, pela força e saúde que tem me concedido para levar adiante os meus projetos e ainda cuidar da minha família.

À minha querida esposa Lúcia Bragança, que sempre me incentivou e soube compreender as minhas preocupações com relação a esse projeto.

Aos meus amados filhos, Luanna, Isabela, Luyse e Vinicius. Eles são herança do Senhor, a recompensa que Ele nos dá.

Aos meus netinhos, Sofhia, Maria Eduarda, Bernardo, Heitor e Benjamin. São tesouros preciosos que animam nossa caminhada.

Aos meus irmãos Jair e Ubiratan Bragança. Sempre solícitos quando precisei de algum tipo de ajuda.

Aos membros da Igreja Evangélica Graça Soberana pelo apoio e compreensão durante todo o período em que me dediquei a essa pesquisa.

À Dona Genita, que, por muitas vezes, nos ajudou sem medir esforços e teve grande participação, não só na minha vida acadêmica, como também na vida de minha família.

À minha orientadora Marly Vianna, grande incentivadora e excelente professora. Juntos nós trabalhamos para o desenvolvimento dessa árdua pesquisa. Seu envolvimento na construção das ideias foi fundamental para minhas reflexões.

À minha coorientadora Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, foi baseado em seus textos e conceitos que comecei a entender com mais profundidade o mundo dos beatos e a construção das “cidades santas”.

À professora Márcia Amantino, que tem coordenado o programa de pós-graduação em História do Brasil com muita competência. A aprovação do curso de Doutorado veio para coroar os seus esforços.

Aos professores Francisco Falcon e Marcelo Timotheo, importantíssimos nas indicações de textos, leituras que contribuíram para ampliação das minhas ideias.

A todos os professores, alunos e funcionários do programa de Mestrado em História do Brasil, juntos nós compartilhamos ideias e construímos uma grande família que permanece com laços de amizade cada dia mais fortalecido.

A Leandro Freire, idealizador do projeto Caldeirão Vivo, que busca difundir esse importante episódio da historiografia cearense. Foi através de sua mediação que entrei em contato com Pedro Andrade e Maria José de Sales, filhos de remanescentes do sítio Caldeirão da Santa Cruz do Deserto.

Aos irmãos Pedro Andrade e Maria José de Sales, filhos de remanescentes, uma contribuição riquíssima ao longo de toda minha pesquisa.

À Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO, que me deu a oportunidade de continuar os meus estudos e de conhecer grandes amigos.

E a todos que contribuíram de forma direta ou indiretamente para que eu pudesse concluir este trabalho. Muito obrigado!

EPÍGRAFE

“E era um o coração e a alma da multidão dos que criam, e ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns.”

Atos 4.32

RESUMO

O sítio Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, Crato, CE, tornou-se conhecido por ser uma comunidade autossuficiente. Seus moradores trabalhavam em mutirões e tudo que se produzia no sítio era repartido entre eles de forma equitativa. Sob a liderança do beato José Lourenço essa comunidade durou cerca de 10 anos (1926-1936) até a interrupção de suas atividades por ordens do governo. Segundo as autoridades, as relações de produção e consumo no sítio Caldeirão tendiam para o comunismo, e mais, temiam que o sítio se transformasse em uma nova Canudos. Com a suspensão dos trabalhos no sítio, muitos que ali residiam fugiram para a Serra do Araripe, mas não se livraram das perseguições. Em 1937 aconteceu um confronto na Serra onde perderam a vida alguns policiais e também sertanejos. Este conflito foi o estopim para uma grande chacina na mata. Embora as autoridades reconheçam que 200 pessoas morreram na repressão, entre os remanescentes há suspeitas de que foram entre 700 a 1000 pessoas as que perderam a vida nos ataques do governo.

Palavras-chave: Caldeirão. Beato. José Lourenço. Irmandade. Trabalho.

ABSTRACT

The Caldeirão site of Santa Cruz do Deserto, Crato, CE, has become known as a self-sufficient community. Its inhabitants worked in mutirões and everything that was produced in the site was distributed between them of equal form. Under the leadership of Blessed José Lourenço this community lasted about 10 years (1926-1936) until the interruption of its activities by government orders. According to the authorities, the production and consumption relations in the Caldeirão site tended towards communism, and more, they feared that the site would become a new Canudos. With the suspension of work on the site, many who lived there fled to the Serra do Araripe, but did not get rid of the persecutions. In 1937 a confrontation occurred in the Mountain range where some policemen and also sertanejos lost their lives. This conflict was the trigger for a great slaughter in the woods. Although authorities acknowledge that 200 people have died in repression, among the remnants there are suspicions that 700 to 1,000 people were killed in government attacks.

Keywords: Cauldron. Blessed. José Lourenço. Brotherhood. Job.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- Foto de Floro Bartolomeu e Padre Cícero Romão Batista.....	36
FIGURA 2- Matéria do jornal <i>O Povo</i> de 11.01.1932.....	64
FIGURA 3- Foto dos retirantes da seca de 1932.....	66
FIGURA 4- Flagelados da seca de 1932 à beira dos trilhos.....	66
FIGURA 5- Matéria do jornal <i>O Povo</i> de 16.04.1932.....	68
FIGURA 6- Matéria do jornal <i>O Povo</i> de 25.05.1932.....	68
FIGURA 7- Matéria do jornal <i>O povo</i> de 20.07.1932.....	70
FIGURA 8- Foto da Capela de Santo Inácio de Loyola.....	73
FIGURA 9- Jornalista Hildebrando Espínola em visita ao Caldeirão.....	74
FIGURA 10- Matéria do jornal <i>O Globo</i> de 15.09.1936.....	84
FIGURA 11- Matéria do jornal <i>Diário de Notícias</i> de 27.09.1935.....	86
FIGURA 12- Fachada do prédio da força pública do Rio Grande do Norte após o levante de 1935.....	86
FIGURA 13- Matéria do jornal <i>Folha da Noite</i> de 18.09.1936.....	101
FIGURA 14- Matéria do jornal <i>O Estado (SC)</i> de 19.09.1936.....	101
FIGURA 15- Corpo do beato José Lourenço sendo levado por seus seguidores de Exu, PE para Juazeiro, CE.....	119

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I- A RELIGIOSIDADE POPULAR NA REGIÃO DO CARIRI: FÉ, TRABALHO E CONFLITOS	18
1 Padre Mestre Ibiapina e o catolicismo do sertão: inserção dos pobres no trabalho social e na comunhão da Igre.....	18
1.1 A vida pública de Ibiapina	20
1.2 Padre Mestre Ibiapina e as missões pelo sertão.....	21
1.3 Padre Mestre Ibiapina, sua obra evangelizadora e a instituição da irmandade dos beatos e beata.....	23
2 Juazeiro do padre Cícero Romão Batista: milagre, sedição e seca	28
2.1 O milagre da hóstia.....	31
2.2 O Padre Cicero e a Política: a Sedição de Juazeiro.....	33
2.3 A seca de 1915.....	36
3 José Lourenço e a sua chegada a Juazeiro: liberdade para um encontro com Deus e consigo mesmo.....	38
3.1 José Lourenço: acolhimento e adaptação no período pós-abolição.....	39
3.2 José Lourenço e o ingresso na vida religiosa.....	41
3.3 José Lourenço e a identificação com Maria de Araújo.....	42
4 José Lourenço e o sítio Baixa Danta: lugar de oportunidades e recomeços - espaço de conflitos e frustrações.....	43
4.1 Baixa Danta e a Sedição de Juazeiro.....	46
4.2 Floro Bartholomeu e o boi mansinho.....	47
4.3 O fim da experiência comunitária no sítio Baixa Danta.....	50
CAPÍTULO II- JOSÉ LOURENÇO E O SÍTIO CALDEIRÃO: DÁDIVA PARA OS POBRES E ENTRAVE PARA AS ELITES.....	52
1 A amizade do padre Cícero e a chance de um recomeço: sítio Caldeirão - espaço de oração, trabalho e partilha	52
1.1 O Caldeirão e a experiência do cristianismo primitivo.....	54
1.2 Beato Severino Tavares e o crescimento populacional do Caldeirão.....	58

1.3 Caldeirão: um benefício para os pobres fora do regime vigente.....	61
2 A administração que supera as secas: José Lourenço e o acolhimento dos flagelados da seca de 1932.....	62
2.1O governo do Estado e a solução para os flagelados: Os campos de concentração.....	65
2.2 O campo de Buriti e o sítio Caldeirão: no município do Crato, lugares de flagelo e prosperidade.....	69
2.3 A comunidade do Caldeirão e suas relações além dos limites do sítio.....	72
3 O Caldeirão começa a ferver: Latifundiários, Igreja e Governo alinhados contra a permanência do sítio.....	75
3.1 O sítio Caldeirão e os grandes latifundiários.....	76
3.2 O sítio Caldeirão e os padres salesianos.....	77
3.3 O sítio Caldeirão e o Governo do Estado.....	79
4 O sitio caldeirão interpretado pelas elites como uma ameaça comunista.....	80
4.1 Os remanescentes do Caldeirão e o regime comunista.....	82
4.2 Severino Tavares e seu discurso anticomunista.....	83
4.3 A revolta de 1935 e o recenseamento do Caldeirão.....	84
CAPÍTULO III- A INTERRUPÇÃO DAS ATIVIDADES NO SÍTIO CALDEIRÃO: ACUSAÇÕES, PRECONCEITOS, HOSTILIDADES E MORTES.....	89
1 A irmandade do beato e o cotidiano no sítio	89
1.1 A composição da irmandade do beato: unidade na diversidade.....	90
1.2 A força de trabalho da irmandade do Caldeirão.....	91
1.3 Uma comunidade vivendo o sonho do paraíso na terra.....	93
2 O sítio Caldeirão e o beato José Lourenço sob a mira das autoridades	95
2.1 José Lourenço e Severino Tavares: exploração e trabalho escravo.....	96
2.2 O Caldeirão como reduto perigoso à ordem vigente.....	99
2.3 O beato José Lourenço e seu harém de mulheres jovens e formosas.....	100
3 A união dos poderes e a aprovação para desapropriar o Caldeirão: A experiência no sítio com os dias contados.....	102
3.1 Incursão sem resistência: sentimentos de medo e ódio.....	103

3.2 Beato Severino Tavares e capitão Bezerra: confrontos e mortes na mata dos cavalos.....	107
3.3 Beato José Lourenço e o ano de 1938: tentativa de retorno e novas perseguições.....	112
4 O beato José Lourenço no Estado de Pernambuco.....	114
4.1 Fazenda União no município de Exu-PE como lugar de refúgio.....	115
4.2 A morte do beato José Lourenço e a peregrinação até Juazeiro.....	118
4.3 A situação dos remanescentes com o fim da experiência.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	123
BIBLIOGRAFIA.....	129
ANEXOS.....	142

INTRODUÇÃO

No final da década de 80 do século XIX houve uma grande concentração de pessoas em Juazeiro do Norte, localidade do Crato, do Estado do Ceará, o que aconteceu em decorrência de um milagre que teria sido realizado pelas mãos do Padre Cícero Romão Batista. De acordo com os testemunhos, durante uma missa celebrada pelo padre Cícero, a hóstia sagrada havia se transformado em sangue na boca da beata Maria de Araújo. A notícia desse milagre logo se espalhou com grande repercussão, pela boca dos fiéis. A diocese do Ceará procurou averiguar o fenômeno, pois a notícia já estava correndo de forma acelerada por toda a vizinhança. Houve mais de uma comissão destinada à investigação desse acontecimento, quando por fim, a Igreja decidiu por preservar sua autoridade nas investigações, optando por não acreditar na veracidade do milagre. Em decorrência disso veio o afastamento imediato da beata Maria de Araújo para a Casa de Caridade do Crato, juntamente com a ordem de afastamento do padre Cícero de suas funções sacerdotais.

Foi neste contexto de agitações e também de levadas de romeiros de vários estados do Nordeste para a região do Cariri, que chegou ao distrito de Juazeiro do Norte, José Lourenço, por volta do ano de 1892. Esse homem era um descendente de escravos, nascido no Estado da Paraíba. Em Juazeiro, se integrou a uma irmandade conhecida como a dos “penitentes”. Os seguidores desta irmandade, segundo pesquisadores, se auto flagelavam, buscando assim o perdão dos pecados e a purificação. Na cidade, Lourenço conseguiu uma aproximação com o padre Cícero Romão e em pouco tempo esta relação foi se estreitando. Em virtude dessa proximidade, passou a desfrutar não somente da amizade do padre, como também da sua enorme confiança. Foi por conta desta grande amizade que este paraibano se tornou um verdadeiro discípulo do padre Cícero, que passou a ser seu grande mestre e orientador.

Entre 1894 e 1895 José Lourenço foi residir e trabalhar em um sítio de nome Baixa Danta, no Crato, sítio que havia sido arrendado a um coronel de nome João de Brito. Foi neste lugar que José Lourenço começou a exercer sua liderança, à frente de uma comunidade que começava a viver do fruto do próprio trabalho. Esta área de terra em pouco tempo se transformou em um lugar de grande produtividade.

Neste sítio revelou-se tanto o talento de José Lourenço de grande líder de uma comunidade, como também seu carisma diante de um povo desesperançado, que até então havia experimentado apenas desemprego, fome e sofrimento. Estas pessoas estavam agora diante de um programa onde todos partilhavam os bens comuns da vida, ou seja, eles na verdade estavam vivendo uma experiência nova, que remontava aos princípios vividos pelo

cristianismo primitivo, onde tudo que produziam era dividido de igual forma entre todos. Neste contexto, várias famílias de camponeses da região passaram a migrar para aquele espaço, pois o viam como um lugar de novas oportunidades e recomeços. José Lourenço, por sua vez, também não limitou o lugar a certo número de pessoas, passando a abrigar no sítio todos aqueles que queriam oportunidades de trabalho, oportunidades que certamente não encontrariam na cidade.

Em 1914 o padre Cícero estava envolvido em questões políticas com o Estado e acabou tendo sua prisão decretada pelo então governador do Ceará, Franco Rabelo. Este conflito ficou conhecido como a “sedição de Juazeiro”. José Lourenço que não havia se envolvido no conflito, decidiu ajudar o padre Cícero e os habitantes de Juazeiro, dando um jeito de lhes enviar provisões do sítio Baixa Danta, pois neste período a cidade ficou cercada pelas tropas do Estado. O que nos prende a atenção é a prosperidade em que vivia a comunidade de José Lourenço no sítio, pois foi capaz de abastecer Juazeiro com suas provisões.

Nem tudo, porém, contribuiu para o avanço econômico dos moradores da comunidade de Baixa Danta. Nos períodos de insegurança política que vivia aquela região, jagunços invadiram o sítio, causando grandes prejuízos para a lavoura. Outro acontecimento marcante que afetou a comunidade de José Lourenço foi o relacionado a um boi zebu que pertencia ao padre Cícero, mas que estava sob seus cuidados. Esse animal ficou conhecido como “Boi mansinho”, apelido que teve origem no comportamento do animal. Estranhamente, entretanto, surgiram boatos de que o povo de Baixa Danta o adorava, e mais, que o líder da comunidade estimulava esse tipo de fanatismo. José Lourenço foi preso nesta ocasião e o animal esquartejado em frente à prisão onde ele se encontrava.

Em 1926 as terras do sítio Baixa Danta foram vendidas e sem indenização alguma José Lourenço e seus amigos tiveram que sair e buscar abrigo em outro local. O padre Cícero então entrou em cena para lhes prestar socorro, enviando-os para suas terras, localizadas na chapada do Araripe, num local conhecido como “Caldeirão dos Jesuítas”. Neste novo lugar a comunidade rapidamente se estabeleceu e de forma semelhante à Baixa Danta começou novamente a prosperar, atraindo assim muitas famílias pobres da região e até mesmo de outros Estados, como foi o caso de numerosas pessoas que vinham do Rio Grande do Norte. Essas famílias ficavam sabendo do lugar e do modo de vida ali implantado pela pregação de um dos líderes da comunidade, cujo nome era Severino Tavares que, ao contrário de José Lourenço, não ficava na comunidade, preferia sair para o que considerava sua missão, anunciando o novo caminho a ser seguido.

Conforme as pessoas migravam para o Caldeirão, a mão de obra barata ficava mais escassa nas cidades e nas fazendas. Esse verdadeiro êxodo para o Caldeirão mobilizou não somente os fazendeiros, mas outras elites locais. Por esse motivo, no ano de 1936, o local foi completamente dizimado pelas tropas militares que vieram de toda a parte do Estado. Estas companhias investiram com força total sobre o sítio Caldeirão e prosseguiram com as perseguições na Serra do Araripe, em 1937, onde muitos se refugiaram. Há suspeitas de um bombardeio com aeronaves que teria matado cerca de 700 pessoas na Mata dos Cavalos, lugar da Serra onde estavam os remanescentes da irmandade do Caldeirão.

Analisando os acontecimentos e histórias que nos chegaram, podemos fazer algumas reflexões, entre elas tentar entender o que poderia ter possibilitado um ajuntamento tão grande em torno de um homem sem conhecimentos teóricos da tradição cristã e descendente de escravos como foi José Lourenço. E o que dizer da destruição de forma tão brutal e trágica de um povoado que em tempos de crise econômica era autossustentável, além de promover a igualdade e a fraternidade. Alguns historiadores brasilianistas, escreveram relatos sobre o Caldeirão, todavia omitiram ou deformaram os fatos, como por exemplo, Robert Levine, mas também grandes escritores brasileiros narraram histórias a respeito do beato José Lourenço e sua irmandade de forma folclórica ou anedótica - casos de Darcy Ribeiro e Jorge Amado.

O sítio Caldeirão foi um modelo diferenciado da sociedade de seu tempo, pois apresentou um modo alternativo de trabalho, baseado nos mutirões formados por seus moradores. Esta foi uma característica particular que o manteve sempre em boas condições de produção durante os dez anos de sua atividade na região do Crato.

No primeiro capítulo dessa pesquisa, procuro relatar acontecimentos relacionados à vida do Padre Mestre Ibiapina. Esse padre apareceu no Nordeste brasileiro como a figura matricial desse catolicismo popular, presente na vida dos beatos. Foi através das suas obras e ensinamentos que o sertanejo, já desesperançado, conseguiu sentir-se novamente inserido na relação entre o homem e Deus. Destaco posteriormente a figura do Padre Cícero e sua ação em Juazeiro, pois ele deu continuidade aos ensinamentos do Padre Mestre Ibiapina, revelando-se no grande protetor dos pobres. A efervescência religiosa de Juazeiro e sua importância nos futuros acontecimentos desencadeados na cidade por conta do “milagre da hóstia” também são contemplados neste capítulo. Procuro ainda salientar a ação de José Lourenço no sítio Baixa Danta, para que possamos compreender melhor seu trabalho, seu método de administração e sua visão de mundo.

Como embasamento teórico trabalho neste primeiro momento com os conceitos de Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros, que nos ajudam a refletir melhor sobre a ação dos

beatos naquele universo social em que viviam (*A terra da mãe de Deus*, 1988). Também lancei mão nesta pesquisa das reflexões apresentadas por Michel Löwy, baseadas em conceitos gramscianos sobre a religião (*Gramsci, marxismo e religião*, 2014) e destaco a posição de Luitgarde, que também parte de Gramsci, sobre a importância dos beatos como intelectuais orgânicos do grupo social a que pertenciam. Acredito que essas são reflexões importantes, não somente para se pensar na reivindicação dos dominados por um mundo de igualdade, mas também na reação por parte da sociedade dominante diante de tal exigência.

No segundo capítulo a pesquisa focaliza a ação de José Lourenço no Sítio Caldeirão. Procuo compreender, através da investigação das fontes, como este lugar se tornou ao mesmo tempo uma dádiva para os pobres e um entrave para as elites. Abordo as migrações para o sítio no período da grande seca de 1932, e procuro, através da pesquisa, descobrir como foi possível a José Lourenço e sua gente passar imune por uma calamidade dessa natureza, e mais, sem sofrer nenhuma perda. Ainda neste capítulo abordo o alinhamento entre os latifundiários, a Igreja e o Governo contra o beato José Lourenço e a permanência das atividades do sítio. E destaco a mobilização que havia das autoridades contra a “ameaça comunista” que representaria a comunidade do Caldeirão.

No terceiro e último capítulo trabalho os momentos que antecederam a invasão do sítio e a interrupção das atividades no lugar, dando destaque na pesquisa ao cotidiano da irmandade com ênfase no trabalho, encarado pelo grupo como forma de penitência. Também destaco a maneira como essas pessoas interpretavam esse lugar, tendo em vista a relação com o sagrado. O sentimento de medo e ódio diante da desocupação, a fuga para serra do Araripe e a tentativa de retorno também foram abordadas neste capítulo. Pelo lado das autoridades procuro trabalhar as acusações e os motivos pelos quais chegaram a conclusões tão drásticas sobre o beato José Lourenço e sua gente, a ponto de autorizarem um ataque com uso das forças aérea e terrestre. E por fim abordo os últimos anos da vida do beato na fazenda União, município de Exu, Pernambuco, e a situação dos remanescentes com o fim da experiência.

A pesquisa tem seus limites cronológicos entre as últimas décadas do século XIX até os acontecimentos finais relacionados ao Caldeirão, que chegaram aos últimos anos da década de trinta do século XX. Para esta análise trabalho com fontes bibliográficas que julgo serem confiáveis para a pesquisa atual sobre os movimentos sociais no Brasil. Os trabalhos pesquisados foram obras de autores preeminentes para o debate contemporâneo, que certamente contribuíram para a reconstrução dessa ambiência onde se desenrolaram os acontecimentos, o que me possibilitou uma análise mais criteriosa. Os jornais de época também foram fundamentais para a pesquisa. Os artigos publicados tanto no Estado do Ceará

como em outros estados do Brasil ajudaram na compreensão sobre o posicionamento da imprensa do Brasil a respeito desse trágico acontecimento. Por fim, trabalho com os documentários sobre o Caldeirão e a irmandade que ali se estabeleceu. Além das opiniões dos historiadores, os documentários tornaram-se indispensáveis para a pesquisa. Eles revelam testemunhos valiosos, tanto dos remanescentes, quanto dos contemporâneos que estavam envolvidos nos acontecimentos.

Meu desejo é que a pesquisa venha ajudar a compreender melhor, não somente os acontecimentos durante esse período, mas também a importância da vida organizada em comunidade e da religião popular naqueles acontecimentos. Este foi o caso da irmandade do sítio Caldeirão quando esteve sob a liderança do beato José Lourenço durante os dez anos de sua atividade.

CAPÍTULO I- A RELIGIOSIDADE POPULAR NA REGIÃO DO CARIRI: FÉ, TRABALHO E CONFLITOS

1 Padre Mestre Ibiapina e o catolicismo do sertão: inserção dos pobres no trabalho social e na comunhão da Igreja

O Padre-Mestre Ibiapina desenvolveu um trabalho memorável no Nordeste brasileiro nas últimas décadas do século XIX. Ele realizava grandes transformações sociais por onde passava, enquanto desenvolvia suas missões no interior do Nordeste. Ibiapina pode ser considerado como um precursor da Teologia da Libertação¹ no Brasil. Com ele os pobres novamente são inseridos na relação com Deus, através de um catolicismo conhecido como popular, ou seja, o catolicismo passa a ser percebido e desenvolvido na ótica do sertanejo.

Este cearense do município de Sobral nasceu no dia 5 de abril de 1806. Seu pai chama-se Francisco Miguel² e sua mãe Maria Teresa de Jesus. José Antonio Pereira Ibiapina era o terceiro filho do casal.³ A vida desse nordestino foi marcada por acontecimentos que talvez nos ajudem a compreender melhor sua profunda dedicação à causa dos menos favorecidos.

Ainda menino teve de deixar o município de Sobral. Seu pai o levou para Icó⁴ em 1816, pois nesta cidade Francisco havia conseguido um emprego de tabelião público. O menino Ibiapina começou então a instruir-se e chegou a fazer os estudos primários. Já em 1819 Ibiapina teve de se mudar para o município do Crato, por conta de uma transferência de emprego do seu pai. Sobre sua estada no Crato, a impossibilidade de dar continuidade aos estudos e a descoberta de sua vocação sacerdotal, o padre José Comblin, diz que:

¹ Corrente teológica cristã nascida na América Latina, depois do Concílio Vaticano II (1962-1965) e da Conferência de Medellín (Colômbia 1968). A Teologia da Libertação parte de considerar que Jesus preferencialmente fez opção pelos pobres. Para aprofundamento sobre esta corrente, ver: GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação*. Edições Loyola, 2000 e BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*. Editora Vozes, 1980.

²Havia sido preparado para o sacerdócio mas desistiu de ingressar no seminário. Trabalhou como escrivão dos correios e por conta disso levava uma vida itinerante, passando pelas cidades de Sobral, Ibiapina, Icó e, posteriormente, Crato e Fortaleza. Disponível em: <<http://www.fundacaopadreibiapina.org.br/o-patrono.html>> acesso em 01/12/2015.

³ Missão de Pe. Ibiapina no Cariri faz 145 anos. Artigo do jornalista Antônio Vicelmo. Disponível em: <<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/missao-de-pe-ibiapina-no-cariri-faz-145-anos>> acesso em 01/12/2015.

⁴ Município do Estado do Ceará. A cidade tem seu início por volta de 1682 com a chegada dos portugueses. O lugar era habitado anteriormente pelos índios tapuias. Na segunda metade do século XIX sua população foi praticamente dizimada por ocasião da grande seca de 1877. Disponível em: <<http://blog.opovo.com.br/pliniobortolotti/entrando-em-ico-uma-cidade-tombada-pelo-patrimonio-historico/>> acesso em 03/12/2015.

Lá não havia possibilidade de estudar. O vigário descobriu no menino a vocação sacerdotal e o mandou estudar latim em Jardim, onde havia um velho professor, o mestre Joaquim Teotônio Sobreira de Melo, que ensinou o latim a José Antonio. Em 1823 – José Antonio tinha 17 anos -, a família foi para Fortaleza. Mas, pouco depois, José Antonio seguiu para Olinda, destinado ao seminário e ao sacerdócio.⁵

José Antonio (Ibiapina), permaneceu pouco tempo neste seminário de Olinda⁶, indo em seguida para o Convento da Madre de Deus. Neste convento teve contatos com os padres oratorianos, que deixaram no jovem uma impressão profunda. De fato, há entre a espiritualidade dessa congregação e a espiritualidade de Ibiapina claras afinidades.⁷ Ibiapina valorizava demais o trabalho, os momentos de oração e o amor ao próximo, marcas presentes nos seus ensinamentos. Esta vocação de amor ao próximo foi uma marca significativa no sacerdócio de Ibiapina e foi percebida em vários acontecimentos que marcaram seu trabalho no Nordeste brasileiro.

No ano de 1824 eclodiu na província de Pernambuco um movimento político revolucionário conhecido como a Confederação do Equador⁸, uma reação contra a política centralizadora de Dom Pedro I. Manoel de Carvalho Pais de Andrade proclamou a independência da província de Pernambuco e enviou convites às demais províncias do Nordeste, a fim de criar a Confederação do Equador, baseada na Constituição colombiana. Ele tinha esperança de que as províncias do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Sergipe e Paraíba somassem forças à revolução, mas só recebeu um pequeno apoio do Ceará e da Paraíba. Foi pela adesão revolucionária no Ceará que Francisco Miguel e seu filho Alexandre Raimundo, irmão de Ibiapina, foram presos. A resposta do Império contra os revoltosos foi violenta. O pai de Ibiapina foi fuzilado em praça pública e o seu irmão desterrado, levado para Fernando de Noronha, onde foi morto, em circunstâncias desconhecidas.⁹ A respeito desse episódio devemos acrescentar que a família também teve seus bens confiscados.

Quanto à mãe de Ibiapina, não sabemos ao certo quando veio a falecer, mas acredita-se que tenha sido também durante este período. Ibiapina, com cerca de 19 anos, teve que

⁵ COMBLIN, Joseph Jules. *Padre Ibiapina*. São Paulo: Paulus, 2011, p.18.

⁶ O pouco que temos sobre o motivo de sua saída do seminário de Olinda aparece nas crônicas das Casas de Caridade. Ver: Comblin, Op, cit, p.18.

⁷ COMBLIN, Loc cit.

⁸ O movimento ganhou este nome por ficar próximo à linha do Equador. A revolta contou não somente com as camadas urbanas, mas com as elites regionais e os intelectuais. Frei Caneca foi considerado um dos principais líderes dessa revolução. Por esse motivo foi condenado à forca, mas sua execução foi por fuzilamento, pois não havia ninguém que aceitasse enforcá-lo. Por fim, resolveram pela execução por fuzilamento em 13 de janeiro de 1825. Para maiores esclarecimentos, ver: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/frei-caneca.jhtm>> e <http://www.historiadobrasil.net/resumos/confederacao_do_equador.htm> acesso em 03/12/2015.

⁹ COMBLIN, Op, cit, p.19.

voltar de Pernambuco e assumir a responsabilidade para com a família no Ceará. Ele levou seus irmãos menores para o Recife, colocou-os na casa de parentes e então foi para o mosteiro de São Bento para dar continuidade aos seus estudos no seminário.¹⁰

O jovem Ibiapina retornou ao seminário no ano de 1828, mas não permaneceu por muito tempo, pois acabou optando pela faculdade de Direito, que funcionava nas dependências do Mosteiro de São Bento de Olinda. Quatro anos depois saiu formado e pronto para ingressar na vida pública.

1.1 A vida pública de Ibiapina

Ibiapina exerceu por quase duas décadas, ofícios ligados à sua condição de bacharel em Direito. Durante o desempenho de suas funções foi considerado brilhante por suas qualidades profissionais e morais.¹¹ Sobre sua carreira pública a antropóloga Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros faz a seguinte descrição:

...sua vida pública se caracteriza, como advogado, juiz e deputado federal, por demonstrações de repulsa aos abusos de poder dos ricos, pela proteção aos pobres e perseguidos. Desenganara-se da possibilidade de demolir o domínio dos poderosos senhores do sertão através da justiça. Impossibilitado de combater o crime organizado no interior pela prepotência dos ricos e a corrupção da lei, demite-se da magistratura. Na câmara adere ao movimento de oposição ao governo até 1837, quando termina seu mandato. Dedicar-se à advocacia, trabalhando pelo sertão da Paraíba, e na capital pernambucana, onde se fez conhecido como bom advogado. Levava vida reservada, distante dos prazeres que sua classe social desfrutava, praticando a religião como um asceta, carregando sob sua roupa o cilício.¹²

Como Luitgarde, falando das injustiças, corrupção e impossibilidade de combater os poderosos, fatos com que Ibiapina deparou-se em sua carreira pública, o padre José Comblin diz:

Ibiapina assumiu com muito entusiasmo o seu ofício de juiz de direito. Desde a sua chegada, percorreu todas as comarcas da jurisdição e, depois de um mês, já mandou ao presidente da província do Ceará um relatório que continha todo um programa de reformas. O presidente (nome antigo do governador) não gostou e aconselhou ao jovem juiz que fosse menos ativo e menos entusiasmado.

O jovem juiz permaneceu apenas um ano no cargo. Depois de um ano, pediu demissão, que lhe foi outorgada. Várias vezes ele entrou em conflito com os chefes políticos e os fazendeiros locais que protegiam os seus pistoleiros e

¹⁰ Loc. cit.

¹¹ Ibidem, p.20.

¹² BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *A terra da mãe de Deus*. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Brasília: INL, 1988, pp.100-102.

impunham as suas decisões aos jurados nos tribunais. Amargurado, Ibiapina aprendeu logo que era impossível administrar verdadeiramente a justiça na sua região. Percebeu claramente que o governador ou presidente da província dava apoio às manobras dos “caciques” locais. Sentiu-se sem proteção e renunciou. [...] No Rio, percebeu que a política nacional não era diferente da política estadual.¹³

Diante de tantas frustrações, decidiu-se Ibiapina por se afastar, primeiro da carreira política, que havia iniciado com tanto entusiasmo e depois da forense.¹⁴ Ele tentou por diversas vezes enfrentar a oposição, mas percebeu que a sua luta na política por um país melhor era na verdade inútil, pois os governantes sempre davam um jeito de burlar as leis com suas manobras, modo de proceder que sempre favorecia os poderosos do país em detrimento dos menos favorecidos pelo sistema. No ano de 1837, após o término de seu mandato na política, resolveu dedicar-se à carreira de advogado. Trabalhou pelo sertão da Paraíba, e na capital pernambucana, onde desempenhou muito bem esse ofício, tornando-se brilhante em suas defesas.¹⁵ Para os jovens, Ibiapina era visto como um modelo a ser seguido, o defensor dos oprimidos. Muitas vezes defendeu e fez triunfar causas que outros julgavam perdidas.¹⁶

Com todo sucesso que a carreira de advogado havia lhe proporcionado, não estava em paz consigo mesmo. Depois de doze anos de muita dedicação, resolveu enfim abandonar também o trabalho na advocacia.¹⁷ Era o ano de 1850 quando o talentoso advogado resolveu viver de forma reclusa, dedicando-se ao estudo, à meditação e à contemplação. Foram três anos vivendo de forma solitária, e ele parecia totalmente desiludido de tudo que tinha experimentado até aquele momento.

1.2 Padre Mestre Ibiapina e as missões pelo sertão

Em julho de 1853, Ibiapina recebeu em sua casa um amigo, o Dr. Américo Magalhães. Eles estavam numa conversa formal quando de repente o amigo, dizendo reconhecer o talento que Deus havia lhe concedido, perguntou: “O senhor nesta vida, assim... Por que não se

¹³ COMBLIN, Op. cit. pp.21,22.

¹⁴ Na política Ibiapina exerceu as atividades de deputado federal. Foi eleito com a maior votação da província do Ceará para a legislatura de 1834 - 1837: Disponível em: <<http://www.fundacaopadreibiapina.org.br/o-patrono.html>> aceso em 08/01/2016.

¹⁵ BARROS, Luitgarde, Op. cit, p.100.

¹⁶ COMBLIN, Op. cit., p.23.

¹⁷ Uma causa que parecia ganha para Ibiapina e reverteu-se em derrota parece que foi interpretada por ele como um novo fracasso na vida. Momento em que pôs fim a sua carreira de advogado. Ver: COMBLIN (2011). Op, cit. p.23.

ordena padre?”. Houve uma pausa, e depois Ibiapina respondeu: “Sr. Américo, o senhor foi mandado hoje aqui pela Providência.”¹⁸

Ibiapina, embora tenha relutado muito a respeito dessa ideia de exercer o sacerdócio, sabia que no fundo tinha vocação para esse ministério. Comunicou-se rapidamente com o bispo de Olinda, Dom João Perdigão, que de início relutou face a uma exigência imposta por Ibiapina, que não queria voltar ao seminário, pois já se achava pronto para exercer as funções de um padre. Dom João acabou por entender que Ibiapina realmente estava pronto para prestar seus serviços à diocese e Ibiapina foi ordenado naquele mesmo ano. Posteriormente, o bispo dom João nomeou-o para Vigário-Geral do Bispado, além de professor de Eloquência Sagrada no seminário de Olinda.

Depois de três anos Ibiapina renunciou a esses dois cargos, decidindo-se pela vida de missionário.¹⁹ A partir de então deu início a sua missão pelos sertões do Nordeste brasileiro. Tornou-se um mensageiro itinerante, não pertencendo a ordens religiosas, como era o caso dos capuchinhos, lazaristas ou franciscanos. Talvez tenha sido esta autonomia que lhe permitiu desempenhar melhor a sua missão em regiões tão precárias.²⁰ Naquele tempo, muitos nordestinos encontravam-se fora da comunhão com a Igreja e Ibiapina, com seu programa missionário, pensava recuperá-los. Descrevendo as missões do Padre Mestre Ibiapina, Luitgarde Oliveira diz que:

Durante quase trinta anos ele percorrerá e missionará os sertões de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí. Carnaibinha, Picos, Jaicós, Barbalha, Caldas, Crato, Santa Luzia de Mossoró, Santa fé, Angicos, Assu, Areia, Alagoa Grande, Pocinhos, Cajazeiras, Souza, Ouricuri, Flores, Bezerros, Mata Virgem, Cabaceira, Gravatá, todo o mundo sertanejo se levantava em esperança sob a palavra condutora de Ibiapina. O antigo costume sertanejo do mutirão é revitalizado, agora para as obras públicas. O pregador inflama populações adormecidas por séculos de abandono.²¹

O povo respondia de forma positiva à mensagem de Ibiapina, e mais, se envolvia, com alegria e grande satisfação, em todos os projetos por ele idealizados. “O isolamento das populações sertanejas se desfaz ao primeiro anúncio da chegada de Ibiapina. Em Barbalha, cerca de doze mil pessoas se reúnem e constroem a casa de caridade num mês e um açude em uma semana.”²² Para ele a religião deveria ir além da denúncia de pecados e da promessa de

¹⁸ Ibidem, p.24.

¹⁹ Ibidem, p.25.

²⁰ Ibidem, p.8.

²¹ BARROS, Luitgarde, Op. cit, p.102.

²² Loc. cit.

vida eterna, ou seja, precisava de um envolvimento maior com a questão social, e isso ele estava disposto a fazer.

Enfim, o Padre Mestre Ibiapina jamais mediu esforços para ajudar e melhorar as condições de vida do povo nordestino que encontrou pelo caminho. Suas peregrinações permitiram esse contato com gente sofrida e desesperançada. Foi essa proximidade com o sofrimento alheio que lhe permitiu enxergar de outra forma a relação entre o homem e Deus. Um relacionamento não da maneira importada da Europa como faziam os sacerdotes da Igreja, mas na ótica de uma classe trabalhadora e explorada. Povo que sofria suas mazelas pelos lugares mais distantes do Nordeste brasileiro, sem a ajuda do governo e não poucas vezes, da própria Igreja oficial.

1.3 Padre Mestre Ibiapina, sua obra evangelizadora e a instituição da irmandade dos beatos e beatas

O Padre Mestre Ibiapina deixou uma grande herança para a cultura nordestina. Seu empenho em construir obras para melhorar a condição de vida dos nordestinos era impressionante. O Padre Comblin diz que Ibiapina era incansável, pois às vezes se deslocava do norte do Ceará até o norte do Rio Grande do Norte e ao Piauí. Cada uma dessas viagens supunha caminhadas de mais de mil quilômetros.²³ Nesta mesma linha de pensamento Luitgarde diz:

Sua ação evangelizadora era ao mesmo tempo civilizadora. Orientava pessoalmente a construção dos prédios das casas de caridade, ensinando a necessidade de espaço e ventilação dos cômodos, higiene e a plantação de árvores frutíferas em todos os quintais. Foi um trabalho incansável de soerguimento das camadas populares, pela valorização dos hábitos mais salutareos da cultura sertaneja. A cavalo, a pé, e já no fim – doente, transportado em rede pelos seus seguidores, Ibiapina, pela palavra e principalmente pelo exemplo, mostrava a força da utopia cristã na transformação social do seu mundo.²⁴

Conforme Ibiapina expandia seu trabalho pelos sertões do Nordeste, surgia também a necessidade de levantar homens e mulheres para que assumissem responsabilidades sobre as obras realizadas nas cidades por onde passava. Esse é um ponto muito importante da pesquisa, pois Ibiapina já havia sofrido censura da Igreja por desenvolver seu sacerdócio com certa autonomia e, segundo o bispo de Fortaleza, cometer alguns exageros por conta do seu fervor religioso. Ibiapina fundou a irmandade dos beatos e beatas, o que aprofundará a crise que

²³ COMBLIN, Op. cit. p.30.

²⁴ BARROS, Luitgarde, Op. cit, p.103.

começou a se instalar entre ele e a Igreja. Sobre este assunto, a professora Luitgarde entende que:

O elemento que irá despertar desconfiança mais acentuada dos métodos do pregador será a instituição dos beatos e beatas, sem a autorização das autoridades da igreja, que consideram essa autonomia uma desobediência às prescrições canônicas.²⁵

Os beatos tinham uma enorme responsabilidade nas Casas de Caridade fundadas por Ibiapina. O padre confiava a eles todo o serviço mais pesado da casa, assim como a responsabilidade pela propriedade, e também pelo sustento das beatas, das órfãs e dos enfermos.²⁶ Eram autorizados a pedir esmolas em casos mais extremos. Esses beatos eram homens que ensinavam ofícios - pois eram vaqueiros, agricultores e até professores -, quando havia uma escola anexa para meninos.²⁷ Padre Comblin diz que, dois deles ocuparam lugar quase mítico nas Casas de Caridade: irmão Antonio e irmão Inácio. Antonio, trabalhou na Casa de Caridade de Santa Fé, por 54 anos ininterruptos, foi um grande professor e, apesar do convite, não quis ser padre.²⁸ Quanto ao irmão Inácio, sabemos que era um asceta. Sua missão era bem diferente do irmão Antonio. Na seca de 1877, o irmão Inácio viajou por vários estados do Nordeste com a intenção de conseguir recursos para os flagelados. Este beato estava tão imbuído por sua missão que chegou até o Rio de Janeiro, no ano de 1878. Em nota explicativa Luitgarde cita a descrição desse acontecimento por Monsenhor Duarte:

Foi neste quadro doloroso que o irmão Ignácio, indo ao Rio de Janeiro, conquistou uma simpatia e consideração tal em fervor da caridade e destas casas do Norte, que obteve de esmolas vinte e dois contos de réis, sendo todo o povo tão disposto a favorecê-lo com esmolas, que foi obrigado a voltar para receber a continuação desse favor providencial. Tal a impressão que causou pela causa que ocupava, que teve a consolação de ver a seu favor grandes notabilidades políticas e sociais, como bispos, deputados e senadores, mulheres, crianças e meninas. Todas as folhas que se ocupavam em discussões políticas e odiosas, depuseram as penas para só do Irmão Ignácio se ocuparem e ajudarem a empresa da caridade...No ambiente criado pelas notícias, o beato impressionou a Corte e as esmolas lhe choveram na sacola. Em Niteroy o vigário exerceu especial interesse pela colheita. Damas e moças ajudavam o esmolar. Vinte e dois contos trouxe Ignácio para as mil órfãs das casas de Ibiapina, além dos pobres socorridos nas portarias e dos que ficavam nus, no mato, esperando o pedaço de pano para cobrir o corpo e o bocado para a boca aberta de fome.²⁹

²⁵ Ibidem, p.104.

²⁶ Ibidem, p.105.

²⁷ COMBLIN, Op. cit. p.49.

²⁸ Ibidem, pp.49,50.

²⁹ MARIZ, Celso. *Ibiapina um apóstolo do nordeste*. João Pessoa, União Ed., 1942 apud BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *A terra da mãe de Deus*. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Brasília: INL, 1988, pp. 105,106.

Percebe-se na atuação do beato Inácio que foi realmente discípulo do Padre Mestre Ibiapina. O que ele praticava era uma nova forma de cristianismo, baseado numa religiosidade prática, ou seja, de quem se preocupa todo o tempo com o sofrimento de quem está ao redor. Inácio se põe a caminho, disposto a levar alívio ao desespero dos nordestinos. Mas ele mesmo era um homem desprovido de qualquer tipo de bens materiais, vestia-se com muita simplicidade, andava descalço e sem chapéu. Parece que esse beato viveu para servir, assim como o seu mestre, padre Ibiapina. Mesmo com o sucesso da sua viagem ao Rio de Janeiro, onde conseguiu recursos que superaram todas as expectativas, permaneceu com a mesma simplicidade de sempre. Nas palavras do Padre Comblin: “Foi um grande êxito que não conseguiu diminuir-lhe a humildade.”³⁰

As beatas também desempenharam um papel importantíssimo nas Casas de Caridade. Essas irmãs que atenderam ao chamado de Ibiapina e ali serviram, tiveram suas vocações despertadas pelo apelo do Padre Mestre. Nas Casas de Caridade a dedicação precisava ser total. Além dos afazeres domésticos, as irmãs cuidavam dos animais, da horta, da escola, das órfãs, dos pobres, dos doentes, das crianças desamparadas e ainda acolhiam viajantes e romeiros. A igreja oficial perdendo o seu domínio em relação ao povo nordestino, logo se manifestou contra os missionários e especificamente contra o Padre Ibiapina.³¹ Para o catolicismo oficial, a proximidade entre a Igreja e o povo devia ser unicamente para administração dos sacramentos. Os bispos chegaram inclusive a atrair freiras da Europa, mas estas instalaram colégios para a classe dirigente, pois não quiseram ou não puderam ser as *mães da pobreza*, como as irmãs de Ibiapina.³²

Nas últimas décadas do século XIX acontece à separação entre a Igreja e o Estado. Algumas medidas são tomadas para a reestruturação da Igreja, visando entre outras coisas, afirmar sua autoridade institucional e hierárquica, estendendo-se sobre todas as variações populares do catolicismo³³. Se referindo a este período, Antônio G. Mendonça acredita ser este um capítulo da extensa história da luta entre o poder espiritual e temporal.³⁴ Para esse autor, o conflito entre o esforço para centralizar de maneira definitiva o poder religioso em Roma e a forte resistência galicana em diversos lugares, agudizado pelas tendências

³⁰ COMBLIN, Op. cit. p.50.

³¹ Ibidem, p.46.

³² Loc. cit.

³³ DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Tradução: Maria Yeda Linhares. 3ª ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2014, p. 359. Nota explicativa nº 33 do primeiro capítulo (As origens sociais do milagre), onde o autor cita o conceito de “romanização” (“Igreja romanizada”) desenvolvido por Roger Bastide. Della Cava afirma ter se inspirado na análise desse autor para a noção de “romanização” do catolicismo brasileiro.

³⁴ MENDONÇA, Antônio Gouvêa & FILHO, Prócoro Velasques. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. 2ª ed. Edições Loyola, São Paulo, 2002, p.68.

liberalizantes do espírito moderno, vai produzir uma reação por parte da Igreja normalmente chamada de “romanização”.³⁵

Para Luitgarde a romanização é importante para explicar o posicionamento da Igreja face aos movimentos religiosos populares e no confronto com o Estado brasileiro. Mas para entendermos os movimentos das baixas camadas do Nordeste esse fenômeno entra como complementar.³⁶ Segundo ela:

...se a alta hierarquia católica se romaniza, ela vai precisar por outro lado de sacerdotes que estabeleçam o contato com as baixas camadas. Ora, esse contato trará a esses funcionários ideológicos da Igreja a convivência com outra concepção de mundo, com o universo da práxis social distante da metafísica dos seminários, isto é, leva-os ao mundo sócio-econômico das baixas camadas do catolicismo popular.

Numa região de cultura integrada, como a do sertão nordestino, com sua especificidade estrutural, esse contato, quando vivido coerentemente pelo intelectual católico como pelo menos intelectualizado seguidor, desenvolveu, naquele período de profundo abalo das convicções centenárias, um posicionamento muito mais próximo das tendências autonomistas e voltadas para a vida prática da concepção de mundo do catolicismo popular.³⁷

Neste sentido, para Luitgarde, tanto o padre Cícero, como outros padres sertanejos foram alcançados pela pregação desse conteúdo utópico religioso, ou seja, eles conheceram a potencialidade revolucionária da utopia cristã. Libertada do idealismo teórico, trazida por padre Ibiapina, um pregador que fala a linguagem e sofre o sofrimento de seus seguidores.³⁸

O Padre Mestre Ibiapina foi o grande responsável pela inserção social dos pobres no trabalho, na fé e na comunhão com a Igreja.³⁹ Luitgarde destaca na figura de Ibiapina sua grande contribuição “não apenas na religião, como na saúde, educação e na arquitetura do Nordeste”.⁴⁰ Quanto à ordem dos beatos, diz ela:

A existência dessas ordens de beatos, pelo contato íntimo com a vida sertaneja e domínio de seu universo cultural, a religiosidade prática, por sua pertinência às camadas mais baixas da hierarquia social, é responsável pela sedimentação das condutas sociais cada vez mais distantes das sofisticações teológicas da cúpula da Igreja. Toda formação religiosa das camadas populares se concretizara nos beatos e seus seguidores, constituindo o

³⁵ Loc. cit.

³⁶ BARROS, Luitgarde, Op. cit, p.99.

³⁷ Ibidem, p. 99,100.

³⁸ Ibidem, p.100.

³⁹ Neste caso devemos entender “Igreja”, na apresentação feita por Ibiapina, ou seja, na ótica do povo sofrido dos sertões nordestinos, que embora se considerasse católico, agora percebiam essa relação entre o fiel e a igreja, contemplada pelo seu próprio modo de viver, e não mais naquela relação tão somente teórica e desprovida de prática, apresentada pelos padres da Igreja oficial.

⁴⁰ Disponível em:< <http://ihu.unisinos.br/noticias/545565-padre-ibiapina-o-teologo-da-libertacao-em-pleno-seculo-xix>> acesso em 09/12/2015.

catolicismo popular no Nordeste, criador das cidades santas, mantenedor de Juazeiro do Padre Cícero.⁴¹

Para Luitgarde, os beatos, a partir de um determinado momento, procuraram modificar radicalmente o universo social em que viviam.⁴² Sobre esta questão de reorientação do mundo para as condições reais da vida prática, observada pelos beatos no Nordeste brasileiro, faz a seguinte observação:

A singularidade sócio-econômica do sertão nordestino, livre e semilivre, possibilitou uma sociedade bastante criadora, onde se gerou uma cultura popular de muita riqueza temática e histórica. A consequência mais imediata da cultura popular é o surgimento de muitos homens do povo produtores de ideologia. As lendas, os provérbios e os exemplos, o conteúdo das mensagens das histórias de heróis e bandidos – a sabedoria do herói popular, é todo um universo ideológico de reflexão sobre a natureza e a sociedade vivida. Mediando ideologicamente esse universo, o código simbólico, a mensagem mais presente à reflexão do homem sertanejo é a mensagem cristã.⁴³

Neste caso os beatos tornam-se os mediadores da mensagem cristã, por eles decodificada. Esta mensagem visava a igualdade e a irmandade entre os homens e agora passava a fazer parte da vida dos sertanejos. Certamente ela entraria em conflito, não somente com a leitura feita pelos padres da Igreja oficial, mas também com toda a classe dominante. Sobre esse conflito, criado pela religião cristã, o pesquisador marxista, Michael Löwy, traz à tona uma questão de suma importância para reflexão, citando Gramsci, e seu pensamento sobre a religião, diz que este teórico assim a define:

A religião é uma utopia [...] é a mais gigantesca metafísica que a história jamais conheceu. É a tentativa mais grandiosa de reconciliar de forma mitológica as verdadeiras contradições da vida histórica, ou seja, fora da realidade.

A religião (cristã) pretende que os seres humanos são todos filhos de Deus, portanto, todos iguais, todos livres, mas ela diz que isto não é deste mundo, é de um mundo que está mais além, é do céu [...] mas afirmando que todos os seres humanos são filhos de Deus, irmãos, todos iguais e livres, a religião cristã lançou as ideias de igualdade, fraternidade e liberdade, que fermentaram entre os seres humanos; seres humanos que descobriram que eles não são nem iguais, nem irmãos dos outros homens, nem livres. Então a partir daí que vêm todas as mobilizações radicais da multidão, a partir dessas exigências.⁴⁴

⁴¹ BARROS, Luitgarde, Op. cit, p.106.

⁴² Ibidem, p.30.

⁴³ Ibidem, p.143.

⁴⁴ Canal Boitempo - Palestra de Michael Löwy – *Gramsci, marxismo e religião* (Curso/Aula 4). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=0vOGttCtLwo> > acesso em 05/01/2016.

Ainda seguindo o pensamento gramsciano, Michael Löwy diz que essa análise é ambivalente, ou seja, por estar fora da realidade ela é uma utopia, ela é uma construção metafísica, transcendental. Mas ao afirmar que enquanto filhos de Deus somos todos iguais, ela lançou o germe da revolução.⁴⁵ Os beatos e beatas são aqueles que vão despertar o sentimento nordestino para atualizar esse tempo no “agora”, ou seja, realizar as promessas escatológicas do bem comum para todos, ainda nesta vida.⁴⁶ Esse não era o pensamento da classe dominante conforme já observamos, pois estava disposta a manter sua hegemonia, esforçando-se ao máximo para perpetuar sua dominação. Neste caso adaptar a mensagem cristã às novas necessidades, realmente poderia ser um germe revolucionário conforme a exposição de Michael Löwy.

Esses beatos e beatas assumiram aos poucos uma posição mais destacada no Nordeste brasileiro. A própria ausência dos padres católicos no cotidiano do nordestino colaborou para essa ascensão.

Em 1889 um acontecimento transformou a cidade de Juazeiro. A história girou em torno de uma beata de nome Maria de Araújo. Essa mulher, de 28 anos, transformou-se na protagonista de um “milagre”, que fez Juazeiro viver uma grande efervescência religiosa nos últimos anos do século XIX. O acontecimento entrou para a nossa história como “*o milagre da hóstia*”.

A beata Maria de Araújo, apesar de toda simplicidade, tornou-se uma figura importantíssima na cidade de Juazeiro. A presença do padre Cícero Romão e da beata, atraiu milhares de romeiros para a cidade, o que fez a população de Juazeiro aumentar consideravelmente. Sobre este deslocamento de romeiros para a cidade, Ralf Della Cava, diz: “Eles continuavam a convergir todos os anos para Joaseiro (sic). Muitos lá se instalavam. Entre 1890 e 1898, a população da cidade mais que duplicou, ultrapassando 5 mil habitantes; em 1905, subiu para 12 mil; em 1909, chegou a 15 mil”.⁴⁷ Essa grande manifestação religiosa em Juazeiro, é um dos assuntos do nosso próximo tópico.

2 Juazeiro do padre Cícero Romão Batista: milagre, sedição e seca

O padre Cicero Romão Batista chegou à cidade de Juazeiro para fixar residência, no ano de 1872. Ele havia sido recém-ordenado ao sacerdócio pelo Seminário Diocesano de

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ BARROS, Luitgarde, Op. cit, p.144.

⁴⁷ DELLA CAVA, Op. cit, p.156. Ralf Della Cava estava baseado nas seguintes fontes: a) Descrição da cidade do Crato em 1882 pelo dr. Gustavo Horácio; b) Livro do registro do Apostolado da Oração do santíssimo Coração de Jesus, 1898; c) Rascunho da carta de José Marrocos `Câmara Federal, 1906; d) A povoação de Joaseiro, 1909. Embora entenda que os dados são esparsos e, muitas vezes, de exatidão duvidosa.

Fortaleza, Ceará. Cerca de um ano antes, o padre Cícero já havia visitado este povoado.⁴⁸ Esse lugarejo, a princípio, era um distrito da cidade do Crato, muito simples e ainda pouco habitado. Nas palavras de Luitgarde:

Esse acanhado lugarejo tinha de trinta a cinquenta casas, segundo os diferentes autores, com cerca de trezentos habitantes, se originara, como tantos outros do Nordeste, duma pequena capela de fazenda mandada construir em honra de Nossa Senhora das Dores, pelos antigos fazendeiros em 1827.⁴⁹

Depois da chegada do padre Cícero, Juazeiro do Norte não foi mais a mesma cidade. Em pouco tempo seu carisma e prestígio iriam conquistar o povo daquela região. Segundo o historiador Ralf Della Cava, o padre Cícero, a princípio, não tinha nenhuma intenção de ficar na cidade, e não desejava o cargo de capelão que estava vago e que lhe fora oferecido pelos seus eminentes anfitriões.⁵⁰ Então, qual teria sido a causa do padre mudar de ideia tão rapidamente e assumir responsabilidades sacerdotais naquele lugar? Acredita-se que o padre Cícero teria até outros motivos para ficar em Juazeiro, mas segundo relato do próprio padre, a causa principal foi um sonho que ele teve. Baseado num relato antigo, Della Cava narra o sonho do padre:

Treze homens em vestes bíblicas entraram na escola e sentaram-se em volta da mesa do professor, numa disposição que lembrava o quadro A última ceia, de Leonardo da Vinci. O padre sonhou, então, que acordava e se levantava para espiar os visitantes sagrados, sem que estes o vissem. Nesse momento, os doze apóstolos viraram-se para olhar o Mestre. De acordo com o relato desse sonho, Cristo apareceu na escola tal como no retrato litúrgico popular do século XIX, que se encontrava em quase todos os lares piedosos da época. Nesse quadro, o coração do Nazareno, visivelmente exposto, está representado de maneira simbólica como se incendiado de amor pelos homens e, ao mesmo tempo, despedaçado e sangrando por causa das feridas infligidas pelos pecados da humanidade e pela indiferença a fé. Conhecido pelo nome de Sagrado Coração de Jesus, era esse quadro, naquele tempo, objeto de grande devoção religiosa e popular na Europa, sobretudo na França, e no Brasil, devoção essa que assegurava a seus fiéis praticantes a salvação, quer das chamas eternas do inferno, quer das intermináveis adversidades terrenas.

No momento em que o Cristo imaginário levantava-se para dirigir a palavra a seus apóstolos, um bando de camponeses miseráveis entrou, de repente, na escola. Carregando seus parcos pertences em pequenas trouxas sobre os ombros, estavam os homens e as mulheres vestidos de farrapos, e as crianças nem isso tinham. Davam a impressão de vir de muito longe, de todos os recantos dos sertões nordestinos. Cristo, então, virou-se para eles e falou, lamentando a ruindade do mundo e as inumeráveis ofensas da humanidade

⁴⁸ A respeito dessa viagem a Juazeiro antes de fixar sua residência em 1872, Ver: BARROS, 1988.

⁴⁹ BARROS, Luitgarde, Op. cit, p.116.

⁵⁰ DELLA CAVA, Op. cit, p.56.

ao Sacratíssimo Coração. Prometeu fazer um último esforço “para salvar o mundo”, mas, caso os homens não se arrependessem depressa, poria fim ao mundo que Ele mesmo havia criado. Naquele momento, apontou para os pobres e, voltando-se de repente para o jovem sacerdote estarecido, ordenou: “E você, padre Cícero, tome conta deles”.⁵¹

O padre, em obediência ao que acreditava ser verdadeiramente um chamado especial do próprio Cristo para o cuidado daquele povo, decidiu-se então por desempenhar em Juazeiro suas funções sacerdotais. Acredita-se que o padre Cícero tenha sido profundamente tocado pelos ensinamentos do padre Ibiapina. Seu pai, Joaquim Romão Batista, era seguidor das pregações de Ibiapina, e o menino Cícero cresceu nesta ambiência, onde florescia o fervor religioso dos nordestinos. Sobre essa formação piedosa do caráter do Padre Cícero e sua opção pelo sacerdócio, Luitgarde escreveu:

Os biógrafos do Padre Cícero são unânimes em retratá-lo, nessa fase, como uma criança e um adolescente já tocados pelo fervor religioso do mundo sertanejo de sua época. O ambiente familiar de profundo respeito ao Padre Ibiapina, a leitura da vida dos santos, a assiduidade à Igreja, a vivência das missões, formam o clima de religiosidade de sua vida. Mas, principalmente a leitura da vida de São Francisco de Sales determinará, como ele próprio deixará escrito em testamento, sua decisão de se dedicar ao sacerdócio.⁵²

Padre Cícero desenvolveu um trabalho bem parecido com o modelo já conhecido de Ibiapina. Procurou viver de forma intensa essa relação com o povo sofrido do lugar, e mais, também desejou ardentemente auxiliá-lo em suas carências. Em Juazeiro, fez com que os homens parassem de beber e obrigou as prostitutas a confessar seus pecados, cumprindo penitência pública e emendando suas vidas. Diz-se que Juazeiro retornou à ordem em pouco tempo, graças ao trabalho de seu capelão.⁵³ Segundo a descrição de Gregg Naber: Padre Cícero, conduziu-se como um capelão exemplar, implantando uma série de inovações, como uma sede local da sociedade de São Vicente de Paula, unindo seus paroquianos a um universo católico bem mais amplo.⁵⁴

Mas nem tudo em Juazeiro transcorreu do jeito que o padre Cícero desejava para seu sacerdócio. No ano de 1889, a cidade viveu uma efervescência religiosa como nunca antes, por conta do referido milagre. Muitos romeiros foram em peregrinação para Juazeiro e o

⁵¹ Ibidem, Op. cit, pp.56,57. Ralf Della Cava diz que seu relato é uma paráfrase do que se encontra em Macedo, A pedido [...] 1955, RGM - Arquivo pessoal de Dr. Raimundo Gomes de Mattos – Fortaleza (CE).

⁵² BARROS, Luitgarde, Op. cit, p.107.

⁵³ DELLA CAVA, Op. cit, pp.79,80.

⁵⁴ NARBER, Gregg. *Entre a cruz e a espada: violência e misticismo no Brasil rural*. Tradutores: Paulo Roberto Leite Salgado e Eduardo Soares de Freitas. 1ª ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2003, p.77.

padre Cícero acabou se envolvendo no acontecimento de tal maneira que três anos depois, teve suas ordens sacerdotais suspensas pelo bispo do Ceará, D. Joaquim José Vieira.

Num primeiro momento, além do chamado “*milagre da hóstia*”, separei mais dois eventos envolvendo o padre Cícero, a *Sedição de Juazeiro* e a *Seca de 1915*. Estes três acontecimentos que serão relatados a seguir, são de suma importância, não somente para reviver a ambiência da época, mas para entendermos melhor o nosso objeto de pesquisa, ou seja, o beato José Lourenço e sua comunidade. Durante o desenvolvimento do tema, retomarei vez por outra, esses três incidentes.

2.1 O milagre da hóstia

Padre Cícero se espelhou bastante nas ações do Padre Mestre Ibiapina. Em Juazeiro também procurou recrutar mulheres solteiras para formar uma irmandade que pudesse trabalhar com maior dedicação em favor do povo carente da região. Neste caso, as Casas de Caridade fundadas anteriormente por Padre Ibiapina serviram realmente como modelo inspirador. Padre Cícero recebeu várias mulheres que se colocaram disponíveis para o serviço. Muitas eram de posição social bem modesta e algumas de instrução mais elevada. Para Ralf Della Cava, uma das mais notáveis beatas chamava-se Isabel da Luz, que se tornou conhecida como uma das melhores professoras daquele povoado.⁵⁵

Outra beata que teve seu nome marcado na história de Juazeiro, foi Maria Araújo. Era de origem humilde e seus pais faleceram quando ainda era muito menina. Como era órfã, passou a ser assistida pelo padre Cícero, tornando-se uma das mais devotas seguidoras dos ensinamentos por ele ministrados e morava, inclusive, com a família do padre. Maria de Araújo protagonizou o que conhecemos hoje como “*o milagre da hóstia*”, realizado durante a comunhão dada pelas mãos do Padre Cícero.

Era o mês de março de 1889⁵⁶, Maria de Araújo estava na companhia de outras mulheres na Capela de Juazeiro para participar de um ato de grande reparação ao Sagrado

⁵⁵ DELLA CAVA, Op. cit, p.80. A antropóloga Luitgarde Oliveira diz que Isabel da Luz era beata do Padre Ibiapina na Casa de Caridade do Crato.

⁵⁶ No IV Simpósio Internacional sobre o padre Cícero, realizado em 2014, a pesquisadora Fátima Pinho apresentou novidades a respeito do *milagre da hóstia*, protagonizado pela beata Maria de Araújo. Segundo ela os fatos milagrosos ocorridos em Juazeiro, começaram a ser divulgados na imprensa em 1887, e não apenas a partir de 1889. Para Fátima, antes de 1889, as publicações referiam-se à beata Maria de Araújo como Maria de Jesus. A descoberta ocorreu a partir de uma ampla análise junto às publicações relacionadas ao município. Jornais de outros Estados, além do Nordeste, chegaram a publicar os fatos ocorridos em Juazeiro, a exemplo do Amazonas, Pará e Espírito Santo. A pesquisa de Fátima Pinho foi muito elogiada pelas novidades apresentadas neste encontro. Retirado de: *Diário do Nordeste: Avanços nas pesquisas sobre padre Cícero*. Disponível em: <<http://diarionordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/avancos-nas-pesquisas-sobre-padre-cicero-1.1156617>> acesso em 20/07/2016. Sendo Maria de Jesus e Maria de Araújo a mesma pessoa, devemos entender

Coração de Jesus. As chuvas de inverno não haviam chegado até aquele momento e o medo da seca e da fome começava a afligir os habitantes da região. Por todos os lugares se promoviam atos de devoção.⁵⁷ Foi nesse ambiente de total dedicação que se reuniram, na primeira sexta-feira de março, muitos devotos, na capela de Juazeiro. A beata Maria de Araújo era apenas mais uma mulher simples daquela localidade entre outros muitos que compartilhavam os mesmos sentimentos. O padre Cícero, durante a noite, deu início à comunhão, entrando pela madrugada.

Tudo o que aconteceu neste episódio está relatado na carta resposta do padre Cícero à interpelação de Dom Joaquim, seu superior, pois a mesma traz detalhes riquíssimos desse incidente em que esteve envolvido com a beata. A seguir uma pequena parte dessa extensa carta escrita em janeiro de 1890:

Passei toda a noite confessando homens da igreja, aonde passavam também orando seis ou oito mulheres que faziam parte da irmandade, com pena delas, interrompi o trabalho, fui despachá-las, dando-lhes a comunhão das quatro e meia para as cinco horas, antes dos outros!

Quando dei à beata Maria de Araújo, que era a primeira – a sagrada forma, logo que a deposei na boca, imediatamente, transformou-se em porção de sangue, que uma parte ela engoliu, servindo-lhe de comunhão, e a outra correu pela toalha, caindo algum no chão; eu não esperava e vexado para continuar as confissões interrompidas, que eram ainda muitas, não prestei atenção e por isso não aprendi o fato, na ocasião em que se deu; porém, depois que deposei a âmbula no Sacrário, eu vou descendo, ela vem entender-se comigo cheia de aflição e vexame de morte, trazendo a toalha dobrada, para que não vissem e levantava a mão esquerda, aonde nas costas havia caído um pouco e corria um fio pelo braço e ela com o temor de tocar com a outra mão naquele sangue, como certa que era a mesma hóstia conservava um certo equilíbrio para não gotejar sangue, no chão.

Eu, que conheço a sinceridade e a simplicidade desta criatura, a confusão e o vexame com que estava, nem sequer eu tinha dúvida da verdade que via, voltei com ela e na credência, onde tinha um copo com água, purifiquei a que havia, nas mãos e no braço, com um pouco que tinha caído na murça, dei a beber, indo depois purificar o que tinha caído no chão, no lugar da comunhão.⁵⁸

Este acontecimento fez com que Juazeiro vivesse uma enorme agitação. A notícia se espalhou rapidamente por toda a vizinhança⁵⁹, o que acabou atraindo inúmeros romeiros que

que a data de 1889 foi marcada pelo desencadeamento das perseguições da igreja ao padre Cícero, mas que o fenômeno já vinha acontecendo a pelo menos 2 anos antes.

⁵⁷ Ibidem, p.84.

⁵⁸ MAIA, Pe. H.M. “Pretensos Milagres em Juazeiro”. Petrópolis. Oficinas Gráficas da Editora Vozes. 1974, pp. 31 a 33. apud BARROS, 1988, Op. cit, pp. 190 a 192.

⁵⁹ No dia da festa litúrgica do Precioso Sangue, o reitor do seminário do Crato, monsenhor Monteiro, comandou uma romaria de 3 mil pessoas até a cidade de Juazeiro. Diante de milhares de pessoas proferiu um sermão sobre a Paixão e Morte de Cristo. Após o sermão, monsenhor Monteiro sacudiu alguns panos manchados de sangue, alegando ser da hóstia de Maria de Araújo, ao mesmo tempo declarava entusiasmado, que aquele era o sangue do

vinham de vários lugares, inclusive de outros estados. Por conta desse episódio, o padre Cícero foi afastado de suas funções sacerdotais pelos superiores da Igreja. A beata Maria de Araújo não teve melhor sorte: foi recolhida à Casa de Caridade do Crato onde permaneceu enclausurada até seu falecimento em 1914. Ela ficou conhecida como Maria do Juazeiro, a beata do milagre e passou a ser adorada por milhares de nordestinos. Em 1931, seu túmulo, que ficava na Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Juazeiro, foi violado e seus restos mortais foram saqueados e nunca mais foram encontrados.⁶⁰

2.2 O Padre Cícero e a Política: a Sedição de Juazeiro

Em maio de 1908 chegava a Juazeiro à procura do padre Cícero o doutor Floro Bartholomeu da Costa. Este médico veio acompanhado de um amigo francês chamado Adolphe Achille van den Brule⁶¹. Falaram com o padre que trabalhavam na exploração de minas e que estavam interessados em garimpar nas terras do sacerdote, localizadas no sítio Coxá. Eles acreditavam que por baixo do mandiocal que brotava na superfície existiria uma fortuna incalculável, ou seja, acreditavam que a fazenda estivesse encravada sobre uma imensa jazida de cobre.⁶² Mas as coisas não eram tão simples de se resolver em relação a essas terras. Havia problemas na justiça no tocante aos limites do terreno e também sobre seus verdadeiros proprietários. Floro e seu amigo se disponibilizaram para fazer as negociações na justiça, pois o doutor também era tabelião e como rábula, já advogara no interior da Bahia e Pernambuco.⁶³ Os dois amigos conseguiram conquistar em tempo muito breve a confiança do padre Cícero. A partir de então o doutor Floro passou não somente a ser procurador do padre, mas também seu médico particular. Os viajantes acabaram por fixar morada em Juazeiro. Floro, de simples forasteiro, com o correr dos anos, transformou-se no comandante dos destinos políticos da cidade por quase duas décadas consecutivas.⁶⁴ Para Luitgarde: Em Floro Bartholomeu o padre encontrava juventude e coragem para enfrentar a hierarquia católica, um doutor, alguém capaz de se fazer na sociedade política, um porta voz de Juazeiro frente aos

próprio Jesus Cristo. Eventos como este que contavam com o apoio de autoridades regionais, contribuíram de forma significativa para a divulgação do acontecimento protagonizado pela beata. Ver: DELLA CAVA, Op. cit, pp.84,85.

⁶⁰ Disponível em: <<http://pt.cyclopaedia.net/wiki/Beata-maria-de-araujo>> acesso em 16/12/2015.

⁶¹ Adolphe Achille van den Brule já havia visitado a região do Cariri em 1904 e encontrado cobre em Coxá. A notícia da exploração do terreno por fazendeiros hostis sem a sua participação em 1907 fez com que ele retornasse às pressas ao Cariri. Ver: DELLA CAVA, Op. cit, p.180.

⁶² NETO, Lira. *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.294.

⁶³ Loc.cit.

⁶⁴ Artigo de Fernando Maia da Nóbrega. “Dr. Floro Bartolomeu da Costa”. Disponível em: <<http://historiadejuazeiro.blogspot.com.br/2015/04/dr-floro-bartolomeu-da-costa-fernando.html>> acesso em 11/01/2017.

poderes locais, regionais e nacionais.⁶⁵ Provavelmente foi pela influência do médico baiano que o padre acabou ingressando também no campo político.

Padre Cícero, em 1911, decidiu sair de sua posição de neutralidade com relação à política do Ceará. Juazeiro do Norte, neste ano, foi elevada à condição de cidade e Padre Cícero aceitou ocupar o cargo de seu prefeito. Esta mudança de posição do padre gerou uma série de opiniões controversas. Para seus adversários, ele somente queria riqueza e poder, enquanto que para seus admiradores era uma ação bem-intencionada por parte do clérigo.⁶⁶ Por tudo que o padre havia representado para Juazeiro até aquele momento da independência podemos acreditar que realmente suas intenções eram as melhores para a cidade. Em uma carta escrita para o presidente do Ceará, em 1911, antes mesmo da autonomia de Juazeiro, o padre revelava sua preocupação com a possibilidade da cidade ter como prefeito “outro cidadão”, identificado nesta carta como major Joaquim Bezerra de Menezes, um fazendeiro rico da região.⁶⁷ Percebe-se que já havia uma disputa política pelo cargo de primeiro prefeito da cidade, antes mesmo de Juazeiro conseguir sua autonomia. O Padre Cícero venceu a disputa e assumiu como prefeito da cidade. Segundo Luitgarde, o ato de independência de Juazeiro, antes mesmo do pacto oficial dos coronéis (ver adiante), trouxe ao Padre Cícero a solidariedade de vários chefes políticos da região.⁶⁸ Esses homens garantiam fidelidade ao novo prefeito e ao seu governo. Eram pessoas de bastante influência na região e fora dela. O padre, que por quase quatro décadas se posicionava como defensor dos pobres e oprimidos, tornava-se agora também chefe dos senhores do Cariri.⁶⁹ Ele tinha, a partir desse momento, não só apoio moral, mas armado, para enfrentar qualquer tipo de oposição a sua administração.

Ainda no ano da posse do padre Cícero, temos conhecimento de que as disputas internas enfraqueciam cada vez mais o bloco coronelista e a oligarquia Accioly, que dominava no Estado, começava a sentir o seu declínio. A 4 de outubro de 1911 foi estabelecido em Juazeiro o “*Pacto dos Coronéis*”. Sobre esta aliança Rui Facó, disse: “Este pacto é um sinal de debilidade, um prenúncio de decadência do coronel tradicional, do potentado do interior, outrora absoluto de seu feudo e em disputa constante com os feudos vizinhos.”⁷⁰ O pacto também visava manter no poder a oligarquia Accioly que, afinal de

⁶⁵ BARROS, Luitgarde, Op. cit, p.264.

⁶⁶ DELLA CAVA, Op. cit, pp. 175,176.

⁶⁷ Ibidem, pp.176,177.

⁶⁸ BARROS, Luitgarde, Op. cit, p.269.

⁶⁹ Loc. cit.

⁷⁰ FACÓ, Rui. *Gangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas*. 5ª edição. Rio de Janeiro. Editora: Civilização Brasileira, 1978, p.149.

contas, fazia uma política que era favorável aos grandes latifundiários. Embora em constantes desavenças uns com os outros, nesta hora estabelecia-se um protecionismo entre esses coronéis, para assegurar e perpetuar no poder quem sempre governou em benefício dos grandes proprietários de terras na região do Cariri, ou seja, o governo Accioly. Mas nem tudo correu do jeito como planejavam, pois em menos de quatro meses depois do *Pacto*, a oligarquia Accioly caiu.

Esta oligarquia, que dominou o Ceará de 1896 a 1912, deu lugar ao governo de Franco Rabelo⁷¹, um oficial do Exército, homem que desfrutava de ampla popularidade tanto entre a burguesia comercial como entre a pequena burguesia de fortaleza e das principais cidades do Estado. Foi um golpe muito duro nos grandes latifundiários do Cariri.⁷²

Em dezembro de 1913 começou uma articulação em Juazeiro em oposição a Franco Rabelo. A principal figura neste conflito foi o então deputado federal, Dr. Floro Bartholomeu, que já desfrutava nesta época de grande influência na região. Ele tinha total apoio dos latifundiários para não somente enfrentar, mas também para tirar do poder o então governador do Estado. Franco Rabelo destituiu o padre Cícero do cargo de prefeito e ordenou sua prisão. Em Juazeiro, Floro, recém-chegado do Rio de Janeiro⁷³, organizou um movimento armado para enfrentar o Governo do Estado e assaltou o quartel da Força Pública local. Ainda no mês de dezembro, uma assembleia proclamou Floro Bartolomeu presidente temporário do sul do Estado.⁷⁴

A resposta do Governo do Estado veio na segunda quinzena de janeiro de 1914. As tropas de Franco Rabelo saíram de Fortaleza em direção a Juazeiro, com ordens de ataque e o enfrentamento foi inevitável. Segundo Della Cava:

...as tropas rabelistas cercaram Joaseiro: alastrou-se a fome; os populares possuíam poucas armas e ainda menor quantidade de munição. O coronel Antônio Luís, do Crato, que fugira com a família para Joaseiro, montou uma

⁷¹ Marcos Franco Rabelo foi um militar e político brasileiro, nasceu em Fortaleza no dia 25 de abril de 1861, filho de Antônio Franco Alves de Melo e de Ana Franco Rabelo. Assumiu o governo do Ceará em julho de 1912 e tentou desconstruir a força das oligarquias do estado. Enfrentou a reação dos coronéis insatisfeitos por terem sido aliados do governo pela “*política das salvaçãoes*”. Os conflitos no Ceará levaram o presidente Hermes da Fonseca (1910-1914) a decretar estado de sítio no dia 09 de março de 1914 e cinco dias depois decretar a intervenção federal no estado. No dia 14 de março de 1914 o presidente da República depôs o então governador Franco Rabelo. No seu lugar foi empossado o Cel. Setembrino de Carvalho como interventor do Ceará. Para melhores esclarecimentos, ver: Airton de. *História do Ceará*. 7ª ed. rev. Ampl. Fortaleza. Armazém da Cultura, 2015, Parte IV – República, cap. 20, edição Kindle e RABELO, Franco *militar; pres. CE 1912-1914. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/RABELO,%20Franco.pdf>> acesso em 12/01/2017.

⁷² FACÓ, Rui, Op. cit, p.150.

⁷³ Na intenção de proteger o seu povo e conseguir garantias para si, o padre Cícero enviou Floro Bartolomeu ao Rio de Janeiro. No Catete as autoridades põem à disposição de Floro, tão logo vitoriosa a conspiração contra Franco Rabelo, as forças do Exército. Ver: BARROS, Luitgarde, Op. cit, pp.275,276.

⁷⁴ FACÓ, Rui, Op. cit, p.152.

fábrica provisória de munição na praça da Liberdade. Mas a falta de alimentos persistia. Foram esses dois fatores que obrigaram Floro a transformar a “Nova Jerusalém”, fazendo-a passar de uma cidade na defensiva para uma cidade na ofensiva.⁷⁵

As tropas de Floro Bartholomeu reagiram aos ataques e venceram os rabelistas. Nesta ofensiva os cangaceiros que lutavam a favor de Juazeiro invadiram o Crato, Barbalha e Quixadá, com muita brutalidade e partiram então em comboios e também a pé para a capital, Fortaleza. Chegaram às portas da cidade e somente não houve mais derramamento de sangue por conta de uma intervenção do Governo Federal. Nas palavras de Rui Facó: Eram o latifúndio e o coronelismo mostrando que ainda tinham força, em plena segunda década do século XX.⁷⁶

Figura 1- Floro Bartolomeu e Padre Cícero:
Política e fé em Juazeiro.



Imagem retirada de:

<<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/revolta-de-juazeiro/revolta-de-juazeiro.php>> acesso em 18/12/2015.

2.3 A seca de 1915

Em 1915 o Nordeste brasileiro conheceu uma das mais devastadoras secas já documentadas em nosso país. Esta seca foi tão terrível que serviu até de inspiração para a então jovem escritora Raquel de Queiroz escrever seu livro *O Quinze*, onde relata, entre outros assuntos, o drama de uma família desesperada, forçada a deixar sua moradia em Quixadá, assolada pela seca, para buscar meios de sobrevivência na capital Fortaleza.

⁷⁵ DELLA CAVA, Op. cit, p.252.

⁷⁶ FACÓ, Rui. Op. cit., p.154.

Durante este período os nordestinos entraram em desespero e começaram a procurar outros meios para sobreviver. Multidões caminhavam para as cidades de maior recurso à procura de água e alimento. As epidemias estavam se espalhando por todos os lugares, os saques, os crimes e assassinatos começavam a acontecer com mais frequência, por conta do desespero que passava a fazer parte da vida dos flagelados.

O governador do Ceará, Benjamin Liberato Barroso, começou a sofrer pressões da elite local para que tomasse uma posição emergencial, a fim de conter os refugiados que migravam cada vez mais para a capital. A situação tornou-se desconfortável para a burguesia local e a solução do governo foi de criar um campo de concentração para os famintos. Este ficava localizado num terreno grande, num lugar chamado Alagadiço, onde foram construídas pequenas casas de zinco para abrigar todas aquelas famílias de nordestinos desesperados. Para a escritora Raquel de Queiroz, em *O Quinze*, o campo de concentração do alagadiço chegou a juntar 8 mil flagelados.⁷⁷ Referindo-se ao mesmo período o historiador Marco Antônio Villa, autor do livro “*Vida e Morte no Sertão*”, diz que durante a Seca do Quinze teriam morrido pelo menos 100 mil cearenses, outros 250 mil migraram, parte para a Amazônia e outra parte para a região centro-sul do país, São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná.⁷⁸

Acerca das causas da grande seca de 1915 que se abateu sobre o Nordeste brasileiro, o jornal do Rio de Janeiro, *Correio da Manhã*, publicou posteriormente uma matéria que dizia:

Na chapada do Araripe havia grande plantação de mandioca, e os criadores de Pernambuco acharam que deviam fazer solta de seu gado, na lavoura dos romeiros do Padre Cícero, os desbravadores e cultivadores daquela serra. Foi essa a causa principal da seca de 1915.

Porque o governo de Pernambuco. Diante da reação dos romeiros, mandou para aquela serra uma força de polícia para garantir o gado dos criadores do seu Estado, na destruição da lavoura dos agricultores do Cariry.⁷⁹

A região do Cariri foi realmente uma das mais assoladas. Foi um período em que milhares de sertanejos que habitavam essa região tiveram que lutar bravamente pela pura sobrevivência. Esta terrível seca será de grande importância para algumas reflexões mais adiante.

⁷⁷ CAVALCANTE, Rogério. *Aquirya: a origem do Acre*. Rio Branco, AC. Ed. Do Autor, 2014, p.76.

⁷⁸ Loc. cit.

⁷⁹ Jornal *Correio da Manhã* (RJ), 15 de Maio de 1920.

3 José Lourenço e sua chegada a Juazeiro: liberdade para um encontro com Deus e consigo mesmo

Em meio a toda aquela agitação que vivia Juazeiro do Norte na última década do século XIX, chegava ao povoado José Lourenço Gomes da Silva. Era um jovem paraibano, nascido em Pilões de Dentro⁸⁰, que buscava pela sua família com a qual, havia muito tempo, tinha perdido o contato. Esse jovem se tornaria num futuro bem próximo uma das figuras mais importantes do chamado catolicismo popular do sertão nordestino. O historiador Régis Lopes na sua belíssima obra “Caldeirão”, registra o depoimento de um senhor chamado João da Silva, que conta sobre alguns momentos da vida de José Lourenço. João da Silva conviveu com o beato por um bom tempo, o que o tornou uma testemunha sobre ele de grande importância para essa pesquisa. No depoimento ao historiador, ele falou inclusive da fuga de casa de Lourenço, por medo do pai. Abaixo, um trecho dessa conversa:

Porque o pai dele (José Lourenço), era muito grosseiro com ele. Era desses véi carrasco. Você sabe, tinha uns pai de família antigamente que era carrasco com os filhos, né?

Aí, um dia, ele chegou em casa. Só porque ele foi na casa de uma pessoa conhecida de lá. Aí, acontece que o irmão dele disse assim:

Zé, teu pai vai te dar uma surra de matar, pois ele soube que você foi pra casa de fulano, e num é pra ninguém aqui andar na casa de ninguém, e tal. Porque meu pai num gosta que ande nas casas dos vizinhos.

Aí ele saiu. Passou foi tempo fora de casa, trabalhando na casa daquele senhor de engenho. Lutando sabe com que? Com cavalo de estribaria e com aquelas égua, com aquelas coisa e aquelas criação do pessoal, daqueles fazendeiro.

Aí, ele já rapaz. Aí, um bocado de tempo...Aí, ele, lá mesmo por onde trabalhava, ganhou dinheiro. Comprou um cavalo muito bom, bem arreado. Aí roupas boa, ternos bons...

Aí, ele voltou pra casa. Quando ele chegou em casa, aí o pai dele não estava. Aí disse:

_ Cadê meu pai?

_ Foi pro Juazeiro do Pe. Ciço?

_ Foi.

_ Onde é esse Juazeiro?

_ É onde o povo faz romaria. Os romeiros passa lá pra visitar o Pe.Ciço e tal.

_ Como é que eu posso ver meu pai agora?

_ Aqui, todo romeiro, tal tempo, eles tudo, eles vão pra Juazeiro. Você fala com eles, aí você vai.⁸¹

É por relatos de alguns remanescentes como o do senhor João da Silva ou por parentes próximos, que tomamos conhecimento de alguns fatos relacionados à vida de José Lourenço

⁸⁰ Não há certeza quanto ao ano de seu nascimento, pois existem discordâncias entre algumas fontes. As variações são entre 1870 a 1872. Também quanto ao Estado e Município de origem não há exatidão. As variações neste caso são entre: Paraíba (Pilões de Dentro ou Barra de Santana) e a província de Alagoas.

⁸¹ RAMOS, Francisco Régis Lopes. *Caldeirão*. Fortaleza: EDUECE, 1991, pp.39,40.

antes de sua chegada a Juazeiro do Norte. Nos poucos relatos que chegaram aos pesquisadores, pode-se afirmar com certa segurança que seus pais foram escravos alforriados.⁸² O pai chamava-se Lourenço Gomes da Silva e sua mãe Tereza Maria da Conceição. Segundo a pesquisadora Veralúcia G. de Matos Maia, também tinha três irmãos: Maria, Inácia e Joaquim. A família vivia do trabalho na lavoura e pecuária, alugando a sua força de trabalho⁸³. Ao que tudo indica devem ter trabalhado muito para conseguir manter o sustento, numa época em que a seca assolava os estados do Nordeste. Assim como o Ceará, a Paraíba também foi gravemente atingida pela seca de 1877/1879, época em que os filhos do casal Lourenço e Teresa eram ainda crianças e pouco poderiam ajudar no trabalho braçal.

No momento em que José Lourenço decidiu ir ao Ceará, a libertação dos escravos era algo ainda muito recente, mesmo no Ceará que tinha sido a primeira província do Brasil a abolir a escravidão, cerca de 4 anos antes da Lei Áurea de 1888. O jovem José Lourenço certamente ainda levava consigo marcas das injustiças que vivenciou quando ainda era muito jovem. Provavelmente carregava no peito o desejo ardente de reparações quanto ao seu passado e o da sua família. A cidade de Juazeiro do Norte, no Ceará, que estava vivendo um grande momento de fé em torno do “*milagre da hóstia*”, agora lhe concederia uma oportunidade sem igual: o encontro não somente com seus pais, mas com Deus e porque não dizer, consigo mesmo.

3.1 José Lourenço: acolhimento e adaptação no período pós-abolição

O período pós-abolicionista também foi de suma importância para o desenvolvimento desta pesquisa. O paraibano José Lourenço, viveu nesta ambiência onde os negros continuavam considerados subalternos na sociedade. Mesmo com a escravidão abolida em 1888, não havia uma estrutura na sociedade brasileira capaz de lidar com a nova situação. Mesmo após a libertação, os negros ainda sofriam muito com a discriminação. Por exemplo, podemos citar a questão do trabalho assalariado,⁸⁴ em que os negros não poderiam exercer algumas funções, reservadas apenas para os brancos. Além disso, carregavam o estigma de

⁸² Foi a partir do século XVIII que os escravos conseguiram uma possibilidade de liberdade através da compra da Carta de Alforria. Ato pelo qual o escravo era libertado pelo seu proprietário através de uma Carta que funcionava como um atestado de liberdade. Existiam também as chamadas cartas gratuitas, que abdicavam a posse do escravo em troca de ser um trabalhador do seu senhor, neste caso com os honorários pré-definidos. Ver: <<http://www.estudopratico.com.br/carta-de-alforria/>> acesso em 21/12/2015.

⁸³ MAIA, Veralúcia G. de Matos. *José Lourenço: o beato camponês da comunidade do Caldeirão*. São Paulo. Editora: Paulinas, 1992, p.11.

⁸⁴ Ver: “*Após abolição, negro foi excluído do mercado de trabalho*” de Valéria Dias. Disponível em: <<http://www.usp.br/agen/?p=130331>> acesso em 13/02/2016.

uma raça inferior. O sociólogo Florestan Fernandes, em seu livro *“A integração do negro na sociedade de classes”*, diz:

A desagregação do regime escravocrata e senhorial se operou, no Brasil, sem que cercasse a destituição dos antigos agentes de trabalho escravo de assistência e garantias que os protegessem na transição para o sistema de trabalho livre. Os senhores foram eximidos da responsabilidade pela manutenção e segurança dos libertos, sem que o Estado, **a Igreja** ou qualquer outra instituição assumisse encargos especiais, que tivessem por objeto prepará-los para o novo regime de organização da vida e do trabalho. (...) Essas facetas da situação (...) imprimiram à Abolição o caráter de uma espoliação extrema e cruel.⁸⁵ (grifo meu)

Portanto, devemos pensar numa sociedade onde nem a própria Igreja pretendia contrariar os rumos ditados pelas elites e inserir os negros libertos num regime onde pudessem ser tratados como seus iguais. O padre Ibiapina, alguns anos antes, não fazia tais discriminações, mas podemos perceber, por uma citação de Maria do Carmo Pagan em seu livro *“Maria do Juazeiro: a beata do milagre”*, que ele poderia ser contado como uma exceção. Observa a postura da Igreja em relação à do Padre Mestre Ibiapina:

A vida religiosa que Pe.Ibiapina concebe não faz nenhuma discriminação de cor ou raça para o ingresso em suas fileiras. E isso numa época em que estava em vigor a estigmatização canônica da cor negra pelos estatutos das ordens e congregações religiosas. **Quando as próprias constituições do arcebispado da Bahia, que então regiam todo o Brasil, classificavam a raça negra como “raça infecta” e “raça reprovada”**. Essa não-discriminação representava também a rejeição de qualquer elitismo étnico no seio da fraternidade. E, ao mesmo tempo, era uma contestação indireta ao sistema escravocrata baseado na pigmentação da pele.⁸⁶ (grifos meus)

Ainda sobre esta sociedade elitista e excludente com relação ao negro, devemos pensar que mesmo com a chegada da República, a sociedade não foi democratizada e muito menos houve preocupações quanto à mobilidade social. Neste sentido a acolhida de José Lourenço por parte da Igreja de Juazeiro, representada pela figura do padre Cícero, que era um homem de grande importância, provavelmente tornou-se para esse paraibano uma força motivadora. Lourenço, certamente, sentiu-se inserido na sociedade sem aquela discriminação marcante, presente neste período tão conturbado de pós-abolição. Penso que o acolhimento da Igreja e a amizade do padre foram dois fatores importantes para seu processo de adaptação em Juazeiro.

⁸⁵ FERNANDES, Florestan. *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*. Volume 1. 5ª ed. São Paulo: Globo, 2008, p.29.

⁸⁶ DESROCHES, G. e HOONAERT, E. (org.). *Padre Ibiapina e a igreja dos pobres*. São Paulo: Paulinas, 1984, p.99 (“As beatas de Ibiapina” texto de FRAGOSO, H) apud FORTI, Maria do Carmo Pagan. *Maria do Juazeiro: a beata do milagre*. São Paulo: Annablume, 1999, p.58.

Desfrutando dessa condição, certamente José Lourenço pode desempenhar com muito mais segurança e liberdade, tanto seu trabalho no campo, como suas novas crenças a respeito da divindade.

3.2 José Lourenço e o ingresso na vida religiosa

José Lourenço, como já mencionado, foi para Juazeiro juntamente com um grupo de romeiros, pois ainda não sabia ao certo como chegar ao lugarejo onde estavam seus pais. Durante a viagem, como de costume, os romeiros se reuniam à noite e cantavam o *bendito*. O sr. João da Silva conta que José Lourenço não gostava daquilo e achava até ruim, pois não estava acostumado com isso, achava muito esquisito.⁸⁷ Ainda segundo João da Silva, ao chegar a Juazeiro, os romeiros foram para um rancho, enquanto José Lourenço saiu à procura dos seus pais.⁸⁸ Embora tenha se separado dos romeiros que lhe serviram de guia, não conseguiu ficar por muito tempo fora do ambiente religioso que fervilhava na cidade⁸⁹. O historiador Regis Lopes, afirma:

É neste tempo que Lourenço receberá fortes influências das prédicas do Pe. Cícero e do convívio com importantes figuras do lugar: beatos, beatas, penitentes e romeiros. Vivenciará uma espécie de “educação religiosa” no cotidiano impregnado de religiosidade do Juazeiro de então.⁹⁰

Encantado com a ambiência religiosa que vivia toda a cidade de Juazeiro, José Lourenço entrou para uma irmandade de penitentes, pois passou a compartilhar do mesmo sentimento que dominava os demais habitantes da cidade, ou seja, do fervor religioso presente no cotidiano do povo de Juazeiro. O pesquisador Domingos Sávio Cordeiro, diz:

As ordens de penitentes fazem um trabalho religioso leigo de “cuidar” dos mortos. Rezam pelas almas do purgatório em suas reuniões noturnas. Rezam nos cemitérios, nas cruzes dos caminhos, fazem “sentinelas” em velórios e acompanhamentos de enterros, cantando benditos, ladainhas e incelações.⁹¹

⁸⁷ RAMOS, Francisco, Op. cit., p.40.

⁸⁸ Loc. cit.

⁸⁹ Baseado no testemunho do remanescente João da Silva e no trabalho de outros pesquisadores (Luitgarde Oliveira, Veralúcia G. Maia, Domingos Sávio Cordeiro e Régis Lopes), optei por entender que José Lourenço se juntou à ordem dos penitentes depois de sua chegada à cidade de Juazeiro. Embora Rui Facó em seu livro “*Cangaceiros e Fanáticos*”, 1978, p.197, diga que ele já pertencia a uma ordem oficiosa de penitentes em sua terra.

⁹⁰ RAMOS, Francisco, Op. cit., p.41.

⁹¹ CORDEIRO, Domingos Sávio. *Um Beato Líder - Narrativas Memoráveis do Caldeirão*. Editora Kelps, Goiânia, Goiás, 2013, p.36.

Os penitentes também rezavam e se martirizavam como sacrifício pela conversão dos hereges. Sobre a autoflagelação praticada por eles, Domingos Sávio, relata:

Os homens se reuniam em espaços fechados, usavam chicotes com lâminas na ponta, chamadas de cilício, e se flagelavam, surravam as costas com esse equipamento, e isso tinha uma função, de purificá-los contra pecados, contra atos que eles próprios reconheciam como sendo inadequados para a missão deles, para aquilo que eles consideravam como sendo papel deles, dentro do grupo e dentro da humanidade.⁹²

José Lourenço era um jovem com grande potencial a ser desenvolvido, gozava de boa saúde, era forte e de boa estatura, acostumado com a lavoura e muito bom no trato com animais. Certamente que tinha muito mais para contribuir com o povo da região do Cariri do que simplesmente levar uma vida de penitente. Esse potencial foi descoberto por padre Cícero Romão, que se tornou seu grande mestre e amigo. Foi entre os anos de 1894 e 1895, que José Lourenço, depois de uma conversa com o padre Cícero, mudou-se para um sítio de nome Baixa Danta, que havia sido arrendado a um coronel de nome João de Brito, propriedade que ficava localizada no município do Crato. Mesmo já instalado e trabalhando em Baixa Danta, José Lourenço ainda permaneceu por um bom tempo na irmandade dos penitentes.

3.3 José Lourenço e a identificação com Maria de Araújo

Sabemos da importância que teve a já mencionada ambiência religiosa de Juazeiro na vida do camponês José Lourenço. O padre Cícero Romão também deve ser considerado como uma pessoa fundamental para o aprendizado de Lourenço e sua inserção no mundo religioso. O padre era verdadeiramente um modelo a ser seguido pelo povo mais simples, não somente de Juazeiro, mas de todo sertão nordestino. Essa identificação com o sertanejo pode ser percebida nas palavras de Luitgarde:

Já vimos como desde sua chegada em Juazeiro, isto é, partir de 1872, o Padre Cícero se colocou frente à comunidade sertaneja. Depois de 1878, com a população pela presença dos retirantes que ali se fixaram, a vida transcorreu no ritmo de crescimento social e econômico que caracterizava os primeiros anos da seca. Ideologicamente o padre instilava entre os que o procuravam um “ethos”, uma forma de ser e de viver, baseado na formação cultural daquele povo. [...] Relacionando os exemplos cristãos com a vida rotineira do homem, vinculando os princípios de honradez, coragem, hospitalidade, trabalho, resistência ao sofrimento, respeito aos mais fracos,

⁹² O Caldeirão do beato José Lourenço - Documentário da TV Assembleia do Ceará. 1 de 5 - Doc - Jose Lourenco: <<https://www.youtube.com/watch?v=98WFhlxMjAg>> acesso em 23/12/2015.

às próprias palavras do evangelho, à vida de Cristo e dos Santos, estendia-se com os matutos por horas infindas.⁹³

O valor das influências religiosas citadas acima fica evidente quando o relacionamos com a vida de José Lourenço e sua atividade na região do Cariri. Entendo também que é digna de nota a figura da beata Maria de Araújo para a compreensão da rápida aceitação de José Lourenço daquela religiosidade de Juazeiro, que tanto o tocou. Maria era uma mulher negra, de origem humilde, pessoa simples e recatada. O Padre Azarias Sobreira, que a conheceu, chegou a dizer que: “não despertava a atenção a não ser pela simplicidade de manias, boa educação doméstica, fácil inteligência das coisas, apesar de analfabeta”.⁹⁴ Uma sertaneja pobre, mas que agora teria passado a ser alvo do infinito amor de Deus. Foi dessa forma que Maria de Araújo despertou o sentimento religioso do sertanejo, também pobre e vitimado por uma sociedade hierarquizada.

Como sabemos, José Lourenço também era analfabeto, um filho de ex-escravos. Seu pai inclusive teria participado das revoltas do “Ronco das Abelhas e do Quebra-Quilos”⁹⁵, durante o Segundo Império. Essa origem humilde de José Lourenço, as injustiças e os preconceitos da escravidão, vivenciados na sua infância, assim como sua cor de pele, certamente foram fundamentais para esse encontro com Deus, através da figura da beata Maria de Araújo. Ele pode ter percebido através dessa beata, a importância da sua vida, ou seja, Deus se importava com pessoas como ele. Penso que foi dessa forma que aconteceu o encontro de Lourenço com Deus e consigo mesmo⁹⁶. A partir desse momento ele estaria mais aberto às sensações externas, ou seja, sem resistências em seu espírito para aprender mais sobre a fé cristã, anunciada com muito fervor naquele período em Juazeiro.

4 José Lourenço e o sítio Baixa Danta: lugar de oportunidades e recomeços - espaço de conflitos e frustrações

José Lourenço chegou ao sítio Baixa Danta entre 1894 e 1895 para ali fixar sua residência. Ele não mais voltaria para o Estado da Paraíba, de onde saiu na intenção de

⁹³ BARROS, Luitgarde, Op. cit., pp. 173,174.

⁹⁴ Retirado de: <<http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordesteacesso>> acesso em 24/12/2015.

⁹⁵ AGUIAR, Luís Cláudio. *Caldeirão*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1982. pp.18-26.

⁹⁶ O teatrólogo Oswald Barroso partilha dessa ideia. Em um documentário apresentado pela *TV O POVO*, em 25/08/2013, diz que havia um grande contingente de negros no Juazeiro, vindos de vários Estados, principalmente de Alagoas. Para ele, essa cultura negra era muito forte em Juazeiro naquele momento. Então acredita que José Lourenço, foi em busca dele próprio, ou seja, de encontrar uma razão para sua vida. Para aprofundamento, ver: *OS CEARENSES – Beato José Lourenço*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=v3sVsosLJgM>> acesso em 15/10/2015.

encontrar seus pais⁹⁷. Foi neste sítio que começou a exercer seu carisma e liderança, frente a uma comunidade de camponeses que também haviam se deslocado para este lugar. Neste período muitas famílias começaram a migrar para o sítio e, a exemplo de José Lourenço, se estabeleciam neste espaço de terras com o simples desejo de cultivá-las, a fim de extrair as provisões necessárias para o sustento familiar. O pesquisador Régis Lopes descreve esse ajuntamento de camponeses em Baixa Danta da seguinte forma:

Por mostrar um espírito caridoso, várias pessoas pobres vão morar no sítio. Sua casa começa a ficar rodeada de outras moradias feitas e habitadas por famílias de camponeses vítimas da concentração fundiária, do coronelismo. Lá, encontraram um canto para viverem do cultivo da terra. É o início da formação de uma pequena comunidade de camponeses. Não temos detalhes de como era a vida desses pobres que resolveram morar com José Lourenço em Baixa Danta. Certo é que lá não havia exploração do trabalhador, pois viviam em cooperativismo.⁹⁸

Percebe-se pela descrição acima que um dos fatores que mais contribuiu para o ajuntamento dos camponeses, foi o espírito caridoso de José Lourenço. Ele, além de possuir habilidades no trato com a terra e o manejo no cuidado com animais, conforme já mencionamos, sob as orientações do padre Cicero Romão, começava a exercer certa influência religiosa sobre os demais camponeses, transformando-se assim num líder espiritual daquela comunidade que ali estava se formando.

Baixa Danta, em pouco tempo, iria se transformar num lugar de grande produtividade. Para o historiador Airton de Farias, no sítio Baixa Danta, o beato José Lourenço colocou em prática os princípios do cristianismo primitivo, ou seja, de viver juntos, repartir o pão e trabalhar juntos. A propriedade começou a prosperar, pois eles plantavam, irrigavam e construía casas.⁹⁹ Ainda segundo Airton, o crescimento da comunidade começou então a chamar a atenção,¹⁰⁰ pois sua prosperidade se destacava diante das dificuldades vistas ao redor. Num período de graves secas, geralmente acompanhadas de fome, doenças e mortes, o Baixa Dantas florescia cada vez mais. O sítio chegou a ser notícia em 1934, num artigo do

⁹⁷ José Lourenço reencontrou seus pais em Juazeiro depois de contar sua história para uma senhora de nome Joaquina. Foi esta senhora que indicou a casa do padre Cícero, dizendo: “Vá à casa do padre, lá sabem de tudo”. Em poucos dias ele encontra sua família, através de informações saídas de lá. A partir de então Lourenço passou a viver sob a orientação espiritual do padre Cícero que o aconselhou a deixar Juazeiro e, juntamente com seus pais ir para o sítio Baixa Danta. Ver: LIMA, Maria Lourêto de. *José Lourenço, o Beato perseguido: uma história real*. 1.ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2013, pp. 23-27.

⁹⁸ RAMOS, Francisco, Op. cit., p. 43.

⁹⁹ Depoimento do historiador Airton de Farias, ver: *OS CEARENSES - Beato José Lourenço*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=v3sVsosLJgM>> acesso em 15/10/2015.

¹⁰⁰ Ibidem.

jornal *O Povo* (O Beato José Lourenço e sua Ação no Cariri), publicado pelo jornalista José Alves de Figueiredo:

Dentro de um certo lapso de tempo transformava alguns hectares de terra, até então árida e encapoeirada, num belo pomar, frotejando, em pleno desenvolvimento, plantados em ordens alguns milhares de laranjeiras, mangueiras, jaqueiras, limeiras, coqueiros, limoeiros, abacateiros, mamoeiros, bananeiras e cafeeiros, ao lado de uma bem cuidada cultura de algodão, cereais e outras diferentes qualidades de plantas e hortaliças. Só de carás o beato conseguiu reunir 16 ou 18 qualidades.¹⁰¹

Percebe-se pela citação acima, que José Lourenço realmente tinha uma forma diferenciada de administração. Com a prosperidade cada vez maior do sítio, o beato passou a acolher um número maior de necessitados, oferecendo-lhes trabalho e moradia. Para Oswald Barroso, José Lourenço iluminava quem estava por perto. Não pregava grandes doutrinas, apenas acolhia, aconselhava e passava sua energia sagrada.¹⁰² Baixa Danta realmente tornou-se um atrativo, um lugar de oportunidades e recomeços. O Padre Cícero inclusive enviava muitas pessoas que lhe pediam ajuda para os cuidados de José Lourenço. Segundo Luitgarde, eram eles: os romeiros mais desvalidos, os fugitivos de perseguições e até aqueles que precisavam ser reeducados no trabalho.¹⁰³ Afinal, ele sabia da competência e do amor que o beato Lourenço sentia pelo seu próximo.

Mas nem tudo correu de forma tranquila em Baixa Danta. O lugar também foi palco de conflitos e frustrações. O sítio chegou a ter grandes perdas em suas lavouras e seu líder esteve envolvido numa discussão a respeito de um boi, o que veio inclusive ocasionar sua prisão. Mas nada que pudesse abater o seu espírito pacífico e empreendedor. José Lourenço parece que não enxergava obstáculo nenhum que pudesse fazê-lo desanimar ou desistir diante das intempéries da vida, muito pelo contrário, sua energia era contagiante. Ele sempre encontrava forças suficientes para os recomeços. Enquanto este sítio esteve sob sua administração, e isto por cerca de trinta anos, José Lourenço cuidou dele com o maior zelo possível, em todas as

¹⁰¹ Parte do artigo de José Alves de Figueiredo para o Jornal *O Povo* – quinta-feira, 7 de junho de 1934. Por conta dessa publicação o jornalista veio a sofrer repressões e inclusive chegou a ser preso. O motivo: José Alves estava falando de forma favorável ao beato Lourenço, um discurso inadmissível para a elite dominante. Na apresentação do livro do pai, *Ana Mulata – contos e crônicas*, publicado em 1958, José Alves de Figueiredo filho, também escritor, diz que na convivência com o pai, só duas vezes o viu chorar: “ Quando morreu o filho Mário em 1923, e na ocasião em que foi injustamente preso, no tempo nefasto do Estado Novo, por ordem do Chefe de Polícia de então, pelo simples crime de ter feito opúsculo elogioso ao Beato José Lourenço”. Ver: Apresentação de Régis Lopes (*A peleja da palavra*) apud Figueiredo, José Alves de. *O beato José Lourenço e sua ação no Cariri*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006, p.16.

¹⁰² Depoimento retirado de: *OS CEARENSES - Beato José Lourenço*: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=v3sVsosLJgM>> acesso em 15/10/2015.

¹⁰³ BARROS, Luitgarde, Op. cit., p.300.

áreas, ou seja, cuidou da terra, dos animais e principalmente das pessoas que lhe foram confiadas.

4.1 Baixa Danta e a Sedição de Juazeiro

Retomo agora o assunto sobre a “*Sedição de Juazeiro*”, no ano de 1914. Minha intenção é mostrar a importância da comunidade do sítio Baixa Danta e do beato José Lourenço durante esse terrível conflito que marcou a história, não somente de Juazeiro do Norte como também do Estado do Ceará.

Como já vimos, José Lourenço era amigo e discípulo fiel do Padre Cícero. Ele devia muita obediência ao padre, mas como era completamente contrário a qualquer tipo de violência, decidiu não pegar em armas para defender a cidade de Juazeiro. Foi durante este episódio que o beato mostrou ser um homem completamente pacífico. Nas palavras do jornalista José Alves de Figueiredo, revela-se uma pessoa totalmente serena e amiga da paz:

Na Revolução de 1914, recolheu-se ao Juazeiro e, embora estivesse disposto a morrer pelo Padre Cícero, não chegou a tomar parte na luta, porque, dotado de um coração sensibilíssimo, não desejava, de forma alguma, ofender ao próximo. Sofreu grandes prejuízos com o afastamento de suas lavouras, sendo uma parte das mesmas destruída. Serenado o movimento, ele retomou o fio de suas obrigações, procurando indenizar-se, pelo trabalho, dos danos causados na sua propriedade. E com relativa pressa refez tudo.¹⁰⁴

Como descrevemos anteriormente, a cidade de Juazeiro ficou cercada pelas tropas do governo até a reação vitoriosa dos homens comandados por Floro Bartholomeu. O cerco do governo e o envolvimento no conflito por parte dos habitantes da cidade trouxeram prejuízos enormes para Juazeiro. A falta de provisões e as dificuldades de deslocamentos naquele momento tornaram-se inclusive aliados do governo, que pressionava a cidade objetivando sua rendição. Maria José de Sales, que é filha de uma remanescente do sítio Caldeirão, a respeito desse acontecimento conta que houve o confronto e Juazeiro ficou sem mantimento, mas o beato Lourenço dava um jeito de mandar alguém levar os mantimentos para Juazeiro, que ficou cercada. Ela diz também que Baixa Danta sustentou Juazeiro nesta época.¹⁰⁵

¹⁰⁴ FIGUEIREDO FILHO. *História do Cariri*. Crato, Instituto de Ensino Superior do Cariri, 1964 apud RAMOS, Francisco. Op. cit., p. 43.

¹⁰⁵ O Caldeirão do beato José Lourenço - Documentário da TV Assembleia do Ceará. 1 de 5 - Doc - Jose Lourenco. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=98WFhlxMjAg> > acesso em 23/12/2015.

Durante o período dos conflitos, o sítio sofreu grandes perdas em suas lavouras, devido à interrupção do trabalho e o afastamento de José Lourenço para Juazeiro.¹⁰⁶ Também forças militares vindas da capital Fortaleza teriam invadido Baixa Danta, trazendo para a comunidade ainda mais prejuízos.¹⁰⁷ Mas em pouco tempo o sítio floresceu novamente, mostrando a capacidade de administração de um homem com um impressionante poder de renovação, sendo capaz inclusive de sobreviver à grave seca de 1915, apenas um ano depois do episódio de Juazeiro.

O beato José Lourenço ainda deu continuidade ao seu trabalho de ajuda e acolhida a todos os camponeses necessitados que chegavam a Baixa Danta. Suas atividades perduraram neste sítio por mais de uma década, após os graves acontecimentos mencionados acima.

4.2 Floro Bartholomeu e o “Boi Mansinho”

No ano de 1921 o beato José Lourenço foi alvo de uma grande discussão entre homens importantes da região do Cariri.¹⁰⁸ O motivo era uma controvertida história a respeito de um boi que estava sob seus cuidados no sítio Baixa Danta. Esse animal na verdade pertencia ao padre Cícero, era um belo zebuino, presenteado ao padre por Delmiro Gouveia, um grande industrial¹⁰⁹, agradecido pela autorização de uso do nome do religioso na propaganda de certa linha de coser que produzia pioneiramente no sertão de Alagoas¹¹⁰. Não demorou muito para circular pela redondeza a notícia que o tal boi do padre Cícero era milagreiro. Os jornais da época em pouco tempo começaram a denunciar a crença no “Boi Ápis”, que se desenvolvia em Juazeiro. Os padres também pediam dos púlpitos para que a “heresia” fosse combatida, alegando que se estabelecera a adoração a um “Novo Deus”.¹¹¹ Diante das acusações que vinham de toda parte, o jornalista José Alves de Figueiredo, resolveu tomar partido em defesa

¹⁰⁶ RAMOS, Francisco, Op. cit., p. 43.

¹⁰⁷ CORDEIRO, Domingos, Op. cit., p.37.

¹⁰⁸ A história do tal “boi”, acabou envolvendo na discussão o Padre Cícero, Floro Bartolomeu, José Lourenço, assim como outros nomes ligados à política do Estado do Ceará.

¹⁰⁹ Delmiro Gouveia, era dono de uma moderna indústria de linhas de costura, a *Companhia Agro Fabril mercantil*, conhecida como Fábrica da Pedra, que produzia os produtos “*Estrela*”, revolucionária para época. A empresa concorrente *Machine Cotton (Linhas Corrente)*, usando de má-fé, registrou a marca “*Estrela*” na Argentina e no Chile, impedindo assim a entrada dos produtos de Delmiro Gouveia naqueles países. Além disso, houve várias tentativas de aquisição da concorrente pela fábrica, mas Delmiro não cedeu às pressões. O industrial acabou assassinado por razões desconhecidas. 12 anos depois da morte de Delmiro, a *Machine Cotton* comprou a fábrica iniciada por Delmiro e destruiu todos os equipamentos. Para maiores esclarecimentos, ver: SANTOS, Paulo Márcio reis. *Direito Econômico e Processual: Uma abordagem pela análise econômica do direito*. Belo horizonte. Universidade FUMEC, 2013, pp.77,78.

¹¹⁰ MELLO, Frederico Pernambucano de. *Benjamim Abrahão: entre anjos e cangaceiros*. São Paulo: Escrituras Editora, 2012, p.234.

¹¹¹ BARROS, Luitgarde, Op. cit., p.300.

do beato José Lourenço através da imprensa. Posteriormente em um artigo para o Jornal *O Povo*, de Fortaleza (CE), escreveu:

Nesse tempo Juazeiro sofria uma tenaz campanha de imprensa, suscitada, em parte, pela interferência de Floro Bartholomeu na política do estado e, em parte, pela ausência de escrúpulos em alguns jornalistas que visavam assaltar o bolso do Padre Cícero. A lenda do boi santo foi trazida à baila, com os naturais retoques que os pescadores de escândalos tecem por sua própria conta, sendo José Lourenço falsamente apontado como estimulador de um grosseiro fetichismo”.¹¹²

Pela denúncia de José Alves de Figueiredo, entende-se que existia um complô da imprensa cearense para difamar a cidade de Juazeiro. Na verdade, era um tempo de muitas articulações políticas no Estado do Ceará e atacar os adversários com críticas ao lugar onde exerciam suas funções tornou-se uma arma poderosa nas mãos dos opositores. No caso em questão, o alvo era tanto o Padre Cícero, como Floro Bartholomeu, pois afinal de contas Juazeiro vivia sob uma grande atmosfera religiosa desde o milagre da hóstia, havia cerca de trinta anos. A “nova Jerusalém” passou a ser considerada como um lugar de completo fanatismo religioso e o caso do “boi santo” só viria a fomentar a discussão e conseqüentemente a prejudicar ainda mais os políticos de Juazeiro frente ao governo do Estado. O historiador Domingos Sávio Cordeiro, a respeito do acontecimento, diz:

Representando a elite local, o caudilho Floro Bartolomeu - uma espécie de xerife do povoado - incomodado com a repercussão na capital do Estado em tom de zombaria criada em torno do fato, mandou sacrificar o boi e prender o beato José Lourenço.”¹¹³

Com a pressão vinda de fora e não querendo nenhum tipo de enfrentamento com as autoridades locais, o beato José Lourenço resolveu então se apresentar ao Dr. Floro Bartholomeu. Floro deu voz de prisão ao beato e ordenou que o animal viesse de Baixa Danta para ser abatido em praça pública, numa clara demonstração de poder para o povo do lugar e principalmente para seus inimigos políticos. Para o historiador Régis Lopes, “a agonia de uma morte pública revelava-se como espetáculo que deveria inibir os que manchavam a reputação de Juazeiro com acusações injustas, bem como os que insistiam em desenvolver uma religiosidade fora dos padrões oficiais.”¹¹⁴ O beato foi preso e inclusive quiseram impor a ele,

¹¹² Jornal *O Povo*, 07/06/1934, p.07.

¹¹³ CORDEIRO, Domingos, Op. cit., p.41.

¹¹⁴ RAMOS, Francisco. *Juazeiro: entre o sagrado e o profano apud* Padre Cícero Romão Batista e os fatos de Joazeiro. Autonomia Político-Administrativa (capítulo IV). Luitgarde Cavalcanti Barros (Organizadora). Editora: SENAC, 2012, p.160.

mas sem sucesso, que se alimentasse com a carne do animal. Esta prisão, segundo testemunho de um remanescente, durou 17 dias.¹¹⁵ Padre Cícero com sua influência local, conseguiu libertar o beato da prisão e fazer com que o mesmo voltasse às suas atividades normais em Baixa Danta.

O testemunho de Maria José de Sales em entrevista para TV Assembleia, deixa claro que realmente o que houve foi uma articulação feita para satisfazer interesses políticos da região, pois o boi nunca foi cultuado pelos moradores do sítio como se fosse uma divindade. Segundo ela:

Tinha uma velhinha, Dona Ana, que cuidava do boi, inclusive enfeitava os chifres do boi com flores e tudo. Aí chegou aos ouvidos do Dr. Floro, que era assim um braço de ferro, que impunha a ordem aqui em Juazeiro, qualquer indisciplina era punida com a “rodagem” [...] chegou aos ouvidos do Padre Cícero que em Baixa Danta, um boi estava sendo adorado. Então o beato foi preso, passou 17 dias preso, o boi foi esquartejado [...] espalharam de que até a urina do boi servia de remédio. Mas conforme relatos de pessoas que conheceram a Dona Ana do boi, não [...] que a única diferença era que este boi era manso e que todo mundo brincava com este boi.¹¹⁶ (grifo meu)

Ainda segundo a suposta adoração ao “boi mansinho”, Régis Lopes traz à tona um assunto que considero de suma importância para essa questão: a crença do sertanejo em práticas curativas para os mais variados tipos de doenças através dos recursos vegetais, animais e até minerais.¹¹⁷ Esta prática realmente foi muito comum entre os camponeses, e ainda o é em muitos lugares, mas nada que se possa relacionar com a adoração a um “deus” -, no caso em questão, um boi. Creio que por ser do padre Cícero, estar sendo cuidado por um beato e ao mesmo tempo a cidade de Juazeiro ter nomes importantes envolvidos com a política, no caso, o deputado Floro Bartholomeu e o próprio padre, tudo isso contribuiu bastante para a divulgação da ideia de um fanatismo religioso no sítio Baixa Danta.¹¹⁸ O próprio Dr. Floro Bartholomeu em um discurso na câmara federal, em 1922, desmentiu a questão de que estavam adorando um boi santo em Juazeiro:

¹¹⁵ CORDEIRO, Domingos, Op. cit., p.42.

¹¹⁶ Documentário da TV Assembleia do Ceará. 1 de 5. Op. cit. A “rodagem” mencionada no depoimento de Maria José de Sales é citada também por Régis Lopes, em seu livro *Caldeirão*, como o ápice da violência contra o povo. Régis Lopes diz que era simplesmente a matança, na estrada que liga Juazeiro ao Crato, de pessoas tidas como perigosas à ordem. Ver: RAMOS, Francisco, Op. cit., p.50.

¹¹⁷ RAMOS, Francisco, Op. cit., p.52.

¹¹⁸ O antropólogo Darcy Ribeiro comentando sobre o beato José Lourenço e o “fanatismo” em torno do “boi mansinho”, escreveu: “José Lourenço dirigia um culto a um boi milagreiro, cuja urina era recolhida, com veneração, como medicina eficientíssima contra qualquer enfermidade”. Ver: RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Global, 2015, p.263. Esse discurso reproduzido por Darcy Ribeiro era completamente preconceituoso e como observamos, servia de base para interesses políticos da época.

Depois das perseguições religiosas ao Padre Cícero, começaram a fazer circular que Zé Lourenço, não tem mais vida de penitente, abusava da credence do povo, apresentando o “touro como autor de milagres”. [...] Quando se procurava apurar a verdade, ninguém sabia informar, a começar pelos proprietários do sítio onde Zé Lourenço trabalhava como rendeiro. [...] O Padre Cícero, não obstante estar convencido da mentira, por diversas vezes tentou vender o animal; mas, não só Zé Lourenço, como também cavalheiros respeitáveis o impediam, fazendo sentir que além de ser inverdade o que espalhavam, o animal era bom reprodutor e estava melhorando a raça do gado ali. Por isso mesmo todos, grandes e pequenos, o tratavam com carinho, mesmo porque era muito manso, donde veio a ser conhecido por “Mansinho”. [...] Alguns amigos aconselharam-me que eu desmascarasse os que acusavam Zé Lourenço de práticas de feitiçaria. Respondí-lhes nada poder fazer, em virtude de ser ele morador do Crato. Não sei quem informou o mesmo Zé Lourenço de que eu ia mandar prendê-lo. O negro, supondo exacta a notícia, no terceiro dia apareceu em minha residência. Foi quando o conheci pessoalmente. Mandeí prende-lo [...]. Ao mesmo tempo fiz vir o touro, e, de acordo com o padre vendí-o para o corte, sob a condição de ser abatido pelo comprador em frente à cadeia.¹¹⁹

Provavelmente o que aconteceu a respeito desse episódio envolvendo Floro Bartholomeu e o boi mansinho, foi que, por um lado os inimigos de padre Cícero e de Floro visavam derrubá-los, pois eram seus principais adversários políticos; por outro lado, o que se vê é uma defesa extremada de Floro Bartholomeu, tentando mudar a todo custo a imagem que estavam construindo de Juazeiro como um lugar de fanáticos, ou seja, Floro temia que seu prestígio pudesse ser manchado diante da opinião pública, por ser ele residente em um lugar considerado atrasado e totalmente supersticioso. Diante disso, procurou reagir contra tudo aquilo que pudesse ser considerado como um impedimento ao progresso daquela região.

4.3 O fim da experiência comunitária no sítio Baixa Danta

Desde a chegada de José Lourenço ao sítio Baixa Danta até sua saída passaram-se cerca de trinta anos. A experiência vivida pelos habitantes deste sítio ficou marcada na história do Cariri. Como já mencionamos anteriormente, neste espaço de terra a irmandade liderada por Lourenço viveu uma experiência comunitária que beneficiou muitas pessoas, tanto da região, como também aqueles que vinham de fora em busca de auxílio. Ao fazer menção a esse sítio, a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz, faz o seguinte comentário:

Certa família alagoana se instalara em Juazeiro por ser devota do Padrinho, tendo um dos filhos arrendado um pedaço de terra no sítio Baixa d'Anta, onde plantou sua roça e alcançou prosperidade. Muito religioso, fizera este

¹¹⁹ BARTHOLOMEU, Floro. *Joazeiro e o Pe. Cícero*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1923, pp.98,99 apud RAMOS, Francisco. *Juazeiro: entre o sagrado e o profano*, Op. cit., p.160.

negro José Lourenço voto de “beato”, isto é, de se dedicar inteiramente à religião, e acolhera no local várias famílias pobres que coadjuvavam no trabalho agrícola; também recebia órfãos e cada vez mais firmava sua reputação de homem caridoso.¹²⁰

Foi em Baixa Danta que o beato José Lourenço se tornou um homem bem conhecido na região do Cariri. A experiência que realizava com sua comunidade estava dando certo. Não sabemos com certeza de onde veio o conhecimento de Lourenço para viver uma experiência semelhante ao cristianismo primitivo, uma vez que a Igreja oficial já havia se distanciado há muito desse tipo de organização. Sabemos que sempre se reportava ao padre Cícero e não tomava nenhuma decisão sem antes comunicá-la a ele, e mais, que realmente aprendeu muito com o padre. Mas há de se convir que a experiência do sítio Baixa Danta é diferente da do Padre Cícero em Juazeiro, e o próprio padre confiava muitas pessoas ao beato, evidenciando assim que acreditava verdadeiramente naquela forma de trabalho que ali se havia implantado.

Mas para a tristeza daquela irmandade, o sítio foi vendido pelo coronel João de Brito em 1926. O novo proprietário exigiu com urgência as terras recém adquiridas. Sendo assim, o beato José Lourenço precisou deixar o lugar que por cerca de três décadas havia lhe servido para o sustento, assim também como a todas as famílias que ali se encontravam. Segundo a pesquisadora Veralúcia G. de Matos:

O beato saiu de Baixa Danta sem nenhuma indenização. Durante os trinta anos que lá viveu, transformou a propriedade em um belo pomar, além das plantações de algodão e cereais.

Antes de terminar o ano, com o fim do arrendamento do sítio Baixa Danta, José Lourenço saiu das terras. Mesmo sem colher a produção, teve de pagar a “renda” correspondente ao ano, apesar do pedido do Padre Cícero ao proprietário para dispensar o pagamento. O beato deu em pagamento uma vaca leiteira e um cavalo estradeiro que valiam mais que o pagamento-espécie.¹²¹

O beato Lourenço sem indenização e lugar para se instalar com seu povo, dependeu mais uma vez do amigo padre Cícero Romão. Este lhe cedeu um espaço de terra na serra do Araripe, para que desse continuidade ao seu trabalho. O nome desse novo lugar era “Caldeirão dos Jesuítas”¹²², localizado no município do Crato.

¹²⁰ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. *O messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo. Editora: EDUSP, 1965, p.261. Para esta escritora a família de José Lourenço era oriunda de Alagoas, conforme a observação feita na citação acima.

¹²¹ MAIA, Veralúcia, Op. cit., p18.

¹²² Por volta de 1776 com a chegada de dois Jesuítas que fugiam das perseguições do Marquês de Pombal, o lugar passou a ser chamado Caldeirão dos Jesuítas. O nome Caldeirão vem dos muitos caldeirões de pedra que existiam no lugar. Estes caldeirões represavam água, sendo assim, mesmo nos períodos de seca, possibilitava a vida no lugar, tanto das pessoas, como dos animais e da vegetação. Ver: O Caldeirão do beato José Lourenço -

CAPÍTULO II- JOSÉ LOURENÇO E O SÍTIO CALDEIRÃO: DÁDIVA PARA OS POBRES E ENTRAVE PARA AS ELITES

1 A amizade do padre Cícero e a chance de um recomeço: sítio Caldeirão- espaço de oração, trabalho e partilha

Foi no ano de 1926 que José Lourenço chegou com seu povo ao Caldeirão dos Jesuítas. Este lugar não era como no sítio Baixa Danta, pois o terreno era bastante acidentado e a caatinga tomava conta do lugar. A irmandade liderada por Lourenço tinha um trabalho muito árduo pela frente, porque ele pretendia desenvolver ali o mesmo tipo de atividade que por cerca de trinta anos havia dado resultado positivo em Baixa Danta. Este novo espaço cedido por Padre Cícero, deveria tornar-se rapidamente um lugar, não somente para acolher as famílias que estavam chegando com ele e precisavam se estabelecer, mas também um lugar que possibilitasse o cultivo da terra. Afinal de contas, esse povo saiu do sítio anterior sem nenhuma indenização. Para que possamos ter uma ideia melhor das dificuldades que os recém-chegados deveriam enfrentar, vejamos a imensidão de terras deste lugar. Era um espaço de quatro léguas em quadro, ou seja, 24 quilômetros quadrados.¹²³ Uma área enorme, que somente com muito empenho da nova comunidade poderia ser tratada e transformada num local autossuficiente.

Antes de José Lourenço se estabelecer no local, quem vivia por lá era um senhor que se chamava Zacarias. Esse senhor faleceu antes que o lugar fosse ocupado pela comunidade. Um contemporâneo de José Lourenço chamado Sr. Alípio Gomes, em depoimento ao pesquisador Régis Lopes, disse que em conversa com o padre Cícero sobre a decisão de ficar no Caldeirão, o beato Lourenço relatou ao padre a reação negativa do Sr. Zacarias a respeito da ocupação do sítio. Alípio Gomes, assim descreveu essa conversa entre o padre Cícero e José Lourenço:

O beato foi, olhou, se agradou. Foi ao juazeiro. Chegou lá, meu padrim (Pe. Cícero) disse:

_ Zé Lourenço, você foi ao Caldeirão?

_ Fui meu padrim.

_ Se agradou?

_ Me agradei. Agora tem lá um veim, empregado seu que ele parece que num achou muito bom não...

_ É Seu Zacarias?

Documentário da TV Assembleia do Ceará. 1 de 5 - Doc - Jose Lourenco. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=98WFhIxMjAg>> acesso 15/10/2015.

¹²³ MAIA, Veralúcia Gomes de Matos. *Caldeirão: Uma Comunidade Cristã de Camponeses. Tese de Mestrado em antropologia social*, 1987 apud MAIA, Veralúcia, Op. cit., p.19.

- _ É, mas eu disse a Seu Zacarias que ele podia ficar lá que eu sustentava ele até morrer.
 _ Aí meu padrim Cirço disse:
 _ Não, eu tenho um lugarzinho para botar seu Zacarias.¹²⁴

José Lourenço como se observa na descrição feita, tinha a intenção de mantê-lo no sítio e até sustentá-lo. Provavelmente o Sr. Zacarias havia se acostumado com a vida de solidão que levava naquelas terras, ou quem sabe, não conhecia ao certo o homem com quem estava lidando. Foi após a morte desse zelador que o trabalho dos camponeses começou no sítio Caldeirão.

Embora o terreno do sítio fosse acidentado e com muitas pedras, a terra era fértil e boa para o plantio, pois no local corria alguns riachos, o que contribuiu bastante para que a comunidade recobrasse o ânimo e se entregasse ao trabalho com muita disposição. Como já relatamos, era uma necessidade urgente para os novos moradores do Caldeirão que o sítio viesse a produzir logo. Aliás, não se sabe ao certo, pela ausência de fontes, como todo esse povo supriu suas carências mais básicas até que a terra desse o seu fruto. Como padre Cícero mantinha com José Lourenço um estreito relacionamento, provavelmente deve ter dado assistência a seu povo até que o sítio pudesse produzir o suficiente para mantê-los.¹²⁵

Embora o beato José Lourenço tenha firmado laços estreitos de amizade com o padre Cícero e recebido do amigo esse terreno para recomeçar sua vida juntamente com sua comunidade, a socióloga Maria Isaura de Queiroz, acredita que havia uma razão para que o beato fosse enviado para lá. Seria o grave problema da afluência sempre crescente de pessoa para Juazeiro. Neste caso, estando já distribuídas todas as terras da redondeza, o Padrinho resolveu criar um novo centro chamariz na Serra do Araripe.¹²⁶ Não se pode afirmar ao certo se essa foi realmente a intenção de padre Cícero, mas o sítio tornou-se na realidade um centro atrativo para muitas pessoas. Sobre a participação do padre na comunidade fundada por José

¹²⁴ RAMOS, Francisco, Op. cit.,p.61.

¹²⁵ Padre Cícero durante o exercício do seu sacerdócio sempre recebeu muitas doações e aplicava por vezes em atos de caridade conforme se pode observar em parte do seu Testamento feito em 1923: “*Declaro, outrossim, que os dinheiros que tenho recebido para celebrar missas, conforme a intenção das pessoas que mo têm dado, os tenho distribuído com o maior critério, por intermédio dos padres e vigários desta e de outras dioceses e de algumas instituições religiosas do País e do estrangeiro. Devo acrescentar que os dinheiros que me têm sido entregues para eu aplicar como entendesse e quisesse, na intenção, louvor e honra de Nossa Senhora das Dores, sem nenhuma outra contradição, do mesmo modo os tenho aplicado com muita consciência em atos de caridade, em auxílios a obras e instituições pias e em bens que ora deixo, conforme vai adiante declarado, para Nossa Senhora das Dores, padroeira desta matriz, e para a Santa Congregação dos Salesianos*” (grifos meus). Portanto, é possível que tenha ajudado o beato José Lourenço nesse recomeço no sítio Caldeirão. Trecho retirado de: LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. *Juazeiro do Padre Cícero* (obra premiada pela Academia Brasileira de Letras em 1927) 4. ed. Brasília: MEC/Inep, 2002, p.155 Livro Digital. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/me0000322.pdf>> acesso em 25/10/2016.

¹²⁶ QUEIROZ, Maria Isaura, Op. cit.,p.261.

Lourenço, o sociólogo Domingos Sávio Cordeiro, apresenta um relato importante de um remanescente que fala sobre o início dos trabalhos no Caldeirão:

Quando chegou lá era tudo mata. Meus pais foram mais ele. Pouca gente, morador. Lá fizeram casa. Era tudo mata ainda. Aí depois o povo foram. Quando chegavam aqui no Juazeiro meu padrim Ciço mandava que quem quisesse trabalhar fosse pra lá.¹²⁷

Neste relato percebe-se que o padre Cícero continuava agindo da mesma forma que em Baixa Danta, ou seja, confiando plenamente na administração de José Lourenço, enviando frequentemente os necessitados que a ele recorriam para esse lugar de novas oportunidades. Tal deslocamento de Juazeiro para o Crato, oferecia uma chance de recomeço para os sertanejos que estavam dispostos a trabalhar. Com a chegada de mão de obra a todo momento ao Caldeirão, a tendência do sítio foi experimentar um crescimento além das expectativas. Em pouco tempo o lugar começou a florescer e a produzir, ganhou também novos profissionais, o que possibilitou uma diversificação bem maior nos meios de produção.

1.1 O Caldeirão e a experiência do cristianismo primitivo

A forma de vida e as práticas religiosas encontradas no sítio Caldeirão e na mensagem de José Lourenço podem ser comparadas aos princípios do cristianismo primitivo. As primeiras comunidades cristãs formadas ainda no primeiro século, viviam de forma semelhante às pessoas que se estabeleceram naquele sítio, pois é possível encontrar pontos de contato entre eles. Os primeiros cristãos eram pessoas simples que trabalhavam, oravam e partilhavam os bens comuns da vida. Esse grupo, que aos poucos foi se desprendendo do judaísmo, demonstrava em suas práticas uma experiência diferenciada daquela experimentada até então na religião judaica. Embora num primeiro momento não tenham um sentimento de pertença a uma outra religião, esses homens e mulheres que aderiram aos ensinamentos de Jesus foram despertados para viverem uma vida de compaixão e amor ao próximo. Jesus, em vários momentos de seu ministério, deu exemplos que marcaram para sempre a vida de seus seguidores. Para melhor entendimento da posição de Jesus na sociedade e de seu projeto, podemos destacar o momento em que leu na sinagoga de Nazaré o texto do profeta Isaías (Lc 4.2): “O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os **pobres**; enviou-me para proclamar libertação aos **cativos** e restauração da vista aos **cegos**, para pôr em liberdade os **oprimidos**” (grifos meus). Percebe-se que quatro grupos de pessoas seriam

¹²⁷ CORDEIRO, Domingos, Op. cit., p.79.

alcançadas por esse novo projeto: os pobres, os cativos, os cegos e os oprimidos.¹²⁸ Essas pessoas foram incluídas nesse novo caminho aberto por ele, uma vez que haviam sido excluídas pela sociedade e pela própria religião. Esses primeiros seguidores dos ensinamentos de Jesus passam então a integrar uma comunidade que prezava a igualdade social e a justiça. Eles aprendiam a viver como se fossem todos irmãos, ou seja, pertencessem agora a uma nova família, uma família que nada retém individualmente. Viviam partilhando seus bens de forma equitativa, para que todos pudessem usufruir em conjunto dos mesmos benefícios. A respeito dessa nova família, não unida por laços de sangue e muito menos por interesses econômicos, o teólogo basco José Antonio Pagola, entende que: “É esta herança que Jesus quer deixar atrás de si: um movimento de irmãs e irmãos a serviço dos mais pequeninos e desvalidos. Este movimento é o símbolo e germe do Reino de Deus.”¹²⁹ É um modo diferenciado de viver, não mais sob o governo de um rei, mas sob o governo de um pai (Deus).

Este tipo de experiência desenvolvida pelos crentes em Cristo no primeiro século, não poucas vezes foi comparada ao comunismo de séculos depois. Por exemplo, na obra “*A República “comunista” cristã dos guaranis*”, o padre Clovis Lugon referindo-se às comunidades edificadas por padres jesuítas e indígenas guaranis entre os anos de 1610 a 1768, escreve: “Desde que se queira revelá-la, retirando-a do esquecimento sem procurar encobrir sua dupla luz, ela nos aparece na história como a mais fervorosa das sociedades cristãs e a mais original das sociedades comunistas realizadas até a criação da União Soviética”¹³⁰. Embora haja algumas objeções quanto a esse tipo de comunismo vivido pelas primeiras comunidades cristãs, o historiador Karl Kautsky acreditou que a comparação fosse válida. Em seu clássico livro chamado “*A origem do cristianismo*”, ele disse que:

Os primeiros cristãos não foram capazes de fazer uma exposição tão clara da situação. Mas suas observações, exclamações, exigências e implicações indicam claramente, em cada caso, o uniforme caráter comunista da primeira etapa da comunidade cristã.¹³¹

O mesmo historiador, defendendo sua posição e referindo-se a essas objeções, faz a seguinte observação:

¹²⁸ PAGOLA, José Antonio. *O caminho aberto por Jesus: Lucas*. Tradução: Gentil Avelino Titton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p.78.

¹²⁹ PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. Tradução: Gentil Avelino Titton.. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 347.

¹³⁰ LUGON, Clovis. *A República “comunista” cristã dos guaranis: 1610-1768*. Tradução: Álvaro Cabral. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, p.5.

¹³¹ KAUTSKY, Kart. *A origem do cristianismo*. Tradução: Luiz Alberto Muniz Bandeira. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2010. p.373.

Não obstante, há inúmeros teólogos que negam o caráter comunista do cristianismo primitivo. Alegam que o informe nos Atos dos Apóstolos sobre essa matéria é de origem posterior; como o caso era frequente na Antiguidade, alega-se que o escritor também aqui colocara no passado a condição ideal com a qual sonhava. Mas esses teólogos esquecem que o caráter comunista do cristianismo era muito inconveniente para a Igreja oficial dos séculos posteriores, que se acomodava mais ou menos em sua atitude com o rico. Se tal descrição do cristianismo primitivo dependesse de uma invenção posterior, os campeões da tendência oportunista não teriam vacilado em protestar e teriam tentado fazer com que os livros que contivessem tais descrições fossem eliminados do cânon, da relação dos livros reconhecidos pela Igreja. A Igreja nunca tolerou falsidades, exceto quando estava de completo acordo com elas e elas lhe convinham; o que, certamente, não se aplicaria ao comunismo. Se o comunismo foi admitido oficialmente como a exigência mais fundamental da comunidade primitiva, certamente semelhante reconhecimento só foi feito porque era impossível negá-lo, porquanto a tradição nesse ponto tinha raízes demasiado profundas e era amplamente conhecida.¹³²

Sobre esse tema, Rosa Luxemburgo em seu livro “*O socialismo e as igrejas*” escreveu:

No início, quando os seguidores do novo Salvador constituíram um pequeno grupo na sociedade romana, a divisão do fundo comum, as refeições em comum e o viver debaixo do mesmo teto, eram praticáveis. Mas quando o número de cristãos se espalhou pelo território do Império, esta vida comunitária dos seus partidários tornou-se mais difícil. Em breve desapareceu o costume das refeições comuns e a divisão dos bens tomou um novo aspecto. Os cristãos não mais viveram como uma família; cada um tomou para si o cuidado da sua própria propriedade e já não ofereciam o total dos seus bens à comunidade, mas apenas o supérfluo. As ofertas dos mais ricos dentro da comunidade para os demais, perdendo o seu caráter de participação numa vida comum, em breve se transformaram em simples “esmolas”, desde que os cristãos ricos deixaram de levar em conta a propriedade comum e passaram a ofertar para os demais apenas uma parte do que tinham, parte que podia ser maior ou menor, de acordo com a boa vontade do doador. Assim, no coração do comunismo cristão, apareceu a desigualdade tal qual a que reinava no Império Romano e contra a qual os primeiros cristãos tinham combatido.¹³³

Como se pode observar nas citações, já havia esse tipo de comparação, sobre as aproximações do cristianismo primitivo com o comunismo, e isso bem antes das comparações feitas com o modo de vida praticado pelos moradores da comunidade do Caldeirão. Se o cristianismo era de fato um embrião do comunismo, ainda hoje é objeto de muita discussão e

¹³² Ibidem, p.374,375. Ainda sobre as objeções daqueles que segundo Kautsky negam o caráter comunista do cristianismo primitivo, aparecem entre outras as seguintes: A) “Que as prédicas do Nazareno não aspiravam uma revolução econômica” B) “As teorias comunistas dos filósofos e poetas gregos haviam exercido maior influência sobre os cristãos do que o comunismo prático dos essênios. C) Os cristãos não foram acusados de tal prática por seus adversários. (A.K em *Der sogenannte urchristliche Kommunismus*, Die Neue Zeit, vol. XXVI, nº2, p.482 apud KAUTSKY, Op. cit., pp.375-383.)

¹³³ LUXEMBURGO, Rosa. *O socialismo e as igrejas: o comunismo dos primeiros cristãos*. 1ª ed. São Paulo: Edições ISKRA, 2015, pp.25,26.

mais adiante retomaremos o assunto a respeito desta relação. No momento pretendo investigar as aproximações da experiência do Caldeirão com o cristianismo primitivo. Selecionei para isso algumas citações que deverão servir para nossas reflexões.

E perseveraram na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações.

Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos.

Todos os que creram **estavam juntos e tinham tudo em comum.**

Vendiam as suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos, à medida que alguém tinha necessidade. (grifos meus)

Texto de Atos dos apóstolos 2.42-45.

Lá era assim, era amanhecer o dia e trabalhar, cada [qual ia] cuidar do seu serviço... **Era tudo trabalhando junto**, aquele grupo de gente, tudo trabalhando, **tudo era um corpo de união, tudo junto**...trabalhando em qualquer serviço que aparecesse.¹³⁴

Remanescente do Caldeirão

Da multidão dos que creram era um o coração e a alma. Ninguém considerava exclusivamente sua nem uma das coisas que possuía; tudo, porém, lhes era comum.

Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça.

Pois nenhum necessitado havia entre eles, **porquanto os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam os valores correspondentes e depositavam aos pés dos apóstolos**; então, se distribuía a qualquer um à medida que alguém tinha necessidade. (grifos meus).

Texto de Atos dos apóstolos 4.32-35.

...**Meu pai era fazendeiro e tinha uma propriedade agrícola.** Aí nós vivia muito bem de vida, tudo bem controlado. Aí chegou Severino Tavares lá, por lá dizendo que o mundo ia se acabar, em 40 não existia mais ninguém, aí meu pai se envolveu-se com ele, não foi só meu pai como muitos. Aí ficava fazendo aquelas missão pela noite, [...] meu pai teve lugar que foi até 5 léguas atrás dele [...] Aí quando o chegou a última vez que ele não foi mais, [meu pai] disse: Beatriz vamos se embora que o mundo vai se acabar e nós não temos mais vida. Aí Minha mãe disse: Pedro que conversa é essa Pedro? Vamos, vamos se embora daqui. Aí ele saiu pra fazenda onde era distante 5 léguas num dia, quando foi com 3 dias ele chegou, minha mãe disse: Que foi que você fez: **Eu vendi o gado todinho**, [...] aí arrumou os animais [...] pegou 4 animal possante, famoso, [...] aí saímos de lá de noite,

¹³⁴ CORDEIRO, Domingos, Op. cit., p.43.

aí viemos pra aqui, **cheguemos no Caldeirão ele deu o dinheiro todinho ao beato José Lourenço.**¹³⁵ (grifos meus)

Remanescente do Caldeirão

Percebe-se, nos depoimentos dos remanescentes do Caldeirão, que realmente essa irmandade reproduzia traços marcantes daquelas primeiras comunidades cristãs que procuravam se organizar ainda na primeira metade do século I. A unidade do grupo liderado por José Lourenço e a disposição de trabalhar¹³⁶ juntos e partilhar seus bens, possibilitou aos moradores do Caldeirão meios para eliminar a pobreza do lugar onde viviam. Essa foi a forma encontrada por eles para promover um modo de vida, menos egoísta e muito mais solidário do que aquele experimentado na sociedade vigente. É bem provável que o beato José Lourenço tenha seguido as orientações cristãs a partir dos conselhos do padre Cícero e da herança deixada pelo Padre Mestre Ibiapina. Tanto um como outro professavam e praticavam uma crença que se aproximava muito mais do cristianismo primitivo, do que daquele cristianismo hierarquizado praticado pela Igreja oficial. José Lourenço embora não tivesse nenhum conhecimento teológico que se pudesse comparar aos padres Ibiapina e Cícero, supria suas deficiências, colocando em prática o que aprendeu sobre viver uma vida de compaixão e de amor ao próximo. Foi assim que juntamente com a irmandade do sítio Caldeirão colocou em prática a mensagem bíblica de fraternidade e partilha do cristianismo originário.¹³⁷

1.2 Beato Severino Tavares e o crescimento populacional do Caldeirão

O sítio Caldeirão esteve em atividade durante dez anos (1926-1936). A comunidade depois de estabelecida apresentou um crescimento muito rápido de sua população, principalmente na década de 30. Muitos foram os fatores que contribuíram para esse

¹³⁵ Depoimento do remanescente Pedro Alexandrino no Documentário da TV Assembleia do Ceará. 2 de 5 - Doc - Jose Lourenco. Retirado de: <<https://www.youtube.com/watch?v=nFsklSj9Y8E>> acesso em 10/12/2015.

¹³⁶ Os sertanejos se apropriaram de valores importantes que passaram a fazer parte de sua cultura. Por exemplo, o trabalho não era percebido como infamante, mas dignificador. Segundo Luitgarde, essa inversão do significado da categoria trabalho é uma herança deixada por missionários como Frei Caetano de Messina e o Padre Mestre Ibiapina. Ver: BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *A derradeira gesta: Lampião e Nazarenos guerreando no sertão*. 2ª edição: revista e ampliada. Rio de Janeiro: Mauad, 2000, p. 18.

¹³⁷ O texto bíblico de *Atos dos Apóstolos* relata tanto no capítulo 2 quanto no cap.4 uma experiência de socialização de bens entre os primeiros crentes em Jesus. Segundo esses relatos, eles viviam de forma fraterna, ninguém considerava exclusivamente seu o que possuía, dividiam os bens comuns da vida e não havia entre eles necessitado algum. Essas primeiras comunidades cristãs são orientadas pelos ensinamentos deixados por Jesus. Para Rafael Luciani, escrevendo sobre as novas relações propostas pelos ensinamentos de Jesus, diz que não havia graus quantitativos que distinguiam hierarquicamente as pessoas. Nesta nova família do Reino só existia sujeitos reconhecidos como filhos e assumidos como irmãos. Para melhores esclarecimentos, ver: LUCIANI, Rafael. *Retornar a Jesus de Nazaré: Conhecer Deus e o ser humano através da vida de Jesus*. Tradução: Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, pp.160-177.

crescimento. Entre eles, podemos destacar os seguintes: as condições do povo durante os períodos de secas, os romeiros que buscavam melhores condições de vida e eram encaminhados pelo padre Cícero para o sítio e o próprio carisma do beato José Lourenço, que acabava por atrair para uma morada permanente mesmo as pessoas que tinham somente intenção de conhecer o sítio. Mas além desses fatores que julgo ser de suma importância para o acréscimo da irmandade do Caldeirão, quero destacar a figura de um homem que foi provavelmente o grande responsável por atrair centenas de pessoas para a comunidade. Este era Severino Tavares¹³⁸, que se juntou a José Lourenço ainda quando a irmandade estava em Baixa Danta. Diferentemente de José Lourenço, que passava a maior parte do tempo no sítio Caldeirão, Severino Tavares era quem saía em missões, não somente pela vizinhança, mas também para lugares bem distantes, sempre com a intenção de atrair novos adeptos. Ele rompeu inclusive os limites geográficos do Estado do Ceará, pois suas peregrinações alcançaram pessoas de outros estados, sobretudo do Rio Grande do Norte, conforme podemos confirmar no depoimento da pesquisadora Maria José de Sales:

O Caldeirão cresceu com essas pessoas que vieram principalmente do Rio Grande do Norte, isto porque Severino Tavares, uma vez que se integrou ao grupo do Caldeirão, saiu pelo mundo falando das maravilhas que era o Caldeirão, inclusive falando do fim do mundo, e muita gente acreditava e ia para lá. Isso não era apenas pobres, mas alguns fazendeiros ricos, que impressionados com aquela falação do beato Severino Tavares, iam também para o sítio Caldeirão.¹³⁹

Dona Maria de Lourdes Sales, que viveu no Caldeirão em meados da década de 30, também fala a respeito de Severino Tavares. Assim como seu irmão Pedro Alexandrino, ela também contou em depoimento para TV Assembleia, que sua família veio para o sítio depois que seu pai ouviu a mensagem de Severino Tavares. Sobre esse encontro de seu pai com o missionário do Caldeirão, ela contou que:

¹³⁸ Natural do Estado da Paraíba (Cabaceiras), Severino Tavares visitou o sítio Baixa Danta pela primeira vez em maio de 1924, mas a mudança da família em definitivo somente aconteceu dois anos depois, período em que José Lourenço estava deixando o sítio. Ele acompanhou José Lourenço para o sítio Caldeirão. Encontrou na irmandade espaço privilegiado para um intenso e ativo aprendizado religioso e popular. Tornou-se um dos homens de confiança do beato e foi incumbido de angariar fiéis por todo o Nordeste, uma espécie de "relações públicas" do movimento. Ver: LIMA, Maria Lourêto, Op.cit.,p.18 e Santos, peregrinos e demonofobos: os movimentos messiânicos e milenaristas brasileiros. Entrevista com Filipe Pinto Monteiro. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/39638-santos-peregrinos-e-demonofobos-os-movimentos-messianicos-e-milenaristas-brasileiros-entrevista-especial-com-filipe-pinto-monteiro>> acesso em 02/02/2016.

¹³⁹ Depoimento de Maria José de Sales, para o documentário da TV Assembleia do Ceará. 2 de 5 - Doc - Jose Lourenco. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nFsklSj9Y8E>> acesso em 10/12/2015.

Severino Tavares foi em Rio Grande do Norte, aí **papai gravou na cabeça que ele tinha dito que o mundo ia se acabar em 40**, aí papai virou a cabeça, pronto, não quis voltar de jeito nenhum, aí nós viemos em Outubro de 35, aqui pro Ceará.¹⁴⁰ (grifos meus)

O que se percebe neste depoimento de dona Maria de Lourdes, é um tipo de mensagem apocalíptica por parte de Severino Tavares, o que certamente também contribuiu muito para uma migração de última hora para o sitio Caldeirão. Afinal, este missionário se apresentava como um enviado da parte de Deus para oferecer salvação aquele povo. Nas palavras abaixo ele deixou isso muito claro:

Foi deixado que no fim das eras há de vir o conselheiro com o bastão na mão aconselhando o seu rebanho; quem quiser acreditar é este, quem não quiser é este mesmo. Ou então: Meus irmãos, olhem bem para mim para que não vão se enganarem...; olhem este homem que se apresenta diante de vocês é o conselheiro, este conselheiro foi prometido no princípio do tempo, mas é um só, reparem o meu jeito...; fiquem vocês sabendo que o homem do cajado só existe um.¹⁴¹

A mensagem desse beato tinha boa aceitação, pois o povo em sua maioria acreditava que ele realmente apresentava uma via de salvação. “Esta via de salvação se consubstanciava na fraternidade e no amor ao próximo. O exercício da fraternidade, juntamente com a ida ao Caldeirão, constituía as bases desse “caminho certo”.¹⁴² Severino também dizia que: “todos aqueles que não estivessem seguindo um caminho certo, procurassem segui-lo, já que se os povos do mundo se comportassem de acordo com os bons princípios ainda haveria quarenta anos e dias para viverem”.¹⁴³ Com uma mensagem apocalíptica, que anunciava o final dos tempos, este mensageiro teve êxito em suas missões pelo Nordeste brasileiro. Ele atraiu com seu discurso, não somente os mais necessitados, mas também pessoas de posse, fazendeiros e latifundiários também foram tocados pela sua palavra. O nome desse beato ainda viria a se tornar mais conhecido pelo povo nordestino, pois ele protagonizou um incidente que foi o estopim para a derradeira intervenção militar contra o povo do Caldeirão. Este acontecimento envolvendo Severino Tavares será abordado mais adiante.

¹⁴⁰ Ibidem.

¹⁴¹ QUEIROZ, Maria Isaura, Op.cit., p.265.

¹⁴² Loc. cit.

¹⁴³ DUARTE, Raimundo. “O movimento messiânico de Pau de Colher, na Bahia”. Comunicação ao 4º Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, MS. Salvador, 1960, p.7 apud QUEIROZ, Maria Isaura. Op. cit., p.265. Nas mensagens apocalípticas pregadas por Severino Tavares, aparece algo digno de nota. No depoimento de dona Maria de Lourdes (nota 140), ela diz que o pai gravou na cabeça que o mundo acabaria em 1940. Já nesta citação (nota 143), o que aparece como fala do beato Severino Tavares é que: “se os povos do mundo se comportassem de acordo com os bons princípios ainda haveria quarenta anos e dias para viverem” . Provavelmente essa deve ter sido uma única história relacionada ao número 40, mas com o passar do tempo provavelmente ganhou outra vertente.

1.3 Caldeirão: um benefício para os pobres fora do regime vigente

A década de 30 foi marcada por grandes acontecimentos. Getúlio Vargas chegava ao poder em 1930 (governo provisório), depois do movimento revolucionário que derrubou o então presidente Washington Luiz, encerrando assim a Primeira República ¹⁴⁴, que já perdurava por 41 anos. Já no ano de 1932 aconteceu a revolução constitucionalista ¹⁴⁵, deflagrada pelo Estado de São Paulo. Em 1935 estouraram as insurreições que foram chamadas de “levantes comunistas”, ¹⁴⁶ em Natal, Recife e no Rio de Janeiro. Em novembro de 1937, teve início o período autoritário e centralizador que ficou conhecido como Estado Novo (1937-1945). Nesta década o país viveu um clima revolucionário e também de muita insatisfação política. Nos estados o clima de incertezas também estava presente, pois os setores oligárquicos estavam insatisfeitos com as propostas centralizadoras do governo. Nesta mesma década, o sítio Caldeirão, que embora tivesse se estabelecido em 1926, começou a receber um número significativo de nordestinos. Era um período adverso para o homem do campo, devido às grandes secas do Nordeste, que castigavam o solo e afetavam em cheio a economia do Estado. As pessoas menos favorecidas procuravam por trabalho e dignidade, desejavam livrar-se das opressões, das injustiças e dos flagelos que a realidade social lhes impunha. Os que se dirigiam para o Caldeirão, em sua maioria eram pobres já cansados e desesperançados. Eles provavelmente não acreditavam mais no governo vigente, que até aquele momento parecia somente lhes aumentar o sofrimento e a dor. Nesta mesma linha de pensamento, o pesquisador Sandro Leonel, diz:

Então o Caldeirão passa a ser um centro atrativo dos peregrinos que em busca de uma redenção social passavam a ver na liderança de José Lourenço

¹⁴⁴ Período entre os anos de 1889 e 1930, ou seja, da proclamação da República até a Revolução de 30. Durante esses anos havia uma predominância do poder nacional das elites cafeeira paulistana e mineira na presidência da república. A proporção de presidentes dos dois estados atestava o protagonismo de ambos naquela conjuntura, embora cada Estado soubesse do seu potencial de intervenção e estava livre para construir alianças a partir de seus interesses. Ver: AURÉLIO, Daniel Rodrigues. *A extraordinária História do Brasil. Volume 3. Os tempos atuais: Brasil República*. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

¹⁴⁵ A *Revolução Constitucionalista* foi o choque armado ocorrido no Estado de São Paulo, entre os meses de julho e outubro de 1932. As oligarquias paulistas pretendiam reaver o domínio político que haviam perdido com o golpe de 1930. Portanto, tinham como objetivo a derrubada do governo provisório de Getúlio Vargas e a promulgação de uma nova Constituição para o Brasil. As forças paulistas embora derrotadas no conflito, conseguiram algumas reivindicações, entre elas: Convocação de uma Assembleia Constituinte para 1933, que escreveu a *Constituição de 1934*.

¹⁴⁶ Para maiores esclarecimentos sobre as insurreições de 1935, ver: VIANNA, Marly de A.G.. *Revolucionários de 1935. Sonho e Realidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 3ª edição, São Paulo: Expressão Popular, 2011.

e da comunidade do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, a saída da sua miséria e da sua ideia de flagelo.¹⁴⁷

O Caldeirão passou a oferecer para essas pessoas a tão sonhada dignidade que buscavam. Lá encontram trabalho, alimento e a orientação de um homem muito carismático, que era o beato José Lourenço. Essas pessoas deixam para trás a pobreza que tanto lhes afligia e passam a desfrutar neste lugar de muita prosperidade, além de desenvolverem ali uma vida de comunhão. Formaram no sítio uma verdadeira irmandade e desenvolveram um tipo de catolicismo popular¹⁴⁸, ou seja, uma forma de encontro com o sagrado que antes ainda não tinham experimentado. Neste sentido a religião desses camponeses está também ligada à situação social que passam a usufruir. Os moradores do Caldeirão, que antes eram oprimidos e vitimados pelo sistema, agora, em suas concepções, alcançavam o favor de Deus. Portanto, vemos que a questão social perpassa a questão religiosa. Sobre este assunto, Michel Löwy, recorre às contribuições deixadas por Karl Marx, a respeito da religião e diz que: “a principal contribuição de Marx à sociologia da religião foi de que a religião era simplesmente uma das formas da produção espiritual, cuja história não pode ser desvinculada do desenvolvimento econômico e social global da sociedade.”¹⁴⁹ No sítio administrado por José Lourenço, a questão social era notória, pois estava presente na prática da solidariedade, exercida por toda a comunidade, diferentemente do discurso teórico e pouco eficaz do catolicismo oficial.

O Caldeirão, na década de 30, foi um refúgio com muitos benefícios para centenas de sertanejos. Uma “Cidade Santa”, que mesmo em um período tão conturbado como foi a década de 30, tornou-se uma dádiva fora dos ditames da ordem vigente.

2 A administração que supera as secas: José Lourenço e o acolhimento dos flagelados da seca de 1932

No início da década de 30 os estados do Nordeste brasileiro foram novamente assolados pela seca. O ano de 1931 já era um prenúncio do grande cataclismo que estava por

¹⁴⁷ Depoimento de Sandro Leonel Tavares, para o documentário da TV Assembleia do Ceará. 2 de 5 - Doc - Jose Lourenco. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nFsklSj9Y8E>> acesso em 10/12/2015.

¹⁴⁸ Embora o “catolicismo popular” tenha distinções do catolicismo desenvolvido pelos padres da Igreja Oficial, não podem ser interpretados como independentes. O “catolicismo popular” seria uma adaptação do nordestino ao absolver elementos do catolicismo oficial, ou seja, uma nova interpretação de ideias que possibilitava uma significação própria. Devemos considerar também que os que praticavam esse tipo de “catolicismo popular”, não se consideravam adeptos de uma outra religião a não ser a católica. E mais, Régis Lopes traz uma boa reflexão quando diz que o chamado “catolicismo popular ou rural” é um conceito (ou categoria) que foi elaborado pela intelectualidade. Ver: RAMOS, Francisco, Op. cit., p.21.

¹⁴⁹ LÖWY, Michel. *Marx e Engels como sociólogos da religião*. Lua Nova: Revista de Cultura e Política. Nº43. Sujeito e Objeto. São Paulo, 1998.p.161.

vir. Neste ano a seca começava a se intensificar, e o inverno não foi o esperado. As chuvas aguardadas pelos sertanejos foram poucas, tornando assim o ano cada vez mais difícil para o homem do campo. Para a professora Kênia Sousa Rios: “O ano de 1931 foi difícil, mas a maioria dos sertanejos permaneceu nos seus lares. Os registros de migração no ano de 1931 assinalaram que foi pequeno o número de fugitivos da seca.”¹⁵⁰ Quanto ao ano de 1932, já não podemos falar a mesma coisa. Este ano foi considerado como o ponto culminante atingido pela grande seca e trouxe consigo uma avassaladora destruição para os nordestinos. A respeito do ano de 1932, Kênia Rios faz essa triste descrição:

No final do mês de março, grandes levas de retirantes já enchiam de tristeza e fome as estradas do Sertão. Das mais longínquas paragens da caatinga saíam homens e mulheres que, a caminho da cidade, arrastavam seus filhos e alguns pertences. Muitos sertanejos se juntavam, formando enormes bandos de flagelados. Na angustiosa luta para arrefecer a fome, os retirantes matavam e comiam algumas reses que ainda resistiam nos pastos das grandes fazendas. Nos jornais de Fortaleza, eram comuns notícias sobre o roubo de bois e vacas de particulares. Os flagelados caminhavam longos trechos a pé, em busca de uma cidade com estação de trem. As estradas de poeira findavam quando se encontravam com os caminhos de ferro. Das estações ferroviárias saíam grandes levas de retirantes em direção à Capital.¹⁵¹

Não se pode mensurar o que foi a destruição causada por esta seca e muito menos o desespero de quem dela tentou escapar. O jornal o *Povo* de Fortaleza, em 11 de Janeiro de 1932, já publicava a situação dramática dos flagelados. Fome e miséria na mais alta escala informava o noticiário.

¹⁵⁰ RIOS, Kênia Sousa. *Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932*. - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014, p.17.

¹⁵¹ *Ibidem*, p.18.

Figura 2- Imagem da página 05 - do Jornal O Povo de 11 de Janeiro de 1932.

O Povo - Segunda-feira 11 de Janeiro de 1932

De Senador Pompeu aos Inhamuns

O que o Enviado especial do O POVO observou nos Sertões cearenses

Fome e Miséria na mais alta Escala - Repetem-se, aterradores, os Quadros dolorosos e as Cenas crueldades do Flagelo - As Caravanas famintas palmilham as Estradas. E as Árvores, descaroadas, erguem os Galhos para os Céus, num Protesto mudo e silueto contra a Natureza inclemente...

As grandes "mangas" ou "solitas" sustentam milhões de gente e, por isso, a criação ainda não sofreu os mortais efeitos do prolongado estio.

Em Vera Cruz a situação começa a piorar. A água e o leite ainda existem em certos pontos, embora em quantidade cada vez menor. A situação começa a piorar. A água e o leite ainda existem em certos pontos, embora em quantidade cada vez menor.

Uma Rainha sagaz e solista

Uma das grandes rainhas da região, a rainha sagaz e solista, está a morrer. Ela é a rainha sagaz e solista, está a morrer. Ela é a rainha sagaz e solista, está a morrer.

Um Desastre

Um desastre ocorreu na região. Um desastre ocorreu na região. Um desastre ocorreu na região.

Terrenos

Terrenos estão disponíveis para venda. Terrenos estão disponíveis para venda. Terrenos estão disponíveis para venda.

AMADEU

Praga da Ferreira, 192

Dr. Vicente Pordens de Oliveira

Advogado

Dr. Alfredo da Rocha Leão e Elpidio Prain

Advogados

Consultoria Médica da Farmácia S. José

Dr. Diogo, 3 de 11, Dr. Gilberto Lopes, 1 de 3, Dr. Antônio Barros, 3 de 5, Conselho de Feitoria (Central)

Retirado de: <http://valdecyvalves.blogspot.com.br/2011/11/campos-de-concentracao-no- Ceara.html> acesso em 12/02/2016.

Os flagelados saíam de todas as formas abandonadas as regiões mais assoladas pela seca. Procuravam chegar até as estações ferroviárias, para dali então migrarem para a capital. O desespero ainda encontrou pela frente a resistência das forças policiais, pois o Estado buscava soluções para a crise e pretendia a todo custo, controlar a vinda em massa dos famintos para a capital.

Neste ano a população do Caldeirão aumentou sobremaneira, pois muitas pessoas viram no sítio de José Lourenço um lugar que lhes poderia garantir a sobrevivência. Lourenço não fechou as portas e nem limitou a quantidade de pessoas para ingressar na irmandade. O beato acolheu os necessitados e os tratou com a mesma generosidade que tinha para com os que ali já se encontravam. Durante o período da seca o Caldeirão também recebeu inúmeras pessoas de outros estados, que não retornaram mais para o seu lugar de origem. Essas pessoas experimentaram no Caldeirão, um modo de vida diferente, ou seja, um modelo que superava todas as expectativas em relação a viver em sociedade. Portanto, decidiram ficar e se integrar de vez à comunidade do beato.

2.1 O governo do Estado e a solução para os flagelados – Os campos de concentração

A seca de 1932 entrou para história como uma das maiores tragédias que se abateu sobre o estado do Ceará. As regiões que foram mais atingidas pela catástrofe aglomeravam nas suas estações de trem uma imensa quantidade de famintos. Desses lugares saíam, todos os dias, locomotivas com todos os seus vagões completamente lotados¹⁵². Como já mencionado, as estações ferroviárias transformaram-se em espaços de grande tensão entre os retirantes e as forças policiais. Os flagelados viam nesses lugares um meio de escapar das suas misérias. A fome e a desgraça que se abateu sobre os nordestinos era tanta que, mesmo os trens que os conduziam à capital, como via de escape para sobrevivência não escapavam dos constantes assaltos. Kenia Rios diz que: O jornal *O Nordeste* do dia 08 de abril de 32, trazia na manchete: “*Tragédia da fome*”. Com essa matéria, o periódico destacava os frequentes assaltos dos flagelados aos trens no Sertão do Ceará.¹⁵³ Na verdade, os flagelados entraram em desespero enquanto o governo buscava uma solução imediata para o problema, pois a situação se tornava mais crítica a cada dia. Os documentos que foram preservados desse período evidenciam a triste realidade dos sertanejos diante da calamidade. As duas fotos exibidas adiante, comunicam a dimensão dos acontecimentos catastróficos de 1932:

¹⁵² RIOS, Kênia, Op. cit., p.19.

¹⁵³ Loc. cit.

Figura 3 – Foto dos retirantes da seca de 1932.



Fonte: Retirado de: <<http://professorfranciscomello.blogspot.com.br/2013/09/seca-do-32.html>> acesso em 15/02/2016.

Figura 4- Flagelados da seca de 1932 caíam à beira dos trilhos. Muitos não resistiam e morriam à espera de socorro.



Imagem retirada de: <<http://www.conexaojornalismo.com.br/>> acesso em 15/02/2016.

O governo do Ceará resolveu então construir “campos de concentração”, para que os flagelados pudessem se abrigar. Ao todo foram construídos sete campos. Em Fortaleza havia dois, para confinar retirantes que lá já estavam. Ambos chegaram a ter 1.800 presos. Os de Crato e de Senador Pompeu receberam mais de 16 mil cada um; Quixeramobim, 4.500; Cariús, 28 mil; e Ipu, cerca de 6.500.¹⁵⁴ Para o historiador Airton de Farias:

A ideia era muito clara: concentrar, disciplinar essas pessoas. Colocar essas pessoas ali pra que elas não perturbassem a ordem social. Lá havia uma rígida disciplina. Não poderiam sair, tinham, muitas vezes, os cabelos raspados, separavam mulheres de homens. Muitas vezes, o governo que administrava os campos. Havia cadeias pra punir quem agisse com indisciplina. Então, era um modo de controle.¹⁵⁵

Corroborando essa ideia de controle dos flagelados para que estes não chegassem à capital e perturbassem a ordem social, Kênia Rios escreve:

Os Campos de Concentração do Sertão foram construídos de modo estratégico: todos foram erguidos em lugares onde existiam, nas proximidades, uma Estação Ferroviária. Desse modo, o Governo procurava diluir as tensões que se constituíam nos “pontos de trem” e, ao mesmo tempo, tentava evitar a migração para capital pelas vias férreas. A localização dos Campos possibilitava um maior controle sobre a vida do retirante. Desse modo, um dos principais espaços de aprisionamento de flagelados era nos arredores das Estações, ou melhor, nos territórios onde o sertanejo procurava trocar a poeira das estradas pelas estradas de ferro.¹⁵⁶

Uma contemporânea do campo de concentração de Senador Pompeu, lembra do horror da pior seca vivida por ela. “Foi de 32. Ave Maria! Foi de morte! Só de morte, gente morrendo de fome, de doença porque a fome traz tudo, né? Traz todas as doenças”, afirma.¹⁵⁷ Como se pode observar a solução do governo não foi suficiente para controlar a situação. Muitos que foram para os campos de concentração em busca de sobrevivência, encontraram pela frente: fome, doenças e a morte. Ao todo acredita-se que morreram somente em Senador Pompeu, cerca de 2.000 mil pessoas.¹⁵⁸ Os jornais da época retratavam a situação que parecia estar ficando fora de controle.

¹⁵⁴ *Mais cruéis que a seca*. Por Cida de Oliveira publicado a 04/04/2013. Retirado de: <<http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/57/mais-cruéis-que-a-seca>> acesso em 15/02/2016.

¹⁵⁵ Cearenses relembram campos de concentração de retirantes da seca. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2015/03/cearenses-relembra-campos-de-concentracao>> acesso em 15/02/2016.

¹⁵⁶ RIOS, Kênia, Op. cit., p.22.

¹⁵⁷ Depoimento de Carmélia Gomes Pinheiro, moradora do município de Senador Pompeu na época da seca. Carmélia é filha de um dos guardas do campo de concentração deste município. Retirado de:

<<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2015/03/cearenses-relembra-campos-de-concentracao>> acesso em 15/02/2016.

¹⁵⁸ Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2015/03/cearenses-relembra-campos-de-concentracao>> acesso em 15/02/2016.

Os campos de concentração construídos pelo governo no Ceará foram uma triste realidade, vivenciada por milhares de sertanejos na década de 30 e ainda hoje o assunto é desconhecido por muitos brasileiros. Foram poucos os pesquisadores¹⁵⁹ que se dispuseram a escrever a esse respeito. Ao que me parece, houve pouco interesse para que um acontecimento desta natureza fizesse parte dos livros de nossa história.

2.2 O campo de Buriti e o sítio Caldeirão: no município do Crato, lugares de flagelo e prosperidade

No ano de 1932, o município do Crato presenciou duas situações completamente distintas com relação à grande seca. De um lado, os flagelados do campo de Buriti¹⁶⁰, um dos espaços que o governo criou na tentativa de evitar que os retirantes chegassem até à capital Fortaleza. Do outro lado, o sítio Caldeirão, sob administração do beato José Lourenço, que também contava com um número bastante significativo de pessoas, durante a mesma seca. O campo de Buriti que foi programado para receber cerca de 5 mil retirantes, chegou a um número alarmante de mais de 16 mil pessoas, que conviviam em condições muito precárias. Além disso, havia um forte controle do governo, inclusive com medidas disciplinares. Segundo testemunhos dos remanescentes, existia no terreno de Buriti, até um lugar que servia como prisão em caso de desordem. Kênia Rios, diz:

Nos relatos jornalísticos que descreviam detalhadamente a estrutura dos Campos de Concentração, jamais se falou nessa prisão punitiva. Entretanto, nas memórias dos sertanejos que passaram por estes lugares, a lembrança do “sebo” tornou-se marcante. Conforme o depoimento oral do Sr. José Camurça, dentro do próprio Campo do Buriti (no Crato) havia **“uma espécie de cadeia para os desordeiros” e “era um cercado de madeira bem alto e seguro.**¹⁶¹ (grifos meus)

Mesmo com toda vigilância e rigidez por parte do governo, as medidas não foram capazes de solucionar os problemas que afetavam a vida dos retirantes. A falta de higiene no local e a má-alimentação das pessoas, contribuía para o avanço das doenças e o campo tornou-se um foco de infecções, que parecia estar sem controle¹⁶². Segundo a historiadora

¹⁵⁹ Entre os pesquisadores que abordam o assunto dos campos de concentração do Ceará, destaco o livro da doutora Kênia Sousa Rio, (PUC-SP), já citado nesta pesquisa.

¹⁶⁰ O campo de concentração de Buriti ficava localizado no Crato. A escolha deste campo neste sub-tópico da pesquisa, fica por conta da sua localidade, uma vez que pretendo fazer um contra ponto entre a administração do governo e a do beato José Lourenço, diante da catástrofe de 1932.

¹⁶¹ RIOS, Kênia, Op. cit., p.95.

¹⁶² Havia por parte dos retirantes uma forte resistência em receber vacinas ou mesmo tratamento por parte dos médicos. Uma curandeira conhecida como D. Raimunda, tinha mais prestígio entre os retirantes do que um médico designado para atender no campo. Essa dificuldade de “adestramento” evidencia o abismo que havia

Rosângela Martins: “morria gente todos os dias, e um caminhão passava recolhendo os corpos no final da tarde para jogá-los em valas na parte alta do campo”¹⁶³. Antônio de Alencar Araripe, que na época era prefeito do Crato, recebia muitos flagelados. Sem recursos, ele os enviava para o campo de Buriti. Nas palavras do próprio prefeito, sentimos o drama das pessoas que ali se encontravam: “eu mandava diariamente abrir grandes covas para enterrar os mortos, só tinha fome e peste, era um horror.”¹⁶⁴ O Jornal *O Povo* de junho de 1932, mostra uma situação alarmante nos campos de concentração:

Figura 7- O Jornal *O Povo*, do Ceará, em 20 de junho 1932, publicou uma reportagem sobre o efetivo nos campos de concentração.

O EFETIVO DOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO DOS FLAGELADOS	
Pelos últimos dados recebidos oficialmente, o efetivo de flagelados nos diversos campos de concentração deste Estado conta-se da seguinte maneira :	
Ipú	6 507
Fortaleza	1 800
Quixeramobim	4 542
Senador Pompeu	16 221
Cariri	28 648
Buriti	16 200
Total	73.918

Retirado de: <<http://valdecyvalves.blogspot.com.br/2015/11/caminhada-da-seca-completa-33-anos-em.html>> acesso em 19/02/2016.

Como se pode observar o campo de Buriti registra 16.200 retirantes, um número que ainda tendia para o crescimento pela carência de recursos por parte do Estado. No mesmo período, de tanta escassez para o povo que estava recolhido no campo de Buriti, funcionava de maneira próspera, não tão distante dali, o sítio Caldeirão. Neste lugar administrado pelo beato José Lourenço, havia abundância de alimentos e água era o que não faltava. Além dos

entre o campo e a cidade. Para maiores esclarecimentos, ver: RIOS, Kênia Sousa. *A cidade do sol à sombra do flagelo*. Artigo disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/10876/8065>>.

¹⁶³MONTEIRO, Emerson: *O campo de concentração de Buriti*. Artigo disponível em: <<http://blogdocrato.blogspot.com.br/2007/10/o-campo-de-concentrao-do-buriti.html>> acesso em 18/02/2016.

¹⁶⁴CARIRY, Rosemberg. *O Caldeirão de Santa Cruz do Deserto*. Fortaleza: Cariry filmes: 1986.

caldeirões de pedra, que reservavam uma grande quantidade de água, foram construídos no local dois grandes açudes. Foi durante esse período que José Lourenço abriu os celeiros do Caldeirão para socorrer os flagelados que chegavam em péssimas condições ao sítio. No depoimento de um remanescente, percebe-se como o Caldeirão não sofreu com os danos provocados pela grande seca:

Lá não morreu nenhum [...] Lá era uma casa de barriga cheia, de fartura, lá não faltava nada pra ninguém, graças a Deus. Era tudo de barriga cheia. Todo dia matava boi, comprava boi e matava [...] quem chegasse ali por perto quando ele matava, só saía com a barriga cheia. [...] As panelas de comer era dois homens pra botar uma no chão abaixo, os café era uma chaleira de dez litros d'água.¹⁶⁵

O sociólogo Régis Lopes, a respeito da atuação do beato José Lourenço na seca de 1932, cita um artigo do jornalista José Alves de Figueiredo para o jornal *O Povo*, do dia 07/06/1934. Neste texto o jornalista fala muito favoravelmente ao beato:

O Beato José Lourenço sustentou durante os 23 meses da seca última, além do pessoal que com ele vive de ordinário e a que já me referi, mais de 500 pessoas que recorreram à sua munificente ação. Para levar a cabo essa tarefa, de um filantropismo tão fora do comum, de uma tão invulgar benemerência, ele gastou grandes depósitos de cereais que tinha em Caldeirão e toda a farinha produzida em 600 tarefas de mandioca de sua cultura na Serra do Araripe, a qual, vendida ao preço que logrou, daria uma bela fortuna. Fornecia uma única refeição diária, mas, somente nesse jantar, eram empregadas 5 quartas de farinha, ou sejam, 400 litros. Quem seria capaz, em nosso meio, de tão desusado, tão estupendo gesto de caridade?¹⁶⁶

Percebe-se nesta comparação entre o campo de Buriti e o sítio Caldeirão que realmente a administração de José Lourenço foi um diferencial durante a seca. Devemos também guardar as devidas proporções, pois o campo de Buriti tinha um número de flagelados que superava em muito os habitantes do Caldeirão. O que devemos considerar é que o Caldeirão do beato José Lourenço, diferentemente do governo do Estado, conseguiu, mesmo que de forma simples, montar uma estrutura que foi capaz de superar uma situação tão catastrófica como a seca de 1932.

¹⁶⁵ Ibidem.

¹⁶⁶ FIGUEIREDO, José Alves de. “*O Beato José Lourenço e Sua Ação no Cariri*”. Jornal *O Povo* de 07/06/1934. apud RAMOS, Francisco, Op. cit., p. 81.

2.3 A comunidade do Caldeirão e suas relações além dos limites do sítio.

O beato José Lourenço embora mantendo no Caldeirão um modelo que era autossuficiente para a irmandade que ali residia, também mantinha contatos fora dos limites do sítio. Em relação ao comércio que era realizado na região, a comunidade não ficava de fora. O Caldeirão, pelo que se tem conhecimento, produzia além do que necessitavam para o consumo interno, um excedente que possibilitava sua venda. Com a venda dessa produção, o beato comprava o que o sítio não produzia. Essa relação de compra e venda mantida pela comunidade está presente no testemunho de um comerciante da época, Diz ele:

Conheci o beato José Lourenço desde o ano de 1932. Quando ele nos comprava lá em Santa Fé, na nossa mercearia. Eles nos compravam e nos vendiam também algumas mercadorias, lá no nosso comércio. O Algodão, a farinha e outras mercadorias.¹⁶⁷

A pesquisadora Veralúcia G de Matos, também confirma esta relação comercial e amistosa entre o Caldeirão e o comércio da região. Segundo ela:

Antes que a terra realmente começasse a produzir, o beato comprava mantimentos para aquelas pessoas sobreviverem, ele sempre se preocupou que eles tivessem boa alimentação, muitas frutas, carne, ele comprava bois, comprava frutas nos terrenos vizinhos, até que a terra começasse a produzir....¹⁶⁸

Esse bom trabalho desenvolvido nas terras do Caldeirão também chamava muita atenção dos fazendeiros locais. Mas o beato sempre procurava manter bons laços de amizade com eles. O amor ao próximo sempre foi o lema do Caldeirão. Segundo Rui Facó: Os fazendeiros e sitiantes solicitavam a Lourenço que lhes fornecesse trabalhadores temporários, no plantio ou na safra. E eram atendidos.¹⁶⁹ Um caso bem interessante a respeito desse relacionamento com proprietários de terras da região, foi o da amizade entre José Lourenço e José Alves de Figueiredo. A citação abaixo demonstra como o beato foi solícito com seu amigo:

Certa vez, fornecia 600 trabalhadores a seu amigo José Alves de Figueiredo, os quais, num só dia destocaram, encoivaram e limpavam 32 tarefas de terra, cuja extensão, dentro daquele mesmo prazo, foi semeada de arroz, **não**

¹⁶⁷ Depoimento de um comerciante de Santa fé, contemporâneo do beato José Lourenço para o documentário CARIRY, Rosemberg. *O Caldeirão de Santa Cruz do Deserto*. Fortaleza: Cariri filmes: 1985.

¹⁶⁸ Depoimento da pesquisadora Veralúcia G. de Matos Maia, para TV Assembleia. Ver: 1 de 5 Documentário - José Lourenço: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=98WFhlxMjAg>> acesso em 23/02/2016.

¹⁶⁹ FACÓ, Op. cit., p.201.

pedindo pagamento pelo serviço. José Alves de Figueiredo, porém, após 3 ou 4 adjuntos, retribuiu-lhe o favor com 470 cargas de milho.¹⁷⁰ (grifos meus)

Da mesma forma, o beato Lourenço sempre tentou manter um bom relacionamento com a Igreja. Em 1931, a irmandade do Caldeirão começou a construir uma capela no sítio. A intenção era que um padre viesse para realizar os atos litúrgicos¹⁷¹. Neste mesmo ano, um mestre de obras foi convidado pelo beato para direcionar a empreitada. Para Régis Lopes: “Era um desejo comum a realização da obra. Muitos, depois do trabalho na roça iam ajudar nos serviços da construção.”¹⁷² Ainda segundo esse pesquisador, José Lourenço mandou buscar imagens da Alemanha, construiu uma boa casa para receber algum sacerdote, mas a diocese do Crato mandou dizer que: “*padre nenhum iria naquele inferno*”.¹⁷³ Portanto, percebe-se, que pelo menos por parte do beato, houve intenção de estar ligado à Igreja, até porque, nem ele e nem a irmandade que ali residia, cultivava qualquer tipo de sentimento que pudesse levá-los a um futuro rompimento.

Figura 8 - A capela de Santo Inácio de Loyola, construída na década de 30, ainda é uma das poucas construções que restam relativamente conservada.



Imagem retirada de: <<http://cearaemfotos.blogspot.com.br/2012/09/o-beato-jose-lourenco-e-sociedade-do.html> acesso em 25/02/2016.> (Foto Secult) acesso em 19/02/2016.

¹⁷⁰ MONTENEGRO, Abelardo F. *Fanáticos e Cangaceiros*. Gildácio Sá (Organizador). Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011, p.218.

¹⁷¹ Segundo o pesquisador Domingos Sávio Cordeiro, embora se diga que o beato José Lourenço, celebrava atos litúrgicos, isso não corresponde à memória das pessoas que viveram nas comunidades lideradas por ele. Ver: 2 de 5 - Documentário - José Lourenço: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nFsklSj9Y8E> > acesso em 24/02/2016.

¹⁷² RAMOS, Francisco, Op. cit., p.63.

¹⁷³ Ibidem, p.107.

O beato Lourenço sempre deu exemplo de obediência às autoridades locais, pois não há registro de nenhum tipo de sublevação por parte dele enquanto esteve no Caldeirão, inclusive quando esteve preso por ocasião da suposta adoração ao “boi mansinho” em Baixa Danta, foi ele que se apresentou ao Dr. Floro Bartolomeu. A própria imprensa não era impedida de entrar no sítio. O jornalista Hildebrando Espínola, esteve lá e posteriormente escreveu favoravelmente ao sítio, tanto quanto à conduta do beato, como a respeito da administração do sítio.

Figura 9 - O jornalista Hildebrando Espínola em visita ao sítio Caldeirão, acompanhado pelo beato José Lourenço.



Imagem retirada de:< <http://www.vermelho.org.br/noticia/248228-11>> em 23/02/2016.

Nessas relações observadas, aparentemente não havia nada que pudesse colocar o sítio administrado pelo beato Lourenço como um perigo para aquela região, ou seja, como uma ameaça à ordem social. Muito pelo contrário, o sítio foi um benefício para seus moradores, principalmente para os menos favorecidos e também para a circunvizinhança. Neste caso, se houve algum conflito nessas relações, provavelmente não partiu do sítio Caldeirão.

3 O Caldeirão começa a ferver: Latifundiários, Igreja e Governo, alinhados contra a permanência do sítio

No ano de 1936 começou uma mobilização das autoridades, principalmente as locais, para interromper as atividades do sítio Caldeirão. As acusações contra a comunidade e seu líder foram as mais diversas possíveis e entre elas aparecem algumas denúncias como: o sítio seria um reduto de comunistas, o trabalho escravo era imposto pelo beato, havia a prática de fanatismo religioso, de promiscuidade sexual, entre outras acusações. Mas como já observamos anteriormente, as atividades realizadas no sítio não apontam para nada que possa se aproximar dessas acusações. Na memória dos remanescentes, o que se pode perceber, destoa completamente dessas invenções. É certo que algumas acusações até aparecem no testemunho de alguns contemporâneos, mas não dos remanescentes do sítio. O pesquisador Sávio Cordeiro, fez esse tipo de comparação, entre os testemunhos dos remanescentes e de alguns contemporâneos. Procurei nesta pesquisa separar apenas alguns deles e vejamos o que dizem principalmente a respeito do beato José Lourenço:

Olhe home, **eu via dizer** que ...**eu ouvi dizer** que ele gostava de pegar em barriga de mulher, numa tia minha ele pegou. (J.H./m/contemp./JUN.2000)¹⁷⁴ (grifos meus)

Ave Maria! Mas em respeito, o senhor acredita que eu não me conformava com a notícia que esse povo dizia de mal? Virgem Nossa Senhora! Que conduta! Um povo desalmado disse que toda moça que chegava lá, não era mais moça quando saía de lá [era mulher dele]. Ave Maria! Meu Deus! Tudo as maldades. Quem tem coração pra Deus num diz essas coisa, não. (F.L.S./f/Reman./MAIO 2000)¹⁷⁵

Cachaça eu num sei não, mas cerveja eu vi ele bebendo...**e uma amiga minha disse que viu** foi ele bêbado, ali, perto dessa entrada onde tinha uma bodega, num era José? Tava bebo, bebo... (J.H./m/Contemp./JUN.2000)¹⁷⁶ (grifos meus)

Ói, o pessoal diz que ele bebia, por ai tem gente ai que diz que ele bebia, e eu morei esse tempo todim e nunca vi ele bebendo... (A.I./m/Reman./JUN 2000)¹⁷⁷

No bolso do beato? **Diz o povo** que nunca faltou. Logo esse povo que tava trabalhando aí, ele não pagava. Era roupa e de comer. Mas ele dava, que eu vi o povo do beato bebendo cachaça com o dinheiro do povo. Por sinal, ele agradava o povo que ele queria. Se fosse pra trabalhar de graça, pra viver sem ganhar um tostão, eu não trabalhava nem pro meu pai. Não dá não. E

¹⁷⁴ CORDEIRO, Domingos, Op. cit., p.146. O pesquisador usa M e F para identificar, respectivamente, os informantes masculinos e femininos. As abreviaturas REMAN. E CONTEMP. Indicam os informantes remanescentes e contemporâneos. Ver, p. 27 da obra citada.

¹⁷⁵ Loc. cit.

¹⁷⁶ Ibidem, p.148.

¹⁷⁷ Ibidem, p.149.

ver trabalhando homens e muié e menino que desse pra trabalhar. (J.F.S./m/Contemp./JAN.2000)¹⁷⁸ (grifos meus)

O negócio do beato era trabalhar, rezar, ensinar o bom caminho e fazer o bem a todos, fazer o bem a quem fizesse o mal, falar do meu Padre Cícero e Nossa Senhora das Dores... (M.G.C./f/Reman./DEZ 1990)¹⁷⁹

Percebe-se que há uma diferença considerável nos testemunhos listados. Os remanescentes estão muito mais seguros do que estão falando do que os contemporâneos, que quase sempre falaram por “*ouviu*” *dizer*. Mas mesmo considerando os testemunhos dos contemporâneos e não os dos remanescentes, não havia motivos suficientes para a interrupção dos trabalhos no sítio. No máximo poderiam chamar o beato Lourenço para prestar esclarecimentos a respeito das denúncias.

Diante da atitude arbitrária por parte das autoridades de interromper os trabalhos no sítio Caldeirão, resolvi fazer uma análise de forma mais pormenorizada sobre a situação, na tentativa de descobrir o que poderia ter contribuído para essa tomada de decisão do governo. E, no final de contas, por trás da decisão de acabar com o sítio estavam: os latifundiários, a Igreja e as autoridades do governo do Estado.

3.1 O sítio Caldeirão e os grandes latifundiários

Embora José Lourenço tivesse relações de amizade com alguns proprietários de terras da região, conforme já mencionamos, não podemos entender que essas relações fossem as mesmas com todos os latifundiários. Acredita-se que na década de 30 houve uma evasão de muitos trabalhadores da região para o sítio Caldeirão. Esta opção dos camponeses provavelmente despertou um sentimento de indignação nos grandes latifundiários, que começaram a perder a mão de obra barata. O texto abaixo corrobora essa ideia, pois evidencia que o modo de vida praticado no Caldeirão, tornou-se, não somente uma atração para muitos trabalhadores, como também um problema para os grandes latifundiários:

A igualdade social e econômica praticada no Caldeirão chamou a atenção de inúmeros camponeses que lá se refugiavam, deixando para trás as condições de expropriação e subordinação às quais eram submetidos nos latifúndios da região. A evasão dos trabalhadores para as terras do Caldeirão despertou a ira dos coronéis da oligarquia fundiária do Cariri, que se sentiu ameaçada e passou a difamar a comunidade, divulgando tratar-se de um movimento de fanáticos religiosos, com aspirações comunistas e com pretensões de

¹⁷⁸ Ibidem, p.153.

¹⁷⁹ Ibidem, p.151.

transformar-se em uma nova Canudos. Presumiam e temiam os coronéis que outros camponeses seguissem o exemplo do Caldeirão, fundando outras comunidades com o mesmo princípio de organização, fato que colocaria em risco a estrutura fundiária e, conseqüentemente, a política dos coronéis da região e do próprio Estado.¹⁸⁰

Essa questão da terra é realmente muito importante para a pesquisa, ou seja, pensar no entrave que a comunidade do sítio Caldeirão havia se tornado para os grandes latifundiários. Para o historiador Airton de Farias, o Caldeirão tornou-se uma crítica silenciosa e implícita ao latifúndio, ou seja, à concentração de renda, de riquezas e de terras.¹⁸¹ A comunidade do beato, neste caso, estava causando prejuízos para o desenvolvimento da política dos coronéis, que ainda era exercida com muita força na região do Cariri.

3.2 O sítio Caldeirão e os padres salesianos

O padre Cícero cedeu as terras do sítio Caldeirão para José Lourenço e seu povo logo após a saída do beato de Baixa Danta. Mas o padre na época não teve a preocupação de passar o terreno legalmente para a comunidade, até porque, quando fez seu testamento, o sítio ainda não estava em atividade. O testamento do padre Cicero foi feito no ano de 1923 e o sítio Caldeirão começou a sua atividade somente em 1926. Acredito que ele também não imaginava que alguém fosse mexer com o beato e sua gente lá no sítio, principalmente os padres salesianos¹⁸², que com a morte do padre, em 1934, foram os grandes beneficiados pelo testamento deixado por ele.¹⁸³ As terras do Caldeirão estavam incluídas neste testamento, conforme podemos observar no texto abaixo:

¹⁸⁰ DA SILVA, Judson Jorge; ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. *Do sonho à devastação, onde tudo se (re)constrói: Experiências e Memórias nas Lutas por Terra da Região do Cariri-CE*. Revista NERA, Presidente Prudente, Ano 12, n. 14, pp. 125-141, Jan/Jun. 2009. Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/nera/revistas/14/13_silva_alencar.pdf> acesso em: 23/02/2016.

¹⁸¹ Depoimento para *TV O POVO no Documentário: OS CEARENSES - Beato José Lourenço*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=v3sVsosLJgM>> acesso em 25/02/2016.

¹⁸² O fundador da ordem dos salesianos foi Dom Bosco. Esta palavra foi empregada pelo próprio Dom Bosco para nomear seus seguidores, em honra a São Francisco de Sales. Ele nasceu na Itália, perto de Turim, no dia 16 de agosto de 1815, falecendo no mesmo lugar no dia 31 de janeiro de 1888. Era filho de pobres camponeses. Quis ser padre para trabalhar com crianças e jovens educando e evangelizando, segundo um projeto de promoção integral, visando formar “bons cristãos e honestos cidadãos”. Ver: <<http://wiki.cancaonova.com/index.php/Salesianos>> acesso em 25/02/2016.

¹⁸³ O padre Cícero tinha conhecimento da experiência dos padres salesianos fazendo escolas profissionais na Itália e dando formação técnica aos meninos pobres. Como queria construir um colégio em Juazeiro e acreditava que os salesianos iriam não somente acolher o seu povo, mas também preservar as romarias à cidade, pediu para que viessem para Juazeiro, condição para entrarem na posse de seus bens. Ver: Depoimento de Eduardo Diatahy em: *OS CEARENSES* – Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=v3sVsosLJgM>> e BARROS, 1988, Op. cit., pp.308,309.

Deixo para a Ordem dos Padres Salesianos todas as terras que possuo nos sítios Logradouro, Salgadinho, Moxila, Carás, Pão Seco, que pertenceu ao velho Antônio Félix, neste município; o sítio Conceição, na Serra do Araripe, município do Crato, onde reside o empregado Casimiro; os terrenos que possuo na Serra do Araripe e mais o sítio Brejinho, ao sopé da mesma Serra do Araripe, no município do mesmo nome; os prédios e a capela em construção na Serra do Horto, e todas as suas benfeitorias; o prédio onde funciona o Açougue Público, desta cidade, sito à Avenida dr. Floro, antiga Rua Nova; os prédios contíguos à residência da religiosa Joana Tertulina de Jesus, conhecida por Beata Mocinha, onde também resido atualmente, sitos à Rua São José; o sítio Faustino, sito no município de Crato; o sítio Paul, também no município do Crato, porém depois do falecimento da antiga proprietária, D. Hermelinda Correia de Macedo, que ainda nele reside, salvo se antes de sua morte, de acordo com os padres salesianos, ficar morando em outro lugar; o sítio Baixa Danta, no município do Crato; as fazendas Letras, **Caldeirão** e Monte Alto, no município de Cabrobó, no Estado de Pernambuco, com todas as benfeitorias e gados nela existentes; o quarteirão de prédios sito à Rua S. Pedro, os quais comprei ao dr. Floro Bartolomeu da Costa, nesta cidade, inclusive o prédio em construção na mesma rua, contíguo à casa de morada e de negócio do meu amigo Damiano Pereira da Silva; a Fazenda Juiz, sita no município de Aurora, que comprei aos frades do Convento de S. Bento, de Quixadá; o prédio onde funciona o Orfanato Jesus, Maria e José; o terreno contíguo a este mesmo prédio; o prédio em construção, junto à casa da Beata Mocinha, onde resido, à mesma Rua S. José; o sítio Fernandes, no município do Crato; o sítio Periperi, no sopé da Serra de São Pedro do município do mesmo nome, porém depois da morte de sua então proprietária, D. Maria Souto, salvo se esta, de acordo com os padres salesianos, quiser morar em outro lugar; os sítios Santa Rosa e Taboca no município do Crato; o sítio Rangel, sito no município de Santana, Notas finais 158 Juazeiro do Padre Cícero que comprei a D. Joana de Araújo, e todas as propriedades com todas as suas benfeitorias igualmente a estas por mim citadas que possuo ou venha a possuir e que não constam deste testamento, bem como todos os gados que possuo por toda a parte que não pertençam a outras pessoas ou herdeiros estabelecidos nas cláusulas deste testamento que ora faço, **repito, deixo para os beneméritos padres salesianos**. Suplico aos mesmos padres que terminem a construção da capela do Horto.¹⁸⁴ (grifos meus)

Houve uma disputa acirrada entre os padres salesianos e a diocese do Crato pelos bens do Padre Cícero. Sobre essa disputa, o pesquisador Eduardo Diatahy, faz o seguinte comentário: *“O bispo diz o seguinte: qualquer bem, de qualquer sacerdote, é do bispado, e aí, eles tem o apoio da Igreja do Vaticano e impedem a chegada dos salesianos, só permitem a entrada deles, se eles renunciarem aos bens.”*¹⁸⁵ Essa foi uma tentativa da diocese do Crato de impugnar o testamento do padre Cícero e se apropriar de seu patrimônio. Segundo Luitgarde, diante do conflito, a justiça brasileira fez cumprir as disposições testamentárias

¹⁸⁴ Parte do testamento deixado por Padre Cícero em 1923. Lourenço Filho, Manoel Bergström. *Juazeiro do Padre Cícero* (obra premiada pela Academia Brasileira de Letras em 1927) 4. ed. Brasília: MEC/Inep, 2002. p.157,158.

¹⁸⁵ Em depoimento para o documentário: *OS CEARENSES - Beato José Lourenço*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=v3sVsosLJgM>> acesso em 25/02/2016.

deixadas pelo padre, entregando assim os bens aos salesianos.¹⁸⁶ Ainda segundo a antropóloga:

Tomando posse de todas as propriedades que herdaram, em 1936 os salesianos, embora José Lourenço lhes pagasse fielmente a renda da terra e lhes trouxesse cargas e mais cargas de produtos do Caldeirão, deliberaram o despejo do beato e sua gente. Inicia-se uma campanha de difamação contra ele, que era acusado de promiscuidade sexual, práticas diabólicas, etc.¹⁸⁷

A partir de então, houve uma pressão por parte dos padres salesianos para que o beato deixasse imediatamente o sítio Caldeirão. Ele era um homem pacífico e até estava disposto a sair, desde que fosse indenizado, uma vez que chegou ao lugar quando este ainda estava em condições muito precárias. Os salesianos que não estavam dispostos a negociar com José Lourenço, também irão se posicionar contra a irmandade do Caldeirão.

3.3 O sítio Caldeirão e o Governo do Estado

O governo do Estado não estava alheio aos acontecimentos que envolviam a irmandade do sítio Caldeirão, pois a experiência de Antônio Conselheiro,¹⁸⁸ em Canudos, ainda estava presente no imaginário das classes dominantes. Havia uma preocupação imensa por parte das autoridades quanto a um possível crescimento dessa irmandade no sítio. Rui Facó, diz que: “Certo dia, as autoridades acharam que no Caldeirão se criava um foco de ameaça à ordem estabelecida e às propriedades vizinhas.”¹⁸⁹ Somado a este desconforto por parte do governo em relação à comunidade do Caldeirão e o aumento populacional do sítio, devemos acrescentar que pairava no ar a chamada “ameaça comunista”, que era uma outra preocupação do governo. E mais, na seca de 1932, como já relatamos, os refugiados que buscaram abrigo no sítio administrado pelo beato José Lourenço, conseguiram sobreviver, ao contrário de muitos que ficaram sob os cuidados do governo. Neste sentido, a irmandade do Caldeirão, com sua administração baseada num sistema de igualdade e partilha, acabou, mesmo que de forma não intencional, de pôr a prova o governo do Estado, e, por conseguinte, expor suas deficiências diante das adversidades. Portanto, o perigo de que mais pessoas

¹⁸⁶ BARROS, Luitgarde, Op. cit., p.302.

¹⁸⁷ Loc. cit.

¹⁸⁸ Antônio Vicente Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro (1830-1897), foi um líder do movimento messiânico que reuniu milhares de sertanejos no arraial de Canudos, no Nordeste da Bahia, à margem do rio Vaza-Barris, onde resistiu às tropas do Governo Federal. Para maiores esclarecimentos, ver: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=330> e CUNHA, Euclides da. *Os Sertões (Campanha de Canudos)*. São Paulo. Editora Martin Claret, 2012.

¹⁸⁹ FACÓ, Rui, Op. cit., p.200.

fossem atraídas por esse tipo de administração, certamente deixou o governo do Ceará em alerta.

A comunidade do Caldeirão, na segunda metade dos anos trinta, parece ter se tornado uma ameaça à sociedade. Latifundiários, Igreja e Governo, partilhavam do mesmo pensamento a respeito do perigo que representava a permanência dessa comunidade no município do Crato. O beato José Lourenço, na verdade, havia construído, juntamente com sua comunidade, um “mundo novo”, fora daqueles padrões estabelecidos pela classe dominante. Para Luitgarde:

A constituição de uma nova concepção de mundo, permeando as novas formas de relações sociais que não mais eram de dominação, subordinação a nível econômico (não havia proprietários e não-proprietários dos meios de produção) era tão abrangente que a sociedade desnecessitou de instrumentos de dominação, vale dizer, prescindiu de organismos de repressão.¹⁹⁰

Neste caso, o enfrentamento entre esses “dois mundos” completamente antagônicos, era inevitável, na observação de Luitgarde: Foi um confronto entre duas sociedades: A global – desigual e exploradora; e a dos beatos – igualitária ordenadora e harmonizadora, o que desencadeou uma forte reação da sociedade dominante.¹⁹¹ Portanto, como se percebe, tratava-se de uma luta de classes. Neste momento de conflitos na sociedade, o governo do Estado, deveria aparecer como realizador do “bem comum”, mas no caso do Caldeirão, o Estado não assumiu um papel de neutralidade, pois estava pronto para se submeter e conseqüentemente, defender os interesses da classe dominante.

4 O sítio caldeirão interpretado pelas elites como uma ameaça comunista

Conforme mencionamos anteriormente, em 1930 iniciou-se a conhecida “era Vargas”, com um governo provisório que foi até o ano de 1934. Neste período, o presidente Getúlio Vargas deu início ao processo de centralização do poder.¹⁹² Vargas na Constituinte de 1934, foi eleito indiretamente presidente da República por quatro anos, até 1938, quando estava prevista uma nova eleição presidencial. Antes das eleições o governo utilizou o chamado plano Cohen¹⁹³, para aterrorizar a população e implantar o *Estado Novo*, em novembro de

¹⁹⁰ BARROS, Luitgarde, Op. cit., p.153.

¹⁹¹ Ibidem. p.150.

¹⁹² Disponível em: < <http://www.sohistoria.com.br/ef2/eravargas/> > acesso em 02/03/2016.

¹⁹³ O Plano Cohen foi um documento revelado pelo governo brasileiro que continha um suposto plano para a tomada do poder pelos comunistas. Anos mais tarde, porém, ficaria comprovado que o documento foi falsificado com a intenção de justificar a instauração da ditadura do Estado Novo, em novembro de 1937. Para maiores

1937. Mas antes mesmo da implantação do Estado Novo, Getúlio Vargas já fazia acirrada campanha contra os comunistas. À nação, Getúlio justificava sua repressão, sempre evocando imagens de unidade, patriotismo e interesse nacional contra o comunismo.¹⁹⁴ Por exemplo, em 10 de maio de 1936, na *Hora do Brasil*, Getúlio discursou da seguinte forma¹⁹⁵:

As destrutivas atividades do comunismo russo são várias e de muitas faces. À luz da natureza insidiosa desse trabalho, meios ordinários de manutenção da segurança nacional revelaram-se ... fracos e ineficazes ... A luta ... contra o eterno inimigo... tem de ser dura, dedicada e implacável. Confiante no patriotismo e no devotado exemplo das forças armadas, concluiu, ... afirmo que a ordem será mantida e as instituições preservadas.¹⁹⁶

Percebe-se pela citação acima, que na década de trinta houve muitos embates e repressão contra o comunismo aqui no Brasil. O sítio Caldeirão, sob a administração do beato José Lourenço, chegou a ser interpretado como um embrião do regime comunista. O modelo implantado no Caldeirão, conforme já mencionado, despertava a atenção do governo. Somando-se a isto, as autoridades também começavam a receber notícias sobre o “perigo vermelho”,¹⁹⁷ que representava aquele ajuntamento de nordestinos. Segundo Domingos Sávio Cordeiro:

Revestidos de uma visão de mundo igualitário, o povo do Caldeirão construiu na comunidade um modo de vida com relações equânimes, que se manifestava em um convívio equilibrado, com alteridade e capacidade de exercer, em ritos cotidianos, uma fé extraordinária. Assemelhava-se a uma comunidade comunista.¹⁹⁸

Em uma década, onde se vivia esse confronto ideológico entre o capitalismo e o comunismo, qualquer tipo de atividade que apontasse para o segundo não seria bem recebida pelas autoridades, e esse era o caso do Caldeirão. As autoridades estavam dispostas a levar a cabo a perseguição ao regime que interpretavam como nocivo à sociedade. No relatório feito pelo tenente José Góes de Campos Barros (Delegado da Ordem Política e Social), sobre a diligência feita ao sítio Caldeirão em 1936, Ele escreve:

esclarecimento, ver: SILVA, Hélio. *A ameaça Vermelha: O Plano Cohen*. Editora: L&PM, 1980. e <<http://www.sohistoria.com.br/ef2/eravargas/p4.php>> acesso em 02/03/2016.

¹⁹⁴ LEVINE, Robert M. *O Regime de Vargas, 1934-1938: os anos críticos*. Tradução: Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p.209.

¹⁹⁵ Loc. cit

¹⁹⁶ Getúlio Vargas, “*Necessidade e Dever de Repressão ao Comunismo*”, discurso de 10 de maio de 1936, in *A política do Brasil*, IV (Rio, 1941), 151-156. Apud LEVINE, Op. cit., pp.209,210.

¹⁹⁷ O mesmo que perigo comunista na mentalidade da classe dominante.

¹⁹⁸ CORDEIRO, Domingos. Op. cit., p. 100.

As hostes de Lourenço tomaram, no entanto, um tamanho vulto que, no ano passado, as autoridades locais trouxeram ao conhecimento do Capitão Cordeiro Neto, certos fatos singulares, que ali se estavam passando.

O caso se tornara tanto mais grave quando as romarias a Juazeiro se estavam canalizando para o Caldeirão, onde as relações de produção e consumo tendiam, francamente para o comunismo.¹⁹⁹

Neste caso, a interrupção dos trabalhos no sítio Caldeirão, seria fundamental para fortalecer o governo do Estado diante da conjuntura que vivia o país. Poderiam alegar para a população, que em nome da ordem e do bem, estavam simplesmente apagando os focos comunistas existentes no Estado. Sendo assim, estariam muito bem alinhados com as propostas de governo do chefe maior, Getúlio Vargas.

4.1 Os remanescentes do Caldeirão e o regime comunista

Não foram poucas as vezes que o sítio Caldeirão foi interpretado como um reduto de comunistas. Para que se possa pensar melhor nessa relação, resolvi pesquisar o assunto na ótica dos remanescentes, ou seja, o que eles pensavam a respeito dessa crítica. As citações abaixo foram colhidas de alguns remanescentes entrevistados pelo sociólogo Sávio Cordeiro.

Ele não dizia, o povo era quem comentava, essa perseguição que houve era dizendo que o beato era comunista. Houve umas perseguições, aí o povo dizia todo comunista que veio de Rio Grande do Norte. (M.G.C./f/Reman./DEZ. 1990)²⁰⁰

Não. Eu não acho que seja comunismo porque, como é que é, eu tô pensando...se a pessoa só reza, a pessoa teme a Deus. Acha que pode ser? Eu acho assim na minha mente. (M.T.M./f/Reman./SET.2000).²⁰¹

Quantas escadas tem o céu? Pois tem duas. Como é? Uma toda vermelha, e outra branca. E nós só sobe na branca. Um penitente do Padre Francisco foi tentar subir na escada vermelha, apenas deu dois passos, tropeçou e caiu. Só se sobe pela escada branca. Nossa Senhora dá a mão e ajuda nós subir. Certo. Que quando Nosso Senhor veio ao mundo, não foi pela escada branca? Apois! Nós só sobe pela escada branca. O que é que faz? Rezar. Fazer caridade. Levar a vida como esses, como nós já estamos vendo santo aí. Eu tenho um canto certo sobre Nossa Senhora... (J.M.C./f/Reman./SET.1988).²⁰²

¹⁹⁹ BARROS, J.G. de Campos. “*A Ordem dos Penitentes*”. Fortaleza-Ceará. Imprensa Oficial, 1937, p.6. Cópia do relatório original, feita por Alba Frota ao seu amigo Ralph Della Cava, Fortaleza, 24 de outubro de 1964. Disponível em: University of Florida Digital Collections <<http://ufdc.ufl.edu/UF00082307/00001>>. Acesso em 05/03/2016.

²⁰⁰ CORDEIRO, Domingos, Op. cit., p.101.

²⁰¹ Ibidem, p.102.

²⁰² Loc. cit.

Pedro de Andrade, que é filho de remanescentes, a respeito dessa relação entre o comunismo e a irmandade do Caldeirão, disse: “Nunca nenhum dos que conviveram com o beato Zé Lourenço e nem mesmo o beato falava em comunismo. Eles nem sabiam nada sobre Intentona Comunista ou coisa parecida.”²⁰³

Pelo que se pode perceber, o comunismo foi usado para legitimar as ações do governo contra a irmandade. Mesmo que as práticas do Caldeirão apontassem para o comunismo, nenhum dos participantes daquela irmandade saberia dizer o que seria um regime comunista. O que esses nordestinos sabiam dessa ideologia, era através das ideias, tanto fragmentadas como distorcidas, que chegavam até eles, provavelmente oriundas do governo.

4.2 Severino Tavares e seu discurso anticomunista

Se por parte daqueles que viveram no Caldeirão não havia um conhecimento claro a respeito do comunismo, direcionei a pesquisa para fora do sítio. Procurei estudar a mensagem que o beato Severino Tavares levava para além dos limites do Caldeirão. Como já mencionamos anteriormente, este beato era um tipo de missionário da comunidade, pois esteve em vários estados do Nordeste pregando a “salvação das almas”. Busquei relatos de suas mensagens, procurando identificar pontos de contato, entre a sua pregação e o comunismo. Separei uma citação referente ao seu discurso, que acredito seja de grande importância para nossa reflexão: “Se o chefe daqui for da religião, adjitória o home, que o home é este; se fôr da parte do comunismo, trata de afugentar dele que perde a graça de Deus.”²⁰⁴

Conforme se observa, o comunismo era percebido pelo beato Severino Tavares como algo completamente fora dos padrões religiosos em que ele acreditava, ou seja, como uma proposta completamente irreligiosa. Corroborando esta ideia, Maria Isaura de Queiroz, diz:

O comunismo era, pois, apresentado como antireligioso, quem dele se aproximasse não tinha salvação. Ora, sendo o Caldeirão essencialmente uma comunidade religiosa, não podia senão condenar as práticas que contrariavam sua base. O que José Lourenço e Severino procuravam pôr em prática eram rústicas ideias de cristianismo e de amor ao próximo.²⁰⁵

²⁰³ Em conversa via internet com Pedro de Andrade (06/03/2016). Segundo Ele, 37 de seus parentes viveram no sítio Caldeirão. Pedro é o coordenador da ONG beato José Lourenço, que procura preservar a história do Caldeirão e do beato. No local encontra-se um grande acervo fotográfico e também alguns objetos da época. Pedro incentiva a pesquisa sobre o acontecimento, pois acredita que ainda há muita coisa para ser revelada sobre o Caldeirão e o beato.

²⁰⁴ QUEIROZ, Maria Isaura, Op.cit., p.266. Queria dizer que se o chefe político local fosse religioso, ajudaria a ele, Severino, pois era ele “o home”, isto é, o enviado; mas se fosse comunista, então Severino se afastaria dele para não perder a graça de Deus (Duarte, MS, p.8)

²⁰⁵ Loc. cit.

Mesmo com todas as indicações de que a irmandade do Caldeirão e também seus líderes não eram defensores do comunismo, e mais, mal sabiam o que realmente representava esse regime, tanto as elites, como os jornais de época procuravam assim classificá-los, e por vezes, até com comparações absurdas. Por exemplo, o jornal *O Globo* do Estado do Rio de Janeiro, em 15 de setembro de 1936 publicou a seguinte matéria:

Figura 10 - Publicação do Jornal *O Globo* do Rio de Janeiro – (15/09/1936).



Uma tentativa de associar a irmandade do sítio Caldeirão aos “*Soviets*” russos (organizações políticas que nasceram no seio das camadas populares e representavam os interesses dos trabalhadores).

Diante dos testemunhos dos remanescentes e do discurso do beato Severino Tavares, entendo que há sérias contradições ao se afirmar que a irmandade do Caldeirão era formada por defensores do comunismo. Mas essa tentativa de associá-los ao regime comunista sempre esteve presente no discurso da classe dominante, sendo constante durante toda a existência da comunidade.

4.3 A revolta de 1935 em Natal e o recenseamento do Caldeirão

Em novembro de 1935, aconteceram no Brasil algumas sublevações contra o governo de Getúlio Vargas. Essas revoltas ficaram conhecidas na história como os “Levantes comunistas de 35” ou “Intentona Comunista”. As revoltas aconteceram nas cidades de Natal,

Recife e Rio de Janeiro. Em poucos dias as forças do governo reprimiram os levantes e os militantes comunistas foram duramente perseguidos.²⁰⁶ Embora ciente da importância do estudo sobre os levantes de 35 nas três cidades citadas, não abordaremos os acontecimentos em Recife e nem no Rio de Janeiro. Para nossa pesquisa, os acontecimentos que se desenrolaram em Natal são os que nos interessam no momento, pois em 1936, o ano que se seguiu ao levante, os revoltosos de Natal foram vistos pelas elites como tendo ligações estreitas com a irmandade do sítio Caldeirão.

O episódio de Natal deve ser entendido como um movimento de quartel. Ele se desencadeou no dia 23 de novembro, depois que alguns soldados foram expulsos da corporação, acusados de assalto a um bonde. Segundo Marly Vianna:

...a notícia da expulsão dos baderneiros deixou indignados os militares subalternos no quartel. No mesmo dia o sargento Quintino Clementino de Barros e o cabo Giocondo Dias foram procurar a direção do Partido Comunista, do qual eram membros, para comunicar que o 21º ia rebelar-se às sete e meia da noite e pediam que o partido dirigisse a revolta. A direção era contrária à rebelião, mas, depois de muita insistência dos dois militares, resolveu participar.²⁰⁷

Nesta rebelião de Natal, os comunistas formaram grupos juntamente com os militares do 21º Batalhão de Caçadores e tomaram a cidade. A rebelião encontrou apoio da população e se estendeu para o interior do Estado, durando quatro dias, período em que a cidade ficou em poder dos rebelados. Depois de intensos combates, os revoltosos foram derrotados pelas forças auxiliares enviadas pelo governador da Paraíba, que contou também com o apoio de Dinarte Mariz²⁰⁸, um fazendeiro e político, que organizou a resistência, reunindo grupos armados para enfrentar os que haviam aderido ao movimento.²⁰⁹ Os jornais da época relataram a tomada da cidade e os danos causados pela intensidade dos combates.

²⁰⁶ Entre os militantes: Olga Benário que era judia, mesmo grávida foi entregue à Gestapo de Hitler, Harry Berger foi barbaramente torturado e enlouqueceu. Luis Carlos Prestes, ficou preso por nove anos. Ver: < <https://www.youtube.com/watch?v=MRu4Ny96DzM> > acesso em 11/03/2016.

²⁰⁷ VIANNA, Marly de A.G. *O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935*. Apud FERREIRA, Jorge & Lucilia de Almeida Neves Delgado (org.). *O Brasil Republicano. O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Volume 2. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, p.88.

²⁰⁸ Foi prefeito de Caicó em 1930, mas afastou-se do cargo dois anos depois por ter apoiado a Revolução Constitucionalista de 1932. Por conta disso, foi preso por três vezes no Rio de Janeiro. De volta a Natal, Mariz fundou o jornal *A Razão* e foi um dos fundadores do partido popular ao tempo em que prosperavam seus negócios com o algodão. Durante a revolta de 1935, foi um dos principais nomes que comandaram a repressão ao movimento. Contudo se recusou a voltar à política devido a sua oposição ao Estado Novo. Ver: < <http://www.institutojosejorgemaciel.org.br/> > acesso em 14/03/2016.

²⁰⁹ *Ibidem*, p.90.

Figura 11- Publicação do Jornal Diário de Notícias – (27/09/1935). Noticiário sobre a Revolta de Natal.



Retirado de: <<http://tvbrasil.abc.com.br>> acesso em 11/03/2016.



Figura 12- Fachada do prédio da força pública do Rio Grande do Norte após o levante. Imagem retirada de: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/nos-tempos-dos-comunas/236996>> acesso em 11/03/2016.

A revolta de Natal, diferentemente das outras duas, foi a única que encontrou apoio ativo da população. Esta participação popular tornou-se nas mãos das autoridades, motivo para posteriormente se dizer que a população dispersa após a derrota havia se refugiado no

Estado do Ceará, mas especificamente no sítio Caldeirão.²¹⁰ Isto porque, no ano seguinte aos levantes, enviaram uma diligência policial ao sítio para interromper suas atividades, e lá descobriram através de um recenseamento, que a maioria dos moradores do sítio era do Estado do Rio Grande do Norte. O jornal *Folha da Noite*, do Estado de São Paulo, em 14 de setembro de 1936, chegou a publicar uma matéria que fazia essa associação. O título estampava: “**A polícia de Fortaleza surpreende um agrupamento de fanáticos: Presume-se, porém tratar-se de foragidos do movimento de novembro**”. A seguir relatava alguns dados da operação:

Tendo chegado ao conhecimento da polícia, desta capital, que no lugar denominado Caldeirão, no município do Crato, existia um agrupamento de fanáticos, chefiados pelo beato Lourenço, o capitão Cordeiro Neto, chefe da polícia desta capital, seguiu para aquele local acompanhado de um contingente policial. O agrupamento foi cercado sem resistência, tendo na ocasião desaparecido o beato Lourenço, cerca de 900 pessoas foram encontradas naquele lugar e todas prestando obediência ao beato que dispunha de vários secretários e de 16 moças que se dizem sob sua proteção. **O chefe de polícia telegrafou ao governador do Estado, dizendo ter apurado que, cerca de 80% dos fanáticos, são elementos vindos do Rio Grande do Norte, nestes últimos meses, presumindo tratar-se de foragidos, do movimento de novembro último.** O governador do Estado resolveu ocupar militarmente aquela localidade e dispersar os fanáticos, mandando-os para lugares de sua procedência. O secretário e auxiliares do beato Lourenço, foram detidos para averiguações.²¹¹ (grifos meus)

A respeito da origem dos moradores do sítio, o tenente Góes de Campos Barros, afirma em seu relatório: “Procedeu-se a uma espécie de recenseamento e chegou-se a uma impressionante conclusão: 75% dos fanáticos eram filhos do Rio Grande do Norte, 20% de Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Maranhão, Piauí e 5% apenas cearenses natos.”²¹²

Entendo que realmente há uma diferença considerável entre os estados do Rio Grande do Norte e Ceará. O mais impressionante é que o sítio Caldeirão ficava no município do Crato, no Estado do Ceará. Estes dados do recenseamento²¹³ me despertaram bastante interesse durante a pesquisa, pois a interrupção das atividades do Caldeirão foi por eles

²¹⁰ Sobre esta relação dos remanescentes do levante de Natal com os moradores do sítio do Caldeirão, ver: LEVINE, Robert M, Op. cit., p.219. e *Guerra do Caldeirão: políticos acusaram beato de ligações com comunistas* (19/12/2010). Disponível em: <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral/guerra-do-caldeirao-imp-655599>> acesso em 11/03/2016.

²¹¹ Retirado do jornal *Folha da Noite* – Quarta edição – 16,30hs do dia 14 de setembro de 1936.

²¹² BARROS, 1937, Op. cit., p.8.

²¹³ Embora eu tenha considerado a diferença entre Rio Grande do Norte e Ceará bastante desproporcional no recenseamento de 1936. Pedro Andrade, filho de remanescente, embora não tendo informações mais concretas a respeito dos números apresentados no relatório, me informou que realmente a maioria das pessoas era do Rio Grande do Norte. Segundo ele, os remanescentes só falavam em gente de lá.

legitimada. Pairava no ar uma “ameaça comunista”, e neste caso, nada mais favorável para as autoridades cearenses do que fazer uma associação com os levantes de Natal. O recenseamento poderia ser essa ponte de ligação.

CAPÍTULO III- A INTERRUPÇÃO DAS ATIVIDADES NO SÍTIO CALDEIRÃO: acusações, preconceitos, hostilidades e mortes.

1 A irmandade do beato e o cotidiano no sítio

Foram muitas as pessoas que fizeram parte da irmandade do Caldeirão durante o tempo em que o sítio esteve em atividade. Afinal, o lugar tornou-se um atrativo para muitos sertanejos. No sítio foram acolhidos além das famílias carentes que buscavam soluções para suas mazelas, as vítimas da seca e muitos que eram remanescentes da época da escravidão. Não se sabe ao certo o número de habitantes que viviam no Caldeirão, os números apresentados até então mostram grandes variações e oscilam entre 900 e 5.000 pessoas²¹⁴. Segundo o relatório do tenente Góes de Campos foram destruídas 400 moradias na ocasião da intervenção policial.²¹⁵

Acredito que alguns dados a respeito desse agrupamento de sertanejos seriam de suma importância para o desenvolvimento dessa pesquisa. Por exemplo, saber de forma mais específica o seguinte: Quem eram as pessoas que faziam parte dessa irmandade? Como era distribuído o trabalho entre eles? Qual o papel da mulher na irmandade? E mais, devemos pensar também no relacionamento do dia a dia entre eles. Afinal de contas, eram de lugares distintos, pois vinham de vários estados do Nordeste e o encontro dessas famílias num mesmo espaço poderia causar alguns incômodos durante o período de convivência. Por mais que venhamos a considerar as necessidades materiais e as crenças, que poderiam ser um ponto de contato entre eles, há de se convir que até se encontrarem no sítio, viviam em outros lugares e muito provavelmente não partilhavam a mesma realidade que encontraram no Caldeirão.

Durante a pesquisa procurei conhecer melhor a composição desse grupo. Destaco a obra intitulada “*José Lourenço, o beato perseguido*” de Maria Lourêto de Lima, neta de Severino Tavares, pois seu texto foi fundamental para minha abordagem. A escritora trouxe dados importantíssimos a respeito do cotidiano da irmandade, ou seja, como essas famílias interagiam no trabalho, na devoção, no aprendizado e nas horas de descanso. As informações

²¹⁴ O jornal *Folha da Noite* do Estado de São Paulo do dia 14/09/1936, informa que cerca de 900 pessoas foram encontradas no sítio na ocasião da incursão policial. Os pesquisadores que escreveram sobre o Caldeirão e o beato José Lourenço apresentam números com algumas diferenças, entre eles: Régis Lopes, cerca de 1.000; Francisco Galvão, 1.500; Domingos Sávio e Aretha Ludmilla, cerca de 1.700; Rui Facó e Renato Braga, 2.000. O americano Gregg Narber, autor do livro “*Entre a Cruz e a Espada: violência e misticismo no Brasil rural*”, diz que eram 5.000 habitantes. Pedro de Andrade (filho de remanescente) me informou durante a pesquisa que cresceu ouvindo da mãe (remanescente) e de outros parentes que moraram no Caldeirão, que havia cerca de 5.000 pessoas no sítio.

²¹⁵ BARROS, 1937, Op. cit., p.8.

foram essenciais e contribuíram para melhores esclarecimentos a respeito da unidade que esse povo formou.

1.1 A composição da irmandade do beato: unidade na diversidade

Quando analisei a composição da irmandade do sítio Caldeirão a partir dos documentos e relatos com que tive contato, percebi que existia uma diversidade muito grande com relação à origem das pessoas que lá residiam. Conforme já mencionado, o relatório feito pelo tenente Góes de Barros revela essa composição mista da irmandade. Na exposição do seu texto, cita pessoas vindas de vários estados do Nordeste. Em sua lista aparecem os seguintes: Rio Grande do Norte, Paraíba, Maranhão, Pernambuco, Alagoas e Piauí. É interessante notar que mesmo sendo de lugares diferentes e com experiências passadas que certamente não eram as mesmas, se uniram no sítio Caldeirão para formar uma família maior, essa união que permitiu a estruturação de uma comunidade que deixou marcas na memória de todos que viveram essa experiência.

Essas pessoas que residiam no Caldeirão eram dotadas de muita fé e muitos dos que ali estavam, chegaram por intermédio do padre Cícero. No sítio percebiam que a nova vida era uma verdadeira dádiva de Deus, pois muitas famílias chegavam sem nenhum recurso. Este fator não passou despercebido e foi destacado por Góes de Barros em sua entrevista para o documentário “*O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto*” de Rosemberg Cariry. Nesta oportunidade ele falou da fé como um fator aglutinador, capaz de manter a ordem no lugar²¹⁶. Portanto, acredito que a fé partilhada por esses sertanejos, foi um dos motivos primordiais para mantê-los unidos no trabalho comunitário, pois certamente contribuiu para fortalecer os laços de amizade entre eles. E mais, despertou neles o sentimento de igualdade, anunciado pela religião cristã, mas nem sempre experimentado pelos mais necessitados.

Conforme disse anteriormente, Maria Lourêto cooperou bastante nessa aproximação histórica a respeito da comunidade do Caldeirão, pois sua pesquisa revelou alguns detalhes bem específicos sobre as pessoas que compunham a irmandade. Os dados apresentados em sua obra revelam, por exemplo, que a população do caldeirão era predominantemente de pessoas morenas, poucos negros e os demais brancos. Havia crianças, e a faixa de idade dos adultos era de 30 a 50 anos, sendo um bom número de pessoas com mais de 55 anos.²¹⁷ Quanto às práticas educacionais construídas pela irmandade, digno de nota foram os estudos

²¹⁶ CARIRY, Rosemberg. *O Caldeirão de Santa Cruz do Deserto*. Fortaleza: Cariri Filmes: 1986.

²¹⁷ LIMA, Maria L, Op. cit., p.39.

de Célia Camelo e Lêda Vasconcelos. Para essas pesquisadoras a educação no Caldeirão era transmitida às futuras gerações da seguinte forma:

- 1) *A Educação para a vida e por meio da vida* - realizada no processo de produção da vida material. É o momento em que o processo de ensinar e aprender se efetivava quando todos executavam parte das funções da coletividade;
- 2) *A educação como reprodução de valores espirituais* - realizadas por meio de rituais simbólicos que reforçam a visão de mundo sociorreligioso.
- 3) *A educação instrucional* - porém não formal/institucional, visando a alfabetização, nos moldes e padrões da cultura dominante.²¹⁸

Apesar do beato José Lourenço ser analfabeto, compreendia muito bem a importância e o valor do “saber” para a irmandade do Caldeirão.²¹⁹

Estes são detalhes importantes, não somente para compreendermos melhor a composição diversificada da irmandade, mas também porque lança luz sobre a força de trabalho de que dispunha a comunidade para a sua produção e consumo, e mais, revelam tanto a unidade do grupo como a capacidade de organização de pessoas que fizeram do trabalho coletivo emergir uma comunidade educativa, que não apenas se educava pelo trabalho e pela fé, mas também que aprendia a ler e escrever²²⁰.

1.2 A força de trabalho da irmandade do Caldeirão

Sempre que se ouve algum remanescente descrevendo a vida no Caldeirão, a percepção que temos é de que o trabalho realizado no sítio era valorizado demais e ocupava um lugar de destaque na vida da irmandade. Osvald Barroso, no seu comentário sobre essa questão, disse que no sítio Caldeirão o trabalho se desenvolvia não simplesmente com um objetivo econômico ou mesmo de saciar a fome, mas com um objetivo transcendente, de sintetizar a dimensão do invisível, pois era como uma penitência, e mais que isso, como uma devoção²²¹. Para dona Maria Pereira de Moraes, remanescente, a vida no Caldeirão era trabalhar e rezar²²². Foi com essa forma de encarar o trabalho, levado à frente com tanta dedicação, que a irmandade transformou rapidamente um terreno muito acidentado em uma

²¹⁸ SOUSA, Célia Camelo de; CARVALHO, Lêda Vasconcelos. *Caldeirão: saberes e práticas educacionais*. Fortaleza: Edições UFC, 2012, p.99.

²¹⁹ Ibidem, p.115,116.

²²⁰ Ibidem, p.114.

²²¹ TV Assembleia. Ver: 2 de 5 Documentário - José Lourenço: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nFsklSj9Y8E>> acesso em 23/02/2016.

²²² CARIRY, Rosemberg. *O Caldeirão de Santa Cruz do Deserto*. Fortaleza: Cariri Filmes: 1986.

propriedade riquíssima. José Alves de Figueiredo, falando sobre o recomeço de José Lourenço no sítio Caldeirão, exalta o trabalho realizado pela comunidade ao mesmo tempo em que descreve uma paisagem belíssima. Ele diz:

Ali não se vê arma, além das destinadas ao trabalho: machado, foice, etc.

Dois grandes açudes se ostentam, um no riacho do Escondido e outro no riacho Caldeirão, medindo a parede destas 36 braças de comprimento, 18 ½ de altura e 13 de base. Foram ambos obra do esforço pessoal do beato, auxiliado, apenas, por algumas mulheres.

O de Caldeirão foi construído durante o ano de 1932.

Vi ao longo das estreitas grutas que ficam abaixo dos dois reservatórios, alargados a picareta, um desenvolvido canavial, 400 pés de laranja, 100 de jaqueira, muitas limeiras, ateiras, bananeiras, jaboticabeiras, coqueiros, umbuzeiros, romeiras, fruta-pão, guabirabeiras, jambolões, mamoeiros, eucaliptos, plantação de piteira, de palmatória, capins – tudo tratado com esmero.

Aos lados, trepando pelos altos, grandes plantações de algodão.

Todas essas plantações de espécimes pomareiras, estão feitas em terreno impróprio e conquistado aos barrancos dos riachos, revelando **um esforço ciclópico desse homem extraordinário.**²²³ (grifos meus)

Ainda percebemos na citação do artigo de Figueiredo, que José Lourenço, que por vezes foi acusado de explorador, aparece como um homem admirável, muito esforçado e totalmente dedicado ao trabalho. Maria Lourêto, sobre o trabalho na comunidade, diz em seu livro que todas as atividades realizadas no sítio eram desenvolvidas de forma coletiva. Segundo ela, quando iam para o trabalho, iam todos, só ficavam as cozinheiras e jantavam após retornar²²⁴. A organização dos trabalhos no sítio também era algo notável, pois as tarefas já eram conhecidas com antecedência. As pessoas levantavam bem cedo e saíam com seus instrumentos de trabalho para cumprirem seus afazeres diários. Alguns membros da irmandade tinham funções mais específicas dentro da comunidade, como era o caso de algumas mulheres, crianças e idosos. Além disso, existiam muitos profissionais entre eles. Sobre essas especificidades no trabalho, Luitgarde diz:

As crianças e os velhos com saúde cuidavam das ovelhas, galinhas, bichos de toda qualidade, havendo encarregados até para a troca de óleo da lamparina da igreja. Além de pedreiros, carpinteiros, farinheiros, flandeleiros e todas as especializações artesanais do sertão, havia até os especialistas na criação de pavões e vários outros pássaros que povoavam a fazenda.²²⁵

Para a pesquisadora Veralúcia G. de Matos:

²²³ Jornal *O Povo*, de Fortaleza, 07/06/1934.

²²⁴ LIMA, Maria L, Op. cit., p.45.

²²⁵ BARROS, Luitgarde, Op. cit., p.158.

No caldeirão foram desenvolvidas as atividades artesanais em grande escala, para suprir as necessidades da comunidade. Essas atividades cresceram, de tal maneira, que foram atendidas as necessidades de consumo interno em todos os setores da vida doméstica, lavoura, pecuária e vida social.²²⁶

No decorrer dos anos as ferramentas de trabalho passaram a ser produzidas no próprio sítio, pois a chegada de profissionais acabou viabilizando a construção de oficinas próprias dentro da comunidade. Segundo Abelardo Montenegro: “fabricavam-se machados, foices, ancinhos, martelos e todos os instrumentos necessários à vida do campo.”²²⁷ Essa força de trabalho tão dinâmica existente na comunidade possibilitou não somente a autossuficiência do Caldeirão, mas também a produção de excedentes, estes geralmente negociados.

1.3 Uma comunidade vivendo o sonho do paraíso na terra

A vida no sítio Caldeirão evitou que muitos sertanejos se tornassem vítimas da seca, da pobreza e até da morte. Todas as pessoas que viveram ao lado do beato Lourenço no sítio, relembram a experiência com muita saudade daqueles anos em que conviveram juntos. Dona Alexandrina Tavares de Líria, que fez parte da irmandade, demonstrou em uma entrevista que o passado vivido na comunidade ainda estava fortemente ligado à sua vida e em poucas palavras resumiu seu sentimento: “O que posso dizer é que **o Caldeirão foi um sonho** que passou e nada mais. **Graças a Deus eu pude viver um sonho e guarda-lo para a eternidade**”. (grifos meus)²²⁸ Maria de Lourdes que também viveu no Caldeirão, descreveu o sítio como um lugar abastado e independente, disse ela: “Eu achava bom, porque era um regime do meu Padrim Cirço, eu gostava demais. Tinha muita fartura, todo mundo comia bem. **Vivia todo mundo feliz. Feliz que ninguém se lembrava que existia mundo lá fora.**”²²⁹ Na memória de alguns moradores o sítio parecia o lugar perfeito da habitação humana, ou seja, a terra que desejaram e sonharam durante a vida de sofrimento, agora havia se transformado em realidade. Mas como seria partilhar essa felicidade diariamente durante o tempo em que permaneceram juntos? Os relatos seguintes certamente nos ajudaram na tentativa de reconstrução desse passado na comunidade:

²²⁶ MAIA, Veralúcia, Op. cit., p.24.

²²⁷ MONTENEGRO, Abelardo. *História do Fanatismo Religioso no Ceará*. Fortaleza, Editora Batista Fontenele, 1969 apud MAIA, Veralúcia. Op. cit., p.24.

²²⁸ Alexandrina Tavares de Líria. Entrevista concedida ao jornal *Folha de São Paulo*. Publicado em 22/02/1998.

²²⁹ Parte do Depoimento de Maria de Lourdes dada ao pesquisador Régis Lopes. Ver: RAMOS, Francisco, Op. cit., p.73.

Seus hábitos eram simples, o trabalho, a oração, a penitência, as conversas à noite, sempre na calçada da Casa Grande, com rodadas de café, com tapioca ou macaxeira... (João Silva).²³⁰

A casa grande era nosso refúgio, a gente se aliviava até do cansaço quando lá a gente entrava e sentava na calçada alta. **Era um céu**, ouvindo as histórias de todos e a fala de meu padim, era um sonho....passou. (Eleutério Tavares)²³¹

Quando era lá pra 10 horas ia a merenda, merenda. Quando era 12 horas era o almoço, fartura mesmo! E assim ia tudo trabalhando, **tudo feliz, tudo era união, na paz muita felicidade**. (M.G.C./f/reman./DEZ.1990)²³²

...Era o céu!... Eita povo bom! Era tanto do homem na roça, os paió tudo cheio, uma fartura que fazia gosto. Aquilo ali , tudo que colhiam era guardado junto. Depois ele dividia: tirava o que dar de comer àquele povão todo, separava pras obras de caridade, e aí mandava o resto pra feira. Ele era muito bom!²³³

Era uns céus abertos, no tempo que ele vivia, na União e no Caldeirão. Era bom demais. **Era uns céus abertos** assim, porque a gente tinha aquele grande prazer na vida. E rezava tudo. Aí todo aquele pessoal tinha alegria: meu padrinho tá entrando pro quarto das imagens (imagens de santos), ave Maria! Aquele pessoal todinho tinha aquele prazer...(M.C./f/reman./JAN.2000)²³⁴

Era o mesmo que um céu aberto. Logo que amanhecia, meu padrinho Lourenço era o primeiro a sair para a lida. Nós tomávamos café ali mesmo, na roça. Às 9 horas vinha uma carga de rapadura para merendar, e às 11 chegavam as cozinheiras com o almoço. Na roça, tudo o que se planta, dá...e lá a gente plantava . (Maria Inácia)²³⁵

O que se pode perceber nos relatos citados é que o Caldeirão respondia e até superava as expectativas de vida de seus habitantes. Um fator importante é que a religiosidade estava presente em todos os atos da irmandade e isso foi primordial para o progresso do sítio, pois contribuiu como força motivadora para a construção de um espaço onde eles acreditavam que valia a pena viver. No imaginário dos seus moradores, no sítio a vida ganhava importância, ela estava acima dos interesses particulares. Era a materialização, ainda que não em sua plenitude, de um lugar de felicidade, lugar este que nem o Estado e nem a religião oficial

²³⁰ LIMA, Maria L, Op. cit., p.39.

²³¹ Loc. cit.

²³² CORDEIRO, Domingos. Op. cit., p. 81.

²³³ BARROS, Luitgarde, Op. cit., p.146.

²³⁴ CORDEIRO, Domingos. Op. cit., p. 103,104.

²³⁵ ARAÚJO, João Mauro. *Igualdade e autossuficiência*. Especial para o Repórter Brasil -17/09/2006. Retirado de: <<http://reporterbrasil.org.br/2006/09/igualdade-e-auto-suficiencia/>> acesso em 08/09/2016.

podiam lhes oferecer. Luitgarde, em sua análise sobre as sociedades religiosas de Canudos e Caldeirão afirma: “Nessas cidades inexitem as relações sociais próprias do sistema vigente tais como: patrão-empregado; exploradores-explorados; proprietários-não-proprietários, dissolvidas todas nas ideias de igualdade enquanto irmãos em Cristo, formadoras da nova ideologia”.²³⁶ Ademais, acostumados a um sistema dominante que oprimia e abreviava a vida do sertanejo, a irmandade do sítio agora enxergava nesse pedaço de chão, “o paraíso na terra”.²³⁷

2 O sítio Caldeirão e o beato José Lourenço sob a mira das autoridades

O beato José Lourenço e os moradores do sítio Caldeirão passaram a ser monitorados pelas autoridades do Estado, pois havia tentativas de associação da irmandade com o comunismo, principalmente depois do levante de Natal no ano de 1935. Como já mencionamos no capítulo anterior, esta relação era por conta das muitas famílias que vinham do Rio Grande do Norte, a fim de fixar moradia no sítio, também pela forma como a irmandade vivia em suas relações de produção e consumo.

Mas ainda havia outros motivos que chamavam a atenção das autoridades. O próprio carisma do beato José Lourenço e a riqueza na produção agrícola em um lugar que antes não tinha nada, de certa forma colaborou para que esta relação da irmandade com as autoridades ficasse bem menos amistosa. Somando-se a isto, os jornais da época propagavam notícias sobre um “fanatismo religioso” que haveria na irmandade, depreciando a imagem do beato, assim como das pessoas que viviam sob seus cuidados no Caldeirão. O livro *A Ordem dos Penitentes*, escrito pelo então Delegado da Ordem Política e Social do Ceará, José Góes de Campos Barros, revela toda a ideologia desse período. Logo no início do livro aparece uma descrição que nos deixa perplexos, pois o autor considera que admitir a experiência da irmandade do Caldeirão seria uma negação do processo de civilização. Para legitimar o que pensava daquele ajuntamento, procurou rotular o movimento não somente como retrógrado, mas como um entrave para os avanços da época. Segundo ele:

O problema do **fanatismo no Nordeste** tem raízes profundas na história nacional; teve lances de um sabor épico e fases negras, trágicas – filhas de uma energia inquebrantável, de uma vontade férrea, **a serviço de uma**

²³⁶ BARROS, Luitgarde, Op. cit., p.157.

²³⁷ Para Régis Lopes o Caldeirão poderia até parecer um paraíso, pois tratava-se de um lugar onde se praticava o catolicismo tal como se imaginava ser correto. Mas, na realidade, parecia mais um purgatório, ou seja, lugar onde se purga a vida terrena para se ganhar a vida eterna. Daí a prática da penitência. Ver: RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O massacre do caldeirão: história oral do 11 de setembro de 1936*. Fortaleza: Escola Livre de História. Expressão Gráfica e Editora, 2016, p. 35.

ignorância profunda e sincera, ou de uma inteligência inescrupulosa e astuta.

Sob qualquer dos dois aspectos, porém, é intolerável. Em pleno século vinte, quando a humanidade parece prestes a chegar à ordenada máxima da civilização, **esta forma grotesca** de expansão mística deve, forçosamente, **classificar-se no passado**, entre os fenômenos mortos na evolução humana, que o estudioso aprecia, com frieza e carinho, por se tratar de uma reminiscência antiga.

Admiti-la no presente é negar a Civilização; consenti-la, nos dias que correm, é trair o esforço sadio e patriótico que todos fazemos, no sentido de elevar o nome do Brasil.²³⁸ (grifos meus)

Havia inclusive acusações graves que pesavam sobre a irmandade do Caldeirão. Por exemplo, José Lourenço foi acusado juntamente com Severino Tavares de promover o trabalho escravo na comunidade. Durante a revolução de 1930 ele foi denunciado aos revolucionários como um indivíduo pernicioso e alguns anos depois, outra acusação dizia que a irmandade havia recebido armamento e munição vindo da Alemanha. E mais, que o beato tinha um verdadeiro harém, composto por dezoito donzelas, moças bonitas, separadas para servir aos seus caprichos. Estas notícias circularam na época e algumas foram publicadas pela imprensa do Ceará e até mesmo noticiadas em outros estados do Brasil.

2.1 José Lourenço e Severino Tavares: exploração e trabalho escravo

O jornal *O Povo* de 19/05/1935 publicou um artigo que depreciava demais as figuras do beato José Lourenço e de seu seguidor Severino Tavares. O texto intitulado “*Os fanáticos do Caldeirão*” procurou do começo ao fim desqualificar totalmente aqueles que eram considerados líderes da irmandade. Antônio de Alcântara Machado, autor do artigo, escreveu:

Dois malandros do Ceará, José Lourenço e Severino, andam explorando no vale do Cariri a memória do padre Cícero. Mas, explorando inteligentemente, de um modo que representa sem dúvida um notável progresso sobre os processos até hoje adotados no sertão nordestino para fanatizar os coitados alucinados pela seca. **Os fiéis que eles atraem invocando o padrinho são obrigados ao trabalho.** Não se limitam a rezar, construir igrejas, venerar os beatos, preparar o espírito para a bem-aventurança eterna. São fanáticos, não resta dúvida. Mas fanáticos que lavram a terra plantando cana e arroz. Severino alicia no sul do Ceará e estados vizinhos o pessoal que José Lourenço dirige na lavoura do sítio Caldeirão. **Os romeiros se transformam em colonos e como colonos labutando de sol a sol é que salvam a alma.** Ali as mãos não servem só para bater no peito: criam calos na enxada, valorizam a terra, semeando e colhendo abrem o caminho do céu que a eloquência de José Lourenço com certeza descreve bem diferente do Caldeirão, sem trabalho, sem sol, todo sombra e repouso. O sítio naturalmente prospera. Na propriedade serrana,

²³⁸ BARROS, 1937, Op. cit., p.1.

que a seca não atinge, as safras são cada vez mais vastas e mais compensadoras. Os dois sócios fantasiados de taumaturgos enriquecem. E na imprensa já surgem protestos indignados contra essa nunca dantes imaginada **exploração do trabalho pela astúcia**, que também é um capital.

Exploração que a mim, entretanto não é de todo antipática. Porque (como já disse) representa um progresso. E não deixa de ter a sua utilidade. Os fanáticos que a lábria de José Lourenço e Severino atrai para o sítio Caldeirão são empregados no cultivo da terra. Para lucro exclusivo dos dois pândegos? Não. Pensando bem, não. Para lucro da terra e deles próprios também. Da terra que se cobre de cana de açúcar e arroz. Deles fanáticos que afinal de contas recebem uma lição de trabalho. Não se embrutecem na ociosidade e na credice. De qualquer forma são uteis no seu fanatismo. Ganham com o próprio suor o pão alheio, mas terminada a romaria não deixam no Caldeirão apenas uma capela como testemunho de sua religiosidade grosseira. Deixam também um campo cultivado como demonstração de seu trabalho. **Se de um lado contribuem para a prosperidade criminosa de dois canalhas, de outro cooperam para a riqueza de um pedaço de terra até então abandonado.** E talvez regressem para suas casas curados do mal da credice. Como José Lourenço não é nenhum Antônio Conselheiro, não se limita a receber a veneração e fomentar o misticismo analfabeto dos fiéis, **mas exige deles uma devoção em trabalho, lhes impõe uma penitencia de tantas horas de enxada**, é bem possível que acabem de descreer de iluminados e beatos. Pensando que para ganhar desse jeito a glória eterna não é preciso abandonar o pedaço de chão em que nasceram. Trabalhar por trabalhar, o melhor é trabalhar para proveito próprio. Cada um por si e o padre Cícero por todos. José Lourenço e Severino talvez estejam desmoralizando no Cariri a profissão de beato. É um serviço que o Nordeste lhes fica devendo.²³⁹ (Diário da Noite)

Embora o artigo citado fale da exploração do trabalho pela astúcia de José Lourenço e Severino Tavares, não é isto que encontramos nos depoimentos dos remanescentes do sítio. Pelo contrário, as pessoas que conviveram com o beato Lourenço falavam de forma muito favorável a ele. Luitgarde escrevendo sobre a questão da “Oração e trabalho”, tão representativos do “mundo beato”²⁴⁰, afirma:

Quando entrevistei os sobreviventes do Caldeirão encontrei unanimidade de depoimentos sobre o milagre da capacidade de trabalho do Beato Zé Lourenço, que ninguém acompanhava na enxada nas limpas das roças nem no plantio dos legumes, do algodão e da cana. Como afirmava seu Eleutério, “na arte de arrancar toco e pedra, ninguém ganhava de meu padrinho!”²⁴¹

²³⁹ Artigo intitulado “*Os fanáticos do Caldeirão*” de Antônio de Alcântara Machado. Retirado de: SIPRIANO, Benedita França. *Vozes sociais e produção de sentidos: a representação do beato José Lourenço e do movimento Caldeirão na cobertura do jornal O Povo (1934-1938)* - 2014, p.174 (Anexo C). Disponível em: <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Benedita_Sipriano.pdf> acesso em 10/02/2016.

²⁴⁰ BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcante & SOUZA, Francisco Roserlândio de. *A Irmandade religiosa dos beatos e a prática pastoral do padre Cícero: Oração e Trabalho* apud JUSTIÇA E PROFECIA A SERVIÇO DA VIDA. 13º Intereclesial de CEBs. CEBs, Romeiras do Reino no Campo e na Cidade. Editora CEBs, 2014, p.66.

²⁴¹ *Ibidem*, p.67.

A citação nos apresenta um homem totalmente dedicado ao trabalho, e mais, a irmandade do sítio Caldeirão sentia-se totalmente acolhida por sua bondade e generosidade. Por exemplo, uma mulher que conheceu a vida no sítio, em seu depoimento sobre o beato e o Caldeirão disse o seguinte:

Aquele homem era um santo! Ói minha gente, ele **não era homem de ambição** desse mundo! **Ninguém nunca viu ele mangá do mais pobre, ter ganância de dinheiro**, botar a mão no alheio, desgraça u'a moça, levanta a língua contra um filho de Deus, mostrá u'a malquerença; não senhora!!! **Era um homem do trabalho dele e da reza**. Sem orgulho. Ninguém se valia dele que não tivesse um auxílio. Chegava aquele povo pobrezinho do meio do mundo, aquele bando de inocentes, tudo chorando, aquele fim de mundo! E ele ali manso, ajuda um, ajuda ôtro, tratava logo de arrancar tudo, mandava levantar uma casa, botava logo os mais sadio no trabalho. **Aquilo era uma beleza de Deus!** Ali ninguém passava fome; não senhora! Era tudo irmão. Tudo trabalhando junto, rezando junto, ali era uma beleza! As mulé ou na roça ou fazendo pano, ou costurando, ou cuidando de casa, tudo vestida direita, no procedimento. Qualquer coisa que acontecia corria aonde tava o Beato e ele resovia. **Era o céu!** ...²⁴² (grifos meus)

Percebe-se que o depoimento dessa senhora destoa completamente das acusações feitas pelo jornal *O Povo* de 19/05/1935, ou seja, de que o beato Lourenço era um explorador dos necessitados que se juntavam a ele no trabalho que era realizado no Caldeirão.

Conforme já citado no primeiro capítulo, o jornalista José Alves de Figueiredo publicou um artigo para o jornal *O Povo* intitulado “*O Beato José Lourenço e sua ação no Cariri*”. Este artigo se opõe completamente ao que posteriormente foi publicado pelo mesmo jornal a respeito da figura do beato. Logo no início do texto, que data de 07/06/1934, Figueiredo fala da chegada de José Lourenço à cidade de Juazeiro, e aproveita para fazer uma comparação entre esse discípulo do padre Cícero e os oportunistas que atuavam na região usando o prestígio do padre, simplesmente para explorar o povo do sertão. Sobre a conduta de José Lourenço, o jornalista afirmou:

Em vez, porém de tomar um timão e, galvanizando-se com um pouco de prestígio espiritual que irradiava do padre Cícero, ir explorar os incautos, como faziam centenas de espertalhões, José Lourenço lançou mão da enxada e se dirigiu para o campo, preferindo viver honradamente da profissão de agricultor.²⁴³

²⁴² BARROS, Luitgarde, Op. cit., p.168.

²⁴³ Parte do artigo de José Alves de Figueiredo para o jornal *O Povo* (07/06/1934). O artigo também pode ser encontrado nas obras: “Figueiredo, José Alves de. *O beato José Lourenço e sua ação no Cariri*”. (Coleção Outras Histórias, 52). Fortaleza: Museu do Ceará, Secretária da Cultura do Estado do Ceará, 2006 e BRAGA, Renato. *Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará*. Fortaleza. Imprensa Universitária do Ceará, 1967.

Quanto ao segundo acusado de exploração, Severino Tavares, encontramos o testemunho do sr. Moisés Alves, um de seus seguidores. Ele considerava Severino um verdadeiro herói, inclusive diz que veio para o Caldeirão atraído por suas pregações.²⁴⁴

Segundo ele:

Severino Tavares saía apenas com uma muda de roupa em uma sacola de pano, um lençol de algodão dobrado para apoiar a cabeça, quando encostava-se em algum lugar para dormir, e uma alpargata de couro cru, segurando um cajado. De uma simplicidade muito grande e fazia muita penitência de jejum. A sua luta era uma obstinação, pregava sobre o dia de juízo - fim do mundo, rezava o rosário em suas pregações e cantava os benditos santos.²⁴⁵

Como se pode observar, a descrição de Moisés Alves sobre Severino Tavares não se assemelha em nada com alguém que explora pessoas e se enriquece através disso. Maria Lourêto diz que ouvindo Eleutério (seu pai) entendeu que seu avô (Severino Tavares) começou a se tornar revolucionário a partir de um discurso mais forte sobre a desigualdade social e econômica. Em 1923 ele chegou a ser preso em Campina Grande por este motivo²⁴⁶.

Diante do que apresentamos até aqui, não há como conciliar as atividades do beato José Lourenço e de Severino Tavares com as descrições feitas pelo artigo do jornal *o Povo* de 19/05/1935, restando apenas pensar em um jornal que na época era um instrumento ideológico a serviço das elites.

2.2 O Caldeirão como reduto perigoso à ordem vigente

Depois da morte de Floro Bartholomeu em 1926, o padre Cícero começou a perder força na política junto ao governo central.²⁴⁷ Com a revolução de 1930 a situação do padre tornou-se mais difícil ainda em relação à política que exercia na cidade de Juazeiro, já estava cansado e doente, e via seu prestígio diminuir a cada dia.

Quando a revolução chegou ao Ceará, duas colunas de revolucionários marcharam em direção ao Cariri. A coluna Ari Correa foi para Juazeiro, enquanto as forças de Carlos Cordeiro permaneciam no Crato como tropa de reserva e tendo como missão a tenaz campanha de desarmamento da população sertaneja.²⁴⁸ A coluna do Crato foi avisada de que o beato José Lourenço comandava um grupo de camponeses e era um elemento perigoso à

²⁴⁴ LIMA, Maria Lorêto, Op. cit., p. 53.

²⁴⁵ Loc. cit.

²⁴⁶ Ibidem, p.57.

²⁴⁷ BARROS, Luitgarde, Op. cit., p.307.

²⁴⁸ FACÓ, Rui, Op. cit., p.192.

ordem estabelecida. A tropa então marchou em direção ao Caldeirão para verificar as denúncias. Sobre este episódio, o jornalista José Alves de Figueiredo escreveu:

A revolução de 1930 trouxe perseguições ao beato, que foi apontado aos revolucionários, por despeitados, como sendo um elemento pernicioso. Fugindo às tropas que o tentaram prender, ele abandonou todo o seu trabalho, com o seu pessoal, procurando asilo em lugar seguro. Durante sua ausência, que durou meses, mãos perversas abriram os seus cercados e o gado invadiu suas plantações, dando-lhe incalculáveis prejuízos. As portas de sua residência foram rebentadas e todos os objetos domésticos roubados. Quando os próprios revolucionários se convenceram da improcedência das acusações e o abandonaram, ele voltou aos seus domínios e, com a sua admirável resignação, reuniu a gente que o acompanhava e reconstituiu tudo.²⁴⁹

As denúncias e perseguições contra o beato não pararam por aí e alguns anos depois ele foi novamente acusado perante as autoridades. Desta vez havia sido denunciado por receber armamento importado da Alemanha em três caixas de madeira. A respeito dessa primeira intervenção do governo cearense no sítio Caldeirão, a antropóloga Luitgarde afirma:

...o capitão do exército Cordeiro Neto, Secretário de Segurança do Ceará, faz uma primeira incursão à fazenda. O pretexto fora a informação de que José Lourenço havia recebido três caixas de armamentos e munições, que deveriam ser entregues ao governo. O beato mostra haver nas caixas apenas três imagens de São José, Nossa Senhora da Conceição e Santo Inácio de Loyola.²⁵⁰

Que o beato José Lourenço era um homem perigoso e que preparava os camponeses para um levante nunca foi comprovado. Nas duas incursões citadas o que se percebe é que ele além de ser um homem pacífico, era trabalhador e muito voltado para questões religiosas.

2.3 O beato José Lourenço e seu harém de mulheres jovens e formosas

Conforme verificamos, as denúncias que surgiram contra o beato eram realmente graves. Uma das mais terríveis foi de que possuía em sua residência um harém composto por dezesseis mulheres jovens. Essa acusação contra José Lourenço chegou a ser publicada pela imprensa da época. Conforme podemos observar abaixo, o jornal *Folha da Noite*²⁵¹, de 18 de

²⁴⁹ BRAGA, Renato, Op. cit., p.187.

²⁵⁰ BARROS, Luitgarde, Op. cit., p.302.

²⁵¹ Reportagem do jornal *Folha da Noite* – Terceira edição – 14,30hs do dia 18 de setembro de 1936.

setembro de 1936, em sua reportagem sobre a interrupção das atividades no sítio Caldeirão, deu maior destaque a essa acusação.

Figura 13 – jornal Folha da Noite – São Paulo - sexta-feira- 18/09/1936.

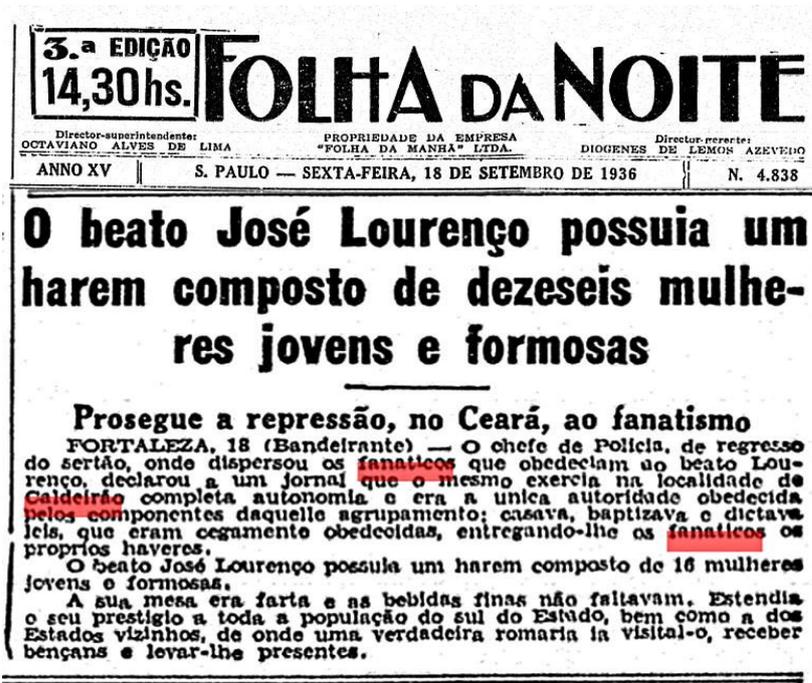


Imagem retirada do *Projeto Caldeirão Vivo*.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/CaldeiraoVivo/fotos>> acesso em 26/082016.

Um dia depois de ser acusado pelo noticiário da *Folha da Noite*, o beato José Lourenço apareceu como “*O Sultão do nordeste*” numa reportagem do jornal *O Estado* de Santa Catarina, este ainda acrescentou que ele extorquia os humildes.

Figura 14 – jornal O Estado – Santa Catarina - sábado- 19/09/1936.

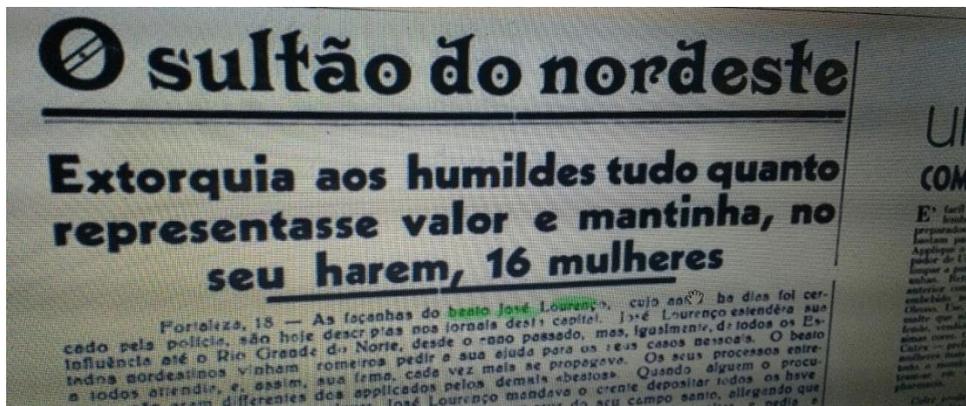


Imagem retirada de: Biblioteca Nacional - Hemeroteca Digital Brasileira - Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098027_03&pesq=beato%20jos%C3%A9%20louren%C3%A7o&pasta=ano%201936> Acesso em 26/02/2017.

Sávio Domingos Cordeiro em entrevista para a *TV Assembleia* do Ceará nos fornece um dado importante com relação às acusações que eram feitas ao beato. Sobre as denúncias do relacionamento de José Lourenço com meninas adolescentes que faziam parte da irmandade, o pesquisador comenta que existia a seguinte acusação:

Na casa do beato havia um primeiro piso construído por tábuas, com certa distância entre elas, e lá moravam muitas garotas adolescentes, e que o beato ficava embaixo e dizia para essas garotas passearem por sobre o piso, onde ele ficava embaixo olhando e elas estariam sem calcinha. E além disso, essas meninas que viveriam com ele, formavam uma espécie de harém.²⁵²

Durante a pesquisa verifiquei que essa acusação de envolvimento do beato Lourenço com mulheres do sítio Caldeirão, noticiada pela imprensa da época, nunca foi confirmada por nenhum remanescente e, nem por historiadores que pesquisaram a respeito da vida do beato e da irmandade do sítio²⁵³. Portanto, acredito que essa foi mais uma acusação sem fundamentos, talvez mais uma tentativa das autoridades de legitimar a incursão policial e, por conseguinte, a interrupção das atividades no lugar.

3 A união dos poderes e a aprovação para desapropriar o Caldeirão: A experiência no sítio com os dias contados

As autoridades do Ceará já estavam convencidas de que as atividades no sítio Caldeirão deveriam ser interrompidas com a máxima urgência, mas ainda não sabiam ao certo de que maneira poderiam fazer isso de um modo que transparecesse para o povo que era uma intervenção necessária para o bem-estar de todos. Uma das figuras principais dessa trama era o deputado Norões Milfont, representante dos salesianos, que se dirigiu ao governador Meneses Pimentel e às autoridades eclesiásticas para acusar o beato José Lourenço de comunista. Essas acusações tinham eco junto aos políticos da Liga Eleitoral Católica (LEC), no Ceará.²⁵⁴ Então, no mês de março de 1936, foi marcada uma reunião no Palácio da Luz, sede do governo do Estado, onde se orquestrou o plano para a desapropriação do sítio

²⁵² Depoimento de Sávio Domingos Cordeiro ao documentário da TV Assembleia do Ceará. 3 de 5 – Doc - José Lourenço. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iJYByrivZOA>> acesso em 23/12/2015.

²⁵³ Sobre a vida sexual do beato José Lourenço, o escritor Jorge Amado diz: "*Ah! Esse beato José Lourenço, criando sua seita, embruxando mulheres às dezenas, despejando filhos e fiéis pelo sertão, que figura inesquecível, que personagem de romance!*", ver: MACEDO, Nertan. *O padre e a beata*. Rio de Janeiro. Editora Cruzeiro, 1961, p.9.

Segundo Régis Lopes a escrita de Jorge Amado estaria ao lado das versões oficiais que justificaram a destruição de 1937, pois longe dessa versão, os remanescentes afirmariam em seus depoimentos exatamente o contrário. Ver: RAMOS, Francisco Régis Lopes. *Objetos do Caldeirão*. Apud: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 24, n° 48, 2011, p.366-384.

²⁵⁴ MAIA, Veralúcia, Op. cit., p.38.

Caldeirão. Na ocasião estavam presentes entre outros: o interventor Menezes Pimentel, o secretário de polícia Cordeiro Netto, o bispo do Crato Dom Francisco Pires e o deputado Norões Milfont. Ficou acertada nesta reunião a invasão do sítio. Cordeiro Netto, responsável pela diligência, enviou primeiro o capitão José Bezerra, que tinha a incumbência de fazer uma investigação minuciosa e depois levar as informações necessárias para as autoridades. Sobre este plano sabemos de detalhes preciosos pelo relatório do tenente Góes de Barros, que afirmou:

Para este fim foi designado o conhecido oficial da força pública do Estado, Cap. José Bezerra. Este, disfarçado em industrial, penetrou nos domínios dos fanáticos, estudando, dizia, as possibilidades econômicas da região, no que concerne à indústria de oiticica.

Ali chegando, logrou, como toda gente, uma acolhida atenciosa e presenteira, que caracterizava a hospitalidade do beato; o santo homem, porém, não era visível a olhos profanos, sobre cuja intenção pairasse a menor dúvida.

O Cap. Bezerra teve, portanto, de lançar mão de toda sua longa experiência, de velho batedor de sertões para dissipar, as suspeitas iniciais. Foi admitido, enfim, à presença do chefe, que raramente vivia em sua residência oficial. Encontrou-o num casebre de taipa, deitado numa rede confortável, cercado de mocinhas de olhar distante, inebriadas pela palavra mansa do falso pastor. Terminada a entrevista, o nosso industrial regressou à metrópole, de onde enviaria propostas comerciais.

A narração do que vira e ouvira determinou a urgência e a violência da intervenção.²⁵⁵

Segundo o capitão Cordeiro Netto quando José Bezerra voltou do caldeirão lhe deu a seguinte informação: “ou o governo toma uma providência imediata ou então nós teremos a repetição de um novo Canudos”²⁵⁶. O que há de interessante nesta investigação é que mesmo não encontrando armas e nada que pudesse ser considerado como perigoso no local, o capitão Bezerra levou adiante a vaga e não decente fundamentação de que o ajuntamento oferecia perigo à ordem.²⁵⁷ Diante desse parecer tão assustador do oficial, ficou decidido pelas autoridades do Estado o envio de tropas até o local.

3.1 Incursão sem resistência: sentimentos de medo e ódio

A invasão do sítio Caldeirão ficou programada para dia 09 de setembro de 1936. Neste dia tudo foi organizado com muita cautela, a tropa designada para esta excursão estava muito bem municada, pois não havia sido totalmente excluída a possibilidade de um eventual confronto com a irmandade do sítio. As informações mais concretas que chegaram até nós

²⁵⁵ BARROS, 1937, Op. cit., p.6.

²⁵⁶ CARIRY, Rosemberg. *O Caldeirão de Santa Cruz do Deserto*. Fortaleza: Cariri Filmes: 1985.

²⁵⁷ RAMOS, Francisco, Op. cit., p.108.

sobre essa diligência estão presentes no relato do tenente Góes de Campos Barros. Conforme se pode observar na citação abaixo, ele descreve com muitas informações todo o percurso traçado pela tropa envolvida nesta expedição:

Ao cair da noite do dia nove do mês de setembro, próximo passado, deixamos Fortaleza entregue à animação própria do Boato, e abalamos com o fim de pernoitar em Russas.

A nossa tropa se compunha de uma companhia de fuzileiros e uma sessão de metralhadoras leves, sob o comando do capitão Bezerra e com os seguintes oficiais: 1º Tenente Abelardo Rodrigues, 2ºs Tenentes Neto e Alfredo Dias. Em Lavras, juntou-se à expedição o 2º Tenente Germano, que já conhecia, a fundo, a zona em que devíamos operar.

O Cap. Cordeiro Neto se fizera, além disso acompanhar de alguns elementos da Polícia Civil.

Para satisfação dos que nos interrogavam, escolhemos Mossoró como nosso falso objetivo. [...] Era necessário ganhar tempo com rigorosa madrugada. Assim o fizemos, atingindo Icó, quase ao meio dia, onde almoçamos [...].

As duas da tarde estava reiniciada a marcha [...].

Em virtude da diversidade da resistência dos motores, houve alongamento da coluna, de sorte que, somente às duas da manhã seguinte, chegamos, com a tropa extenuada e incompleta, ao ponto em que nos esperavam os guias para o início das operações a pé.

Em nossa tropa, apenas chegou em tempo a Cia. de fuzileiros, com a qual iniciamos a marcha de aproximação, pois urgia não perder tempo.

Tínhamos, ainda, duas léguas grandes a vencer [...].

Na qualidade de guia, fazia parte da expedição o engenheiro Álvaro de Melo, cuja boa vontade foi correspondida por seus talentos de orientação – o que, aliás, era desculpável, dada a escuridão que fazia. Duas erradas lamentáveis aumentaram a fadiga da tropa, que se viu forçada a acelerar a andadura, afim de não prejudicar os acontecimentos [...].

Partidas as patrulhas, as duas horas seguintes decorreram dentro de um silencio absoluto. Ao clarear do dia a paisagem ressequida se nos apresentou movimentada pelas colunas de crentes, vestidos de luto, que a visita indesejável despertara em sobressalto, de longe, lembrava formigas negras, descendo pelos morros, percorrendo o fundo dos pequenos vales, acoçadas por um imperativo climatérico.

Chegados ao engenho, tivemos uma decepção. Zé Lourenço fora avisado com muita antecedência, por sua polícia vigilante.²⁵⁸

A força militar foi recebida de forma pacífica no sítio. Na ausência de José Lourenço, apresentou-se às autoridades, Isaías, homem de confiança do beato, que inclusive na ocasião mandou servir um almoço para os comandantes. O próprio tenente Góes de C. Barros disse, em depoimento, que foi recebido de forma cavalheiresca por todos, sem nenhuma desobediência.²⁵⁹ Se esse encontro foi num primeiro momento, amistoso, é que na mente dos moradores do sítio não havia motivos para qualquer intervenção. Sobre tal intervenção

²⁵⁸ BARROS, 1937, Op. cit., pp.6,7.

²⁵⁹ CARIRY, Rosemberg. *O Caldeirão de Santa Cruz do Deserto*. Fortaleza: Cariri Filmes: 1986.

policial naquela manhã do dia 11, seu Eleutério, que viveu no sítio com o beato, conta que todos ficaram assustados e que o capitão Cordeiro Neto disse que era para desocupar o Caldeirão dentro de cinco dias, e mais: dizia que ali era um lugar de fanatismo e representava perigo.²⁶⁰ Ao que parece, realmente foi assustadora a presença das forças policiais interrompendo o cotidiano da Irmandade naquela manhã. Os protestos não foram muitos, até porque José Lourenço era pacífico, e mesmo não estando presente na ocasião, sempre ensinou aos moradores do sítio que deveriam obedecer às autoridades. No relatório do tenente Góes aparece um velho que protestou com as mãos para o alto dizendo: “*Vossa mercê é poderoso, mas, acima de tudo, está o poder de Deus*”. O caso mais impressionante de protesto durante a incursão policial foi o citado no depoimento de Dona Marina Gurgel ao historiador Régis Lopes:

Vi quando uma moça se queimou, Maria. Maria Vieira era uma moça de Piauí, uma moçona, bonita! Porque era como eu, num tinha pai nem mãe, num tinha ninguém (...).

Eu tava assim em pé, quando ela chegou e disse assim:

— Marina, os soldados tão dizendo que toda moça que num tiver pai nem mãe aqui, eles vão carregar tudo pra Fortaleza! Pra fazer o que quiserem! Marina o que é que a gente faz? Eu digo:

— Maria nós vamo fazer o que Deus nos ensinou para nós fazer. (...)

Aí ela saiu. Eu vi quando ela saiu com a garrafa na mão. Eu nunca pensei que ela ia se queimar. Ela foi se queimar no pé do cruzeiro! Lá mesmo no pé do cruzeiro do cemitério, ela se ensopou de gás e tocou fogo com medo de ir simhora mais os soldado.²⁶¹

Essa moça veio a falecer, pois não resistiu aos graves ferimentos causados pelas queimaduras. Não sabemos ao certo a história de vida dessa jovem e o que realmente a impulsionou para um fim tão trágico, mas mesmo que tivesse algum tipo de perturbação de ordem psicológica conforme constatamos num outro depoimento²⁶², não podemos excluir o fato da ocupação policial ter potencializado seus problemas, afetando assim o seu comportamento.

Ainda sobre o sentimento que tomou conta dos habitantes do sítio, provocado por essa invasão, sabemos que foi um momento de profunda tristeza para a irmandade. As pessoas foram separadas em um espaço do sítio para que as investigações pudessem prosseguir com maior segurança. O olhar e a angústia daquele povo tão simples, que mal podia compreender

²⁶⁰ LIMA, Maria L, Op. cit., p.72.

²⁶¹ RAMOS, Francisco, Op. cit., pp. 119,120.

²⁶² Domingos Sávio Cordeiro diz que um dos remanescentes com quem trabalhou, informou que essa moça se suicidou realmente, a mesma jogou querosene na cabeça e ascendeu fogo, mas isso, segundo o informante, não tinha nada a ver com a invasão policial, nem com qualquer tipo de protesto, e sim, que ela era perturbada mental, ou seja, tinha problemas psíquicos. Ver: CORDEIRO, Domingos. Op. cit., pp.222,223.

o tamanho da violência que estava prestes a se consumir, não escapou à percepção do tenente Góes de Barros, pois assim descreveu:

Como reses bravias num curral, homens, mulheres e crianças se comprimiam, uns contra os outros, olhando-nos com ódio e temor; a severidade dos semblantes, a atitude reservada e a uniformidade negra das indumentárias, não deixavam de emprestar à cena uma grandiosidade lúgubre e triste, como uma expectativa de catástrofe.²⁶³

Foi dado um prazo de três dias para os solteiros e cinco dias para os casados deixarem o Caldeirão. O Estado providenciaria passagens de trem ou navio para que pudessem retornar aos seus lugares de origem.²⁶⁴ Essa proposta das autoridades foi completamente rejeitada pela irmandade do sítio, pois alegavam que não tinham propriedade alguma e o que ali existia, segundo eles, pertencia a todos. Diante do impasse, o capitão Cordeiro Neto deixou ordens para incendiar as casas que ali foram construídas e entregar os bens ao município, pois esta segunda parte competia ao poder judiciário.²⁶⁵ O tenente Alfredo Dias e o capitão Bezerra ficaram com a incumbência de executar as ordens. Para o sr. Eleutério a invasão do Caldeirão formalizou um momento de muita dureza, muita injustiça, que doía no coração. Segundo ele aqueles homens não tinham temor a Deus e agiam com ira, como se José Lourenço fosse um criminoso.²⁶⁶

Ainda segundo testemunhos de remanescentes, pertences da irmandade foram roubados e ocorreram muitos saques aos estoques que a comunidade guardava,²⁶⁷ durante o cumprimento das ordens. Também muitos excessos foram cometidos e a crueldade do capitão Bezerra, que ficou no Caldeirão após a divisão da tropa, não passou despercebida, principalmente a seu Eleutério, que sobre o capitão disse: “*era insuportável, muito perverso*”²⁶⁸.

Embora tudo isso nos pareça doloroso demais para a irmandade do sítio, na verdade, era apenas o começo da barbárie. Nenhuma daquelas pessoas poderia imaginar o tamanho do sofrimento que haveriam de enfrentar, pois o fim das atividades no Caldeirão não significou o fim das perseguições.

²⁶³ BARROS, 1937, Op. cit., p.7.

²⁶⁴ Ibidem, p.8.

²⁶⁵ Loc cit.

²⁶⁶ LIMA, Maria L, Op. cit., p.73.

²⁶⁷ Entre as denúncias dos remanescentes aparecem entre outros: roubos a bijuterias, instrumentos de trabalho da irmandade, ex: enxadas, enxadecos e picaretas e também uma boa quantidade de alimentos, que na ocasião da operação estavam estocados, ex: café, rapadura, sacas de sal etc. Ver: LIMA, Maria L, Op. cit., p.73.e CARIRY, Rosemberg. *O Caldeirão de Santa Cruz do Deserto*. Fortaleza: Cariri Filmes: 1985.

²⁶⁸ LIMA, Maria L, Op. cit., p.73

3.2 Beato Severino Tavares e capitão Bezerra: confrontos e mortes na mata dos cavalos

Após a desapropriação do sítio Caldeirão as famílias ficaram dispersas. Muitos voltaram para seus lugares de origem e parte do povo foi para Serra do Araripe, onde se agruparam novamente. Segundo Veralúcia G. Matos eles construíram choupanas de palhas e fizeram acampamentos nas localidades da Mata dos Cavalos, próximo à Vila Conceição, na época um lugar de mata fechada.²⁶⁹

Conforme já sinalizamos, os preconceitos e as perseguições contra a irmandade não cessaram com a interrupção das atividades no sítio.²⁷⁰ Para o sr. Eleutério a polícia nunca ficava satisfeita, batia nas pessoas e inclusive fazia engolir o rosário na ponta da baioneta.²⁷¹ Régis Lopes através de um noticiário do jornal *Gazeta de Notícias*, revelou como era disseminada pela elite a discriminação contra a irmandade do sítio. Um trecho dessa matéria relata o seguinte:

O primeiro pensamento do governo foi o de aproveitar essa gente nas obras de emergência. Seria uma solução perigosíssima pela **influência maléfica** que esses **elementos perniciosos** exerceriam em contato com a massa trabalhadora inculta e facilmente sugestionável.²⁷² (grifos meus)

Pelo que se pode constatar os moradores do Caldeirão seriam monitorados a todo tempo, até porque as forças policiais ainda não tinham capturado o beato José Lourenço, que sabiam ser a principal liderança da irmandade. Lourenço neste período estava desaparecido, ninguém sabia ao certo seu paradeiro.

Nesta ocasião, Severino Tavares havia sido solto da prisão onde estivera detido em Fortaleza²⁷³, e decidiu ir para a serra e se unir ao restante do grupo. O sr. Eleutério diz que seu pai era um homem muito positivo e que avisou a ele para não ir para a serra, que a polícia não tinha esquecido dele e estava sempre perseguindo os beatos²⁷⁴. Mas Severino Tavares estava decidido a ir, pois disse a seu filho: “Se a polícia for lá nos perseguir novamente, seu pai

²⁶⁹ MAIA, Veralúcia, Op. cit., p.41.

²⁷⁰ O jornal *Gazeta de Notícias* do dia 17 de setembro de 1936 enalteceu a ação policial por ter interrompido as atividades no sítio Caldeirão. Argumentava que a ação policial mostrava o carinho com que as nossas autoridades olham para os nossos sertões, numa obra de profilaxia social, capaz de garantir a ordem e o bem-estar das populações. Ver: RAMOS, Francisco. *O massacre do Caldeirão*, 2016, Op. cit., p.40.

²⁷¹ LIMA, Maria Lorêto, Op. cit., p. 79.

²⁷² Notícia do jornal *Gazeta de Notícias* de 17/09/1936 apud RAMOS, Francisco. Op. cit., pp. 131,132.

²⁷³ Um contemporâneo que esteve recolhido à cadeia pública junto com Severino Tavares disse em depoimento: “Um dia quando conversámos num dos grupos na prisão, entrou no local onde nós estávamos o Major Bezerra [...] Bezerra se dirige a Severino e diz: Como é, você dormindo numa redezinha tão ordinária, tão pequena, eu vou ajuda-lo. Vou a procura do beato Lourenço, vou matá-lo, tirar o couro e mandar curti-lo, aí você terá um lugar macio onde você se deite. Segundo este contemporâneo: Severino riu e disse: Tá certo!” Ver: CARIRY, Rosemberg. *O Caldeirão de Santa Cruz do Deserto*. Fortaleza: Cariri Filmes: 1985.

²⁷⁴ LIMA, Maria L, Op. cit., p. 80.

não vive mais, mas também aquele que perseguir fica mais eu lá.”²⁷⁵ Severino foi para a serra, onde reencontrou os seus amigos. Ao que parece existiam divergências de opiniões entre eles quanto à posição a ser tomada pela irmandade diante das perseguições policiais. Segundo Sandro Leonel, bisneto de Severino Tavares:

Os grupos que existiam dentro do Caldeirão, seriam os grupos: seguidores do beato José Lourenço, que eram pessoas mais ligadas a religião mesmo, muito mais voltada a questão litúrgica e o pessoal ligado a Severino Tavares, que eram também muitos dotados de fé, mas que também tinham esperança de resolver seus problemas na questão do trabalho em si.²⁷⁶

Provavelmente foram estes homens mais próximos de Severino Tavares que estavam de comum acordo com ele em reagir contra os possíveis ataques do governo ou mesmo de se vingar dos desmandos praticados no sítio Caldeirão pelo capitão Bezerra.²⁷⁷ Severino não era tão pacífico como José Lourenço, e além do mais, este foi um período em que o beato Lourenço não tinha paradeiro fixo, pois ainda era procurado e se encontrava foragido. Em decorrência disso não pôde assumir a liderança do grupo. Segundo a matéria publicada pelo *Jornal do Brasil*:

Severino Tavares assumiu, então, o comando de uns 200 homens, dos mais fortes, pois estava disposto a vingar as humilhações sofridas no Caldeirão. Arquitetaram uma cilada para o capitão Bezerra, o potiguar Sebastião Marinho procurou o delegado de Juazeiro e o convenceu que Severino queria um entendimento, oferecendo-se para levá-lo ao acampamento, no lugar Mata dos Cavalos, perto da Vila Conceição, no sopé da serra do Araripe. O tempo todo dizia que o beato era contra o plano de Severino.²⁷⁸

²⁷⁵ Loc. cit.

²⁷⁶ Depoimento de Sandro Leonel Tavares Ver: 2 de 5 - Documentário - José Lourenço: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nFsklSj9Y8E>> acesso em 24/02/2016.

²⁷⁷ Durante a invasão do sítio o Capitão Bezerra se apropriou de um cavalo do beato José Lourenço, de nome Trancelim, andou nele por tanto tempo que o animal ficou extenuado. No outro dia o cavalo morreu. Severino Tavares ainda estava preso quando soube desse acontecimento pela boca do próprio Capitão Bezerra. Afirma-se que na ocasião Severino chegou a ameaçar o Capitão. “O senhor, Capitão, vai pagar caro o couro de Trancelim.” Ver: *A chacina do Caldeirão - Jornal do Brasil* 01/02/1981. Ainda sobre este animal do beato José Lourenço, encontrei durante a pesquisa um artigo do jornal *O Radical*, do Estado do Rio de Janeiro, que destacava o seguinte: **Um deus cavalo – desperdício da imaginação de um magazine europeu sobre coisas do Brasil.** A matéria prosseguia desta forma: “Um magazine francês de grande circulação publicou uma nota ilustrada com a fotografia de um cavalo onde dizia: Há cerca de um ano, o interior das províncias da Bahia e de Pernambuco, no Brasil, foi agitado pelo nascimento de uma nova e estranha religião. **O deus era um magnífico cavalo branco que se chamava trancelion (tracelim), e seu profeta, um brasileiro chamado José Lourenço.**” ... (grifos meus) *O Radical* (25/05/1938), pp.1,2. Provavelmente o Capitão José Bezerra tinha conhecimento da circulação desses boatos e por isso deve ter cometido alguns excessos contra o animal, uma forma de demonstrar poder sobre as supostas crenças do povo da irmandade.

²⁷⁸ HOLANDA, Tarcísio. *A chacina do Caldeirão - Jornal do Brasil* 01/02/1981.

Também se falava numa possível invasão da cidade do Crato por Severino Tavares e seus seguidores. O capitão Bezerra acompanhado de um grupo de praças dirigiu-se ao local do encontro.²⁷⁹ Ao constatar o pequeno número de policiais destacados para a missão, Sebastião Marinho, talvez com o intuito de despistar, disse: “Capitão, os soldados são poucos...”, Bezerra respondeu: “São suficientes.”²⁸⁰ Então partiram confiantes para executar a missão, mas ao chegarem ao local de destino foram surpreendidos com a reação de Severino Tavares e seus companheiros. O confronto entre as partes foi terrível, com baixas para os dois lados. A imprensa da época deu bastante destaque aos acontecimentos e procurou narrar de forma bem detalhada a diligência dos policiais até o local desse trágico combate. O relato a seguir é do jornal *O Estado*:

Mal recebeu, no Juazeiro, a alarmante notícia de que os fanáticos do beato Lourenço, chefiados por Severino, ameaçavam atacar a cidade do Crato que estava sob a impressão desoladora dessa notícia - o capitão Bezerra, antes mesmo de receber ordens de Fortaleza, resolveu ir pessoalmente verificar a situação. E, assim, às 7 horas da manhã de segunda-feira, partia do Crato com um pequeno contingente de 11 praças, dentre os quais seus filhos sargento Anacleto e soldado Álvaro, e Sebastião Marinho, que viera denunciar às autoridades do Crato o plano sinistro de Severino. [...]

Está apurado que isso não passou de uma cilada, não só porque as mulheres presas acusaram Sebastião, senão também pela circunstância singular de, na luta, haver ele sido poupado pelos fanáticos. [...]

Mas prossigamos. Como disse, o capitão Bezerra saiu do Crato, às 7 horas, viajando num caminhão. Ao chegar próximo ao lugar Cruzeiro, na estrada que vai do Crato a Conceição, o guia lhe declarou que a sua casa ficava próxima. O capitão resolveu descer do carro, que deixou guarnecido por cinco praças, sob o comando do sargento Marcelino, e avançou a pé, em busca de informes, para iniciar a sua marcha de aproximação do local indicado pelo guia como aquele em que os fanáticos estacionavam. [...]

O capitão Bezerra, acompanhado de Sebastião, seguia, em companhia dos sargentos Anacleto, Jaime e Brasileiro, do cabo Benigno e dois soldados Josafá e Álvaro, quando, de repente, uma mulher os avista, e dá o alarme, gritando que ali vinha a polícia e embrenhando-se na mata. Bezerra corre em sua perseguição, para prendê-la e evitar que ela os denunciase.

Foi então o momento fatal. Na carreira em busca da mulher, o capitão e seus companheiros penetram na mata, e ali de súbito, se defrontam com um abarracamento de fanáticos, onde se encontravam várias mulheres. Tentam cercar as barracas, e é nesse instante que se vêem, de repente, envolvidos por centenas de ferozes bandoleiros.[...]

Apenas o sargento Brasileiro apresenta um ferimento por arma de fogo. Os demais foram atacados a cacetete e foice. O ferimento mortal do Cap. Bezerra,

²⁷⁹ Muito se fala a respeito desse encontro marcado por Sebastião Marinho como uma “cilada”. A própria imprensa chegou a divulgar que foi um plano orquestrado pelos fanáticos do beato José Lourenço para se vingar do Capitão Bezerra. Para alguns pesquisadores não há provas suficientes para se fazer esta afirmação. Ver: RAMOS, Francisco. Op. cit., pp. 144-146 e LIMA, Maria L, Op. cit., p. 80.

²⁸⁰ NÓBREGA, Fernando Maia. *Capitão José Gonçalves Bezerra*. Artigo disponível em: <<http://lampiaoaceso.blogspot.com.br/2011/08/capitao-jose-goncalves-bezerra.html>> acesso em 25/10/2016.

que recebeu numerosas cacetadas, foi feito como já se noticiou, por uma foçada, na nuca, que o prostrou rebentando-lhe os miolos. Somente os sargentos Jaime e Brasileiro lograram escapar. Aquele fingiu-se de morto, caindo ao solo, onde, ainda assim, recebeu várias pauladas. O sargento Anacleto, já depois de morto, ainda foi apunhalado por um fanático. [...] ²⁸¹

Esse foi o estopim para que a polícia decidisse então acabar de vez com o ajuntamento na serra. Foram utilizadas inclusive três aeronaves para auxiliar na perseguição aos ex-habitantes do Caldeirão. O capitão José Macedo foi quem comandou essa expedição aérea. Ele primeiramente fez um voo de reconhecimento sobre o local. Depois de descobrir os abarracamentos, tipo militar, armados dentro da mata, voltou à cidade. No dia seguinte, terça-feira, pela manhã e à tarde, fez novos voos, desta vez metralhando rudemente as barracas. ²⁸² Muito se discute sobre as mortes que aconteceram na serra em decorrência dos ataques aéreos. Mas com certeza podemos afirmar que houve uma chacina aos membros da irmandade feita por terra. ²⁸³ Segundo a matéria do *Jornal do Brasil*:

O capitão José Bezerra e seu filho foram sepultados em Fortaleza, num ambiente de emoções exacerbadas.[...]. Diante da morte do seu homem de maior confiança, um temido caçador de bandidos do sertão, o Capitão Cordeiro Neto resolveu acabar de vez com o arraial do beato José Lourenço. Duzentos homens vasculharam a serra do Araripe (prenderam 20 mulheres e encontraram subterrâneos com alimentos estocados), e o ministro da Guerra, General Eurico Gaspar Dutra, determinou que toda a guarnição federal de Fortaleza ficasse à disposição do Governador Menezes Pimentel.

Instalado em Juazeiro, o Capitão Cordeiro Neto preparou o ataque, auxiliado pelo Tenente José Góes de Campos Barros (delegado do DOPS), Tenente Alfredo Dias, Germano e Antônio Silva, mais o Capitão Abelardo Rodrigues (chefe de companhia). O então Chefe de Polícia afirma hoje que os homens do beato tinham condições de tomar de assalto Juazeiro e Crato, se agirem com rapidez.[...].

Entre os policiais havia a convicção de que os homens do beato só tinham os poucos fuzis tomados da volante emboscada. Os Tenentes Alfredo Dias e

²⁸¹ Notícia do jornal *O Estado* de 13/05/1937 apud RAMOS, Francisco, Op. cit., pp. 144,145.

²⁸² Notícia do jornal *O Estado* de 13/05/1937 apud LIMA, Maria L, Op. cit., p. 83. O historiador brasileiro Robert M. Levine cometeu alguns equívocos ao descrever o massacre de 1937. Segundo ele o bombardeio teria sido sobre as casas da comunidade do Caldeirão, além de situar o sítio no município de Casa Nova – Bahia. Para maiores esclarecimentos, ver: LEVINE, Robert. *O sertão prometido: o massacre de Canudos*. Tradução: Mônica Dantas. São Paulo: Edusp, 1995 e Sítio Caldeirão, Ceará. Disponível em: <http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=S%C3%ADtio+Caldeir%C3%A3o,+Cear%C3%A1<r=s&id_perso=5221> acesso em 10/09/2016.

²⁸³ Acredita-se que Severino Tavares morreu nessa ocasião. Existem pelo menos duas versões para sua morte:1) Bombardeada a Serra, Severino Tavares descia-a pelo lado de Pernambuco, indo aboletar-se em Pau-de-colher no Estado da Bahia, onde, atacado por forças federais e estaduais, escapou ferido, vindo a falecer no mato; 2) Severino foi aprisionado e esfaqueado continuamente por um sargento da Força Pública do Ceará, este dizia a Severino: “*Vou lhe dar uma facada. Se você escapar ficará solto.*” Severino antes de morrer segurou o sargento com tanta força que este precisou da ajuda de um tenente para libertá-lo. Ver: MONTENEGRO, Abelardo F. *Fanáticos e Cangaceiros*. Gildácio Sá (Organizador). Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011, pp.223,224.

Antônio Lima receberam a missão de atacar o ajuntamento cada um com 45 homens.

O Tenente Alfredo Dias (Coronel reformado, vive em Fortaleza) conta que subiu a serra do Araripe, rumando de Norte para Sul, enquanto a outra coluna seguia de Sul para Norte com a combinação de se encontrar no Sopé da montanha. Foram então para a Mata dos Cavalos. Antes de entrar na mata fechada, mandou a tropa calar baionetas – uma “feliz lembrança”.

Quando entrei no matagal, conta, Alfredo Dias, havia umas 2 mil pessoas trepadas nas árvores. Caíram todas sobre nós como macacos. Eles tinham cinco a seis fuzis tomados com a morte do Bezerra. O que eles tinham mesmo eram facões, machados, foices e cacetes.

Na mata espessa não havia como atirar e a luta foi corpo a corpo. Os soldados fincavam as baionetas e tinham de usar um pé para retirá-las. Segundo o Tenente Alfredo Dias, não morreu nenhum soldado (“mas preparados”), nem houve prisões, “porque todos fugiam, apavorados, diante da ação policial fulminante.”

Finda a batalha, **o Tenente Alfredo Dias contou até 80 cadáveres**. O chefe de Polícia foi até lá, verificou que “não havia utensílios para enterrar os mortos” e **mandou incinerar os corpos com gasolina. Segundo o Chefe de Polícia, “morreram nessa ação umas 200 pessoas”**.²⁸⁴

Após a chacina na Mata dos Cavalos as buscas continuaram, inclusive com alerta aos estados vizinhos - Pernambuco, Paraíba e Bahia.²⁸⁵ Luitgarde diz que de 1937 a 1940 o governo perseguiu sistematicamente o pessoal do Caldeirão, que se dispersou pelos lugares mais distantes.²⁸⁶ As informações sobre o paradeiro do beato José Lourenço eram as mais diversas possíveis e se espalharam por toda região do Cariri, sendo inclusive noticiadas em várias ocasiões por jornais da época.²⁸⁷ O beato reapareceu no ano de 1938, quando as coisas pareciam estar mais calmas.

Conforme já sinalizamos, muitos fatores contribuíram para este resultado final, pois o que se viu foi a união das classes dominantes, ou seja, uma ofensiva do conjunto das classes dominantes com o objetivo de conter os “fanáticos”,²⁸⁸ fez com que o governo tomasse uma posição tão extremada contra a irmandade do Caldeirão. Ainda hoje se procuram respostas plausíveis para tentar explicar essa barbárie do ano de 1937, ou seja, como tudo isso se

²⁸⁴ HOLANDA, Tarcísio. *A chacina do Caldeirão - Jornal do Brasil* 01/02/1981.

²⁸⁵ MAIA, Veralúcia, Op. cit., p.42.

²⁸⁶ BARROS, Luitgarde, Op. cit., p.303.

²⁸⁷ Entre os noticiários sobre o paradeiro do beato José Lourenço aparecem estes: *Fanáticos do Caldeirão em Fortaleza - Com eles vêem o Beato Zelourenço* – jornal *O Povo*, 21/05/1937; *Nova investida do Beato Zelourenço? O terror das populações de Crato e Joazeiro* – jornal *O Povo*, 21/08/1937; *O Beato Zelourenço no Rio Grande do Norte* – jornal *O Povo*, 29/11/1937; *O Beato Zelourenço na Bahia?* – jornal *O Povo*, 13/01/1938. Ver: SIPRIANO, Benedita França. *Vozes sociais e produção de sentidos: a representação do beato José Lourenço e do movimento Caldeirão na cobertura do jornal O Povo (1934-1938)* 2014. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2014.196f: Disponível em: <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Benedita_Sipriano.pdf> acesso em 10/02/2016.

²⁸⁸ SILVA, Selmo Nascimento da. *As contribuições de Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros para os estudos do universo social e cultural do sertão nordestino*. Disponível em: <<http://www.cp2.g12.br/blog/perspectivasociologica/edicoes-anteriores/jan-jul-2011-no-6-e-7/>> acesso em 26/10/2016.

desencadeou. Não são poucos os nomes a quem se atribui a responsabilidade pelo massacre desses camponeses. Entre eles aparecem: Cordeiro Neto, Góes de Barros²⁸⁹, José Bezerra, Norões Milfont, Alfredo Dias entre outros. Para o motorista José Camilo Lobo que esteve bem próximo dos envolvidos, pois serviu ao bispo, ao beato e à polícia, o grande responsável por tudo foi o bispo do Crato Dom Francisco de Assis Pires. Diz ele: Gostava muito do modo dele (bispo), mas acho que ele devia ter resolvido aquilo de outro jeito, não ter jogado a polícia em cima do “nego velho”, acabou com tudo.²⁹⁰ Embora, como neste caso, se possa tentar buscar um culpado para o desencadeamento da tragédia, acredito que, mesmo sem isentar determinadas pessoas das responsabilidades e crimes cometidos, que certamente aconteceram, o mais provável é que o somatório de vários motivos tenha resultado neste conflito tão violento.

O farmacêutico José Geraldo da Cruz, disse que esteve na Mata dos Cavalos logo depois do ataque, recolhendo num cipó 16 crânios de crianças. Contou que ficou com vontade de procurar até o presidente Vargas, mas amigos o aconselharam a ficar quieto.²⁹¹ Neste triste relato podemos ter uma ideia de quantos inocentes morreram nessa tragédia, vitimados pela truculenta ação das forças do governo, e mais, a clara sensação de sentir-se completamente impotente diante de tanta injustiça.

As perseguições à irmandade do Caldeirão foram tão violentas que repercutiram até fora do país. O brasilianista Robert M. Levine escrevendo sobre o regime de Vargas entre os anos 1934 -1938 diz em uma nota explicativa que o *New York Times* de 16 de setembro noticiou: “As razias continuaram por todo o ano de 1937”. Também afirma que a imprensa brasileira não noticiou a história.²⁹² Na verdade, noticiou sim, não como deveria, pois era um instrumento ideológico do governo.

3.3 Beato José Lourenço e o ano de 1938: tentativa de retorno e novas perseguições

O beato José Lourenço reapareceu no ano de 1938, pois até então estava foragido. Ele era procurado pela polícia sob a acusação de envolvimento na morte do capitão Bezerra e conseqüentemente nos conflitos da serra do Araripe. Também neste período surgiram vários

²⁸⁹ No documentário de Rosemberg. *O Caldeirão de Santa Cruz do Deserto*. Fortaleza: Cariri Filmes: 1985, José Góes de Campos Barros me pareceu um homem completamente diferente daquele que escreveu “*A Ordem dos Penitentes*” em 1937 (texto que transmite uma ideologia preconceituosa). Na entrevista parece estar bem consciente dos excessos que foram cometidos na época contra a irmandade do Caldeirão.

²⁹⁰ CARIRY, Rosemberg. *O Caldeirão de Santa Cruz do Deserto*. Fortaleza: Cariri Filmes: 1986.

²⁹¹ Em conversa com o brasilianista Ralf Della Cava e com o sociólogo Diathay Bezerra de Menezes (UFCE). Ver: *Jornal do Brasil* 01/02/1981.

²⁹² LEVINE, Op. cit., p.241.

boatos a seu respeito, entre eles, o de estar chefiando um grupo de pessoas na Bahia. O reaparecimento de José Lourenço aconteceu pela mediação de Júlio Macedo, um grande amigo do beato, com o governo do Estado. Comentando sobre o retorno do beato às terras do Caldeirão no início do ano de 1938, o historiador Airton de Farias escreve:

A 14 de janeiro de 1938, o jornal O Povo entrevistou o tenente José Góes de Campos Barros, para esclarecer sobre boatos de que José Lourenço estaria chefiando um grupo de fanáticos na Bahia (no caso, era o movimento messiânico de Pau-de-Colher, chefiado pelo beato Quinzeiro e destruído pelo exército e polícia no ano de 1938, deixando um saldo de 400 mortos). O militar disse que a polícia estava convicta de que não fora Zé Lourenço que armara a emboscada contra o capitão José Bezerra, e sim, Severino Tavares. Afirmou ainda que Lourenço se encontrava em algum lugar da serra do Araripe, em difícil situação, pedindo “pelo amor de Deus” um lugar certo para trabalhar. Declarou Góes, por fim, que o governo tinha consentido o retorno do velho beato, para trabalhar em qualquer localidade do estado, desde que com apenas dois ou três afeiçoados. O tenente acreditava na “regeneração” do beato.²⁹³

Realmente as autoridades estavam convencidas de que o beato era inocente e não oferecia nenhum tipo de perigo à sociedade. O jornal *A Ordem* publicou em 29 de janeiro de 1938 que o secretário da Segurança Pública do Estado não pensava em prender José Lourenço, pois este se encontrava levando vida pacífica no Crato.²⁹⁴

Retornando ao Caldeirão o beato começou logo a trabalhar para que a terra pudesse produzir novamente. Apesar de encontrar tudo destruído ele não desanimou, pelo contrário, junto com alguns sobreviventes, refez as plantações.²⁹⁵ Segundo uma remanescente ele ajeitou o engenho, fez plantio de cana e inclusive mandava cargas de arroz para os padres salesianos. Outros remanescentes, aos poucos, também retornaram, e a comunidade, agora bem menor, foi se reestruturando, lentamente.²⁹⁶ Mas os padres, que antes estavam de acordo com o retorno do beato, exigiram novamente a posse do sítio.²⁹⁷

O senhor João Silva visitando o local cerca de 50 anos depois, quase não reconheceu o lugar onde morou e se esforçou para trazer à memória lembranças que marcaram sua passagem junto da irmandade. Entre outros assuntos, ele fez um breve comentário a respeito desse retorno do beato José Lourenço às terras do Caldeirão:

²⁹³ FARIAS, Airton de, Op. cit., cap. 25, edição Kindle.

²⁹⁴ Matéria intitulada “*Elementos comunistas dirigem os fanáticos no Ceará*”. Jornal *A Ordem* - Rio Grande do Norte – Natal – Sábado, 29-01-1938.p.4.

²⁹⁵ Documentário da TV Assembleia do Ceará. 4 de 5 - Doc - José Lourenço. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=a_qPooUC_tg > acesso em 10/12/2015.

²⁹⁶ FARIAS, Airton de, Op. cit., cap. 25, edição Kindle.

²⁹⁷ Ibidem.

Hoje eu andando aqui quase que não conheço, tô achando muito diferente [...] acabou-se, liquidou-se, tá tudo destruído e o dono não merecia isso não porque era um rapaz direito, trabalhador, honesto. Mas tentou morar aqui muito tempo que gostava daqui, mas nunca foi possível, tanto ele que nem meu pai. Saiu da primeira vez, saiu do tempo da destruição, do ataque, aí chamaram ele, voltou de novo. Quando tava enfeitando de novo o Caldeirão, aí combinaram, aí um amigo dele viu no Crato eles combinando com os padres e os bispos pra correr com ele de novo, aí aconselhou ele que se retirasse, que se não ia se pior que da outra vez, aí foi que compraram esse terreno lá por Pernambuco, pra lá. Ele morou mucado de ano. Nós nunca esqueceu, nem meu pai esqueceu-se do Caldeirão.

Meu pai dizia: se não tivesse feito o que fizeram com o Caldeirão, Caldeirão seria uma cidade.²⁹⁸

Embora José Lourenço tenha se esforçado bastante nesta nova tentativa de reorganização da sua gente no Caldeirão, isso não mais foi possível. Além das reivindicações dos salesianos, eles viviam sob forte vigilância da polícia, e mais, não tinham a mesma mão de obra de outrora. Esse período de retorno ao sítio não durou muito tempo. No final do ano de 1939²⁹⁹, o beato teve que sair novamente com sua gente para se estabelecer em outro lugar, desta vez em região fora do estado do Ceará. José Lourenço foi para o município de Exú, em Pernambuco. Quanto ao sítio Caldeirão, o historiador Airton de Farias diz que pouco depois os salesianos venderam a propriedade.³⁰⁰

4 O beato José Lourenço no Estado de Pernambuco

Os padres salesianos reclamaram a posse do sítio Caldeirão através de seu procurador, o padre Antônio Agra³⁰¹. Eles haviam conseguido judicialmente o direito à terra e mesmo sendo beneficiados com a produção do sítio, não abriram mão da propriedade e acabaram por exigir a saída do beato juntamente com os camponeses que ali se encontravam. Não restou outra alternativa ao beato José Lourenço a não ser retirar-se com seu povo e buscar um novo paradeiro. Os recursos não eram muitos, já que na ocasião da invasão do Caldeirão no ano de 1936, foram retirados muitos bens que pertenciam à irmandade, e que posteriormente foram leiloados, o que rendeu a quantia de sete contos de réis³⁰². Foi com este dinheiro que o beato comprou a fazenda União, no município de Exú, em Pernambuco.

²⁹⁸: CARIRY, Rosemberg. O Caldeirão de Santa Cruz do Deserto. Fortaleza: Cariri Filmes: 1986.

²⁹⁹ Sobre a data desta segunda saída do Caldeirão tomei como base o depoimento do sr. Eleutério. Ver: RAMOS, Francisco, Op. cit., p.159.

³⁰⁰ FARIAS, Airton de, Op. cit., cap. 25, edição Kindle.

³⁰¹ Segundo dona Maria de Maio esse padre chegou a visitar o Caldeirão e pelo testemunho de uma remanescente parecia estar bem satisfeito com tudo que viu. Ver: RAMOS, Francisco, Op. cit., p. 161.

³⁰² Este dinheiro foi depositado no município do Crato por ordem do Chefe de Polícia Cordeiro Neto. Segundo informação do próprio Cordeiro Neto o dinheiro era proveniente da venda de objetos deterioráveis recolhidos

O terreno comprado inicialmente não tinha nada, era preciso trabalhar muito para preparar o lugar, mas isto nunca foi problema para José Lourenço, na verdade era apenas um novo desafio para o beato. Lourenço aos poucos foi levando sua gente para este novo espaço, primeiro os homens para limpar e preparar a terra e nesta primeira leva também foram incluídas três cozinheiras, depois o restante do povo.³⁰³ Em pouco tempo o terreno foi sendo transformado em um lugar muito diferente daquele que ali encontraram. Por fim, o beato, mesmo com um número bem reduzido de pessoas, conseguiu erguer uma nova comunidade. A exemplo das outras de que esteve à frente, esta também se transforma num lugar de trabalho, oração e fraternidade. Foi nesse lugar que José Lourenço viveu os últimos dias de sua vida.

4.1 Fazenda União no município de Exu-PE como lugar de refúgio

Depois de tanta perseguição sofrida pela irmandade que viveu em Baixa Danta e depois no Caldeirão, a fazenda União em Pernambuco, aparece como uma comunidade diferenciada e que, não irá enfrentar os mesmos problemas que tanto atormentaram José Lourenço e sua gente no estado do Ceará. Domingos Sávio a respeito dessa comunidade escreveu:

O sítio União foi a última comunidade organizada em torno de José Lourenço e foi também a única que não foi perseguida por forças militares e policiais. O contexto envolvendo a construção da comunidade do sítio União era completamente diferente das outras experiências no Ceará. **José Lourenço entrou no município de Exu como proprietário de terras, pois o sítio União fora comprado e pago à vista e em espécie.** Levou consigo um contingente de trabalhadores. No União o beato não admitia a entrada de novas pessoas como membros da comunidade, logo não significava ameaça por desvio de mão-de-obra para os proprietários locais.³⁰⁴ (grifos meus)

Conforme se pode observar na citação, o beato Lourenço não estava mais em terra arrendada (Baixa Danta) ou numa terra que não era sua (Caldeirão). Agora como proprietário e com menos pessoas do que tinha ao seu redor no Ceará, certamente pode desempenhar

durante a diligência feita ao sítio em 11 de novembro de 1936. Para o Dr. Antônio Alencar de Araripe o dinheiro devolvido “foi uma ínfima parte do que foi saqueado”. Ver: HOLANDA, *A chacina do Caldeirão - Jornal do Brasil* 01/02/1981. No ano de 1944, o beato tentou, através do seu advogado Dr. Antônio de Alencar Araripe, uma ação judicial contra o Estado do Ceará, por invasão, agressão e furto, pedindo uma indenização de 400 mil réis - uma fortuna para época. A procuradoria do Estado alegou a prescrição de seu direito de agir contra o Estado. Ver: BARROS, Luitgarde, Op. cit., p.303 e FARIAS, Airton de, Op. cit., cap. 25.

³⁰³ Depoimento de Dona Maria de Maio para o historiador Régis Lopes. Ver: RAMOS, Francisco, Op. cit., p. 177.

³⁰⁴ CORDEIRO, Domingos, Op. cit., p.52.

melhor seu papel na administração, mesmo sabendo que não tinha mais o mesmo vigor físico que antes e que sua saúde não andava boa.³⁰⁵

O sítio União em bem pouco tempo tornou-se uma dádiva não somente para seus moradores, mas também para as pessoas que moravam naquela região. O beato José Lourenço percebeu logo a grande dificuldade que se tinha com relação à escassez de água no lugar e então providenciou, juntamente com o povo, a criação de um grande açude. Esse excelente benefício e as muitas benfeitorias no sítio, foram assuntos de destaque no depoimento de Maria de Maio, remanescente, ao historiador Régis Lopes, diz ela:

Aí chegamo lá. Lá só tinha terra, um açude deste tamanhinho, como uma lagoinha e tudo coberto de mato, num tinha benefício nenhum. Aí, pegou a fazer benefício. Chegamo lá num ano, no outro, o açude num deu pra tirar o ano, secou. Ficou só os bicho, porque ele cavou um bebedor, que tinha o baixio d'água, cavou o bebedor mode dar água pros bicho.

E, então ele cavou, fez um açude grande, que num secava mais. Fez casa de farinha, fez engenho, plantou toda fruteira. Tinha até uva. Tinha toda qualidade de uva. Cada uma lotada de uva! Cada um cacho de uva que botava. E, fazia farinha, fez muagem. Plantaram cada baixio de cana como daqui na estação. Aqueles baixio só coberto de cana. Aí, fazia uma muagem grande. Era, fazia farinha. Tinha mandioca, de tudo tinha lá. Lá era mais pouca gente do que no Caldeirão. **Lá, quem ajudava também era o povo de lá.** O povo de Pernambuco, tudo gostava, porque quando nós chegamo lá fazia três anos que não chovia em Pernambuco, o povo tudo se acabando de fome, aí ele (beato) dava feijão, dava arroz, dava de tudo pro povo plantar.³⁰⁶(grifos meus)

Na fazenda União José Lourenço contava com o envolvimento, não somente da sua gente, mas de todo o povo da região. Na construção do açude citado, eles se dispuseram a ajudar a irmandade, e mais, quando o beato ia trabalhar na roça, o povo aparecia para ajudá-lo e não queria receber pelos serviços prestados. Maria de Maio comentando sobre essa cumplicidade com José Lourenço traz a memória o que essas pessoas de Pernambuco diziam na época: “Nós deve tudo, nós deve a vida a esse homem. Quando o senhor precisar, a gente vem trabalhar. [...] O beato ia pagar, aí diziam: Mas, Ave-Maria! Quem é que vai receber dinheiro do senhor!”³⁰⁷

A prosperidade no sítio União também chamava bastante atenção, era algo impressionante. José Lourenço chegou a distribuir muito alimento para os agricultores

³⁰⁵ Seu João da Silva em depoimento para o historiador Régis Lopes disse que no sítio União José Lourenço não trabalhava como no Caldeirão. Segundo ele Lourenço vivia sentado numa cadeira e dizia que estava muito doente dos rins. Ver: RAMOS, Francisco, Op. cit., p.179.

³⁰⁶ RAMOS, Francisco, Op. cit., p.177.

³⁰⁷ Ibidem, pp. 177,178.

necessitados da região. Um remanescente descreveu com muito entusiasmo a fartura da fazenda União para o pesquisador Domingos Sávio, diz ele:

Hum! Se lá tinha fartura? A fartura lá era dobrada. Tinha muito gado, muita ovelha, muita criação. Armazém, aí no Exu, que ele sustentou aquele pessoal, aí ao redor todinho. Todo dia chegava o pessoal com saco nas costas. Matava boi. Eu comi tanta da carne lá que abusei, abusei. Hoje o povo tira aqueles osso do corredor, aí tira a carne, quase todinha, né? E lá, tirava era cheio, e pegava a metade dum corredor, com carne com tudo, jogava em cima do prato, o caba comia que ficava sereno...É, era um lugar de fartura, a fartura que vi nesse mundo foi acolá, fartura de tudo. Hoje o cabra se vê um rato acolá, já é ficando avexado pra matar, né?³⁰⁸

Mas não eram apenas os camponeses do lugar que tinham boa relação com José Lourenço devido ao seu carisma e bondade. As pessoas influentes e autoridades locais também gostavam muito dele, inclusive muitos frequentavam a fazenda União, a fim de desfrutar da sua companhia. Januário, pai do cantor e compositor Luiz Gonzaga, era amigo do beato. No ano de 2000 o pesquisador Sávio Cordeiro entrevistou um contemporâneo que esteve presente num dos encontros entre os dois para ouvir o rádio do José Lourenço. Em seu depoimento disse o seguinte:

Aí nós fomos lá nesse tempo ...Foi quando Luiz Gonzaga ia para São Paulo e aí nós ia para escutar, mas Januário velho, que é pai de Luiz Gonzaga. Aí foi pra ver o programa de Luiz Gonzaga. Quando chegou lá, ele (beato) dizia (para Januário): ‘Oi, aí você só não tá vendo seu filho, mas aí a fala. A voz é dele.’ E era mesmo, direitinho. Aí foi que apareceu outros rádios, **mas o primeiro que apareceu por aqui, foi do beato.**³⁰⁹

Lourenço era um homem totalmente desprendido de bens materiais. O rádio citado na conversa era um bem precioso na época, e fazia questão de compartilhar com os amigos.³¹⁰ Onde o beato estava era sempre rodeado de pessoas e algumas até tiravam proveito de sua generosidade. João Silva diz que certa vez um homem se agradou de um boi da fazenda e o beato disse: “O boi é seu, leve, pode levá”. Quando João perguntou ao beato se não recebia nenhum comprovante, o beato respondeu: “Nada, a consciência é dele”. Segundo João Silva o homem não voltou mais lá.³¹¹

³⁰⁸ CORDEIRO, Domingos, Op. cit., p.52.

³⁰⁹ Ibidem, p.53.

³¹⁰ João da Silva diz que o beato gostava muito de ouvir o toque das 6 horas e a reza. Segundo ele lá da roça que era perto o beato dizia: “Óia, João, liga aí o rádio pra gente assistir as Ave-Maria.” Ver: LIMA, Maria L, Op. cit., p. 101.

³¹¹ Ibidem, p.100.

De acordo com Maria de Maio as autoridades de Pernambuco frequentavam o sítio União e eram bem diferentes daquelas que conheceu no Ceará. Em depoimento a remanescente deixa bem claro sua preferência: “Agora no Pernambuco, não! Lá no Pernambuco não tinha homem pra isso não. Era padre, era tudo, tudo era amigo. Era polícia, tudo gostava de lá, andava lá em casa todo domingo. Tudo era um povo muito bom lá de Pernambuco.”³¹² Para o sr. Eleutério no sítio União José Lourenço prosperou muito. Segundo ele foi lá que o beato teve sossego, pois a reza, o trabalho e a paz deram a ele nos últimos anos de vida uma tranquilidade maior.³¹³ Nada mais compensador para um homem que dedicou boa parte de sua vida a amenizar o sofrimento das pessoas com quem conviveu.

4.2 A morte do beato José Lourenço e a peregrinação até Juazeiro

O beato José Lourenço viveu com sua gente por cerca de seis anos na fazenda União e durante esse tempo não há registro de nenhum conflito envolvendo a irmandade com as autoridades locais, foi um período em que conseguiu usufruir da paz que sempre desejou no Ceará. Nos momentos finais da sua vida não entrou em desespero, pois sabia que tinha cumprido fielmente sua missão, e mais, estava totalmente consciente da fragilidade da sua saúde e que em breve tempo iria deixar seus amigos. Em depoimento para Régis Lopes o sr. João Silva afirma:

Eu construí uma casa de tijolo. Aí, parece que ele já tava adivinhando, que ele disse:

— Você tá construindo essa casa para mim, mas acho que eu num vou morar nessa casa não. Num vou ter esse gosto não. Me acho muito doente e tal...
E de fato ele não morou nessa casa...³¹⁴

Outro que presenciou a fragilidade do beato em seus últimos dias foi o sr. Eleutério, inclusive José Lourenço pediu a ele para que não falasse a ninguém sobre seu estado de saúde, mas Eleutério decidiu não se calar diante daquela situação e logo procurou o seu compadre Moisés para contar a este o que estava acontecendo. Foi quando resolveram trazer um médico até a fazenda para cuidar dele. Relatando esse momento tão doloroso Eleutério diz:

Fui conversar com Dr. Mozart Alencar, contei a situação, eu e compade Moisés levamo o Dr. Pra vê meu padim, ele tava com uma febre muito alta, o dotôr Mozart examinou e, conversando, disse assim: Zé Lourenço, me diga o que você sente. Ele olhou e disse: dotôr Mozart, Zé Lourenço, já cumpriu

³¹² RAMOS, Francisco, Op. cit., p.176.

³¹³ LIMA, Maria L, Op. cit., p. 102.

³¹⁴ RAMOS, Francisco, Op. cit., p.179.

com o que vei fazer na terra, vô tranquilo me encontrar com os inocente que morrero no Calderão, nessa hora, a emoção tomou conta de todo mundo, porque meu padim era tão calmo que tocava demais a gente, e sempre com o rosário na mão, o povo era rezando sempre. Dr. Mozart disse: Zé Lourenço, você é um homem forte, tenha fé; e ele respondeu, eu tenho fé, e ficou calado.³¹⁵

José Lourenço chegou a apresentar melhoras com os medicamentos recebidos, mas no dia 10 de fevereiro sofre uma alteração que lhe fez piorar muito; o povo ficou agoniado, pois não sabia o que fazer e dois dias depois morria o beato.³¹⁶ A tristeza tomou conta de toda a irmandade e do povo daquela região. Um remanescente chegou a dizer que foi um “dia de juízo”.³¹⁷ Luitgarde conta que seus adeptos atravessaram a serra carregando seu corpo, por uma distância de treze léguas. Caminharam durante toda a noite e ao raiar do dia velaram seu corpo na cidade de Juazeiro.³¹⁸ Os romeiros queriam que fosse realizada uma missa de corpo presente na Capela do Socorro, mas não tiveram autorização. Quando se dirigiram, com esse objetivo, ao vigário (Mons. Joviano Barreto), receberam a seguinte resposta: “*Eu não celebro missa para bandido!*”³¹⁹ Segundo Veralúcia Maia o enterro saiu da Capela sob forte chuva, o que não impediu um grande acompanhamento.³²⁰

Figura 15- Seguidores do beato José Lourenço levando seu corpo de Exu, PE para Juazeiro, CE. Caminhada de 80 km.



Imagem Retirada de: <<https://www.facebook.com/Cariri-das-Antigas-531448996971779/?fref=ts>> acesso em 20/12/2015.

³¹⁵ LIMA, Maria L, Op. cit., pp. 108,109.

³¹⁶ Ibidem, 109.

³¹⁷ Documentário - OS CEARENSES - Beato José Lourenço. Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=v3sVsosLJgM>> acesso em 25/02/2016.

³¹⁸ BARROS, Luitgarde, Op. cit., pp.303,304.

³¹⁹ RAMOS, Francisco, Op. cit., p.181.

³²⁰ MAIA, Veralúcia, Op. cit., p.48.

O beato foi enterrado no cemitério do Socorro ao lado da igreja onde se encontra o túmulo do padre Cícero, de quem foi discípulo. Segundo o sr. Eleutério este terreno no cemitério foi comprado na época por 400 cruzeiro e a escritura foi assinada por Zé Machado, no dia 14 de junho de 1946.³²¹

O sr. Eleutério diz que entregou a responsabilidade de cuidar do túmulo e trocar as velas a seu Henrique, uma pessoa de confiança dele e quem cuidou do túmulo até morrer.³²² O túmulo do beato José Lourenço tornou-se um lugar de peregrinações dos romeiros. No dia da Santa Cruz, e no dia de finados, a romaria ao padre Cícero se reparte em direção à pequena capela onde se encontram os restos mortais do beato José Lourenço. No local se veem homens e mulheres ajoelhados ou prostrados em contritas orações ao seu santo.³²³

A irmandade não deu continuidade ao trabalho na fazenda União, pois a morte de José Lourenço trouxe um desânimo muito grande para todos. Eles acabam vendendo a fazenda União pouco tempo depois. Segundo Régis Lopes com o dinheiro adquirido eles compraram um túmulo onde colocaram as três imagens da Alemanha e alguns retratos. Compraram também pequenas casas em Juazeiro.³²⁴

Hoje, o trabalho que foi realizado pelas mãos do beato José Lourenço e sua gente, tem o reconhecimento que não teve ao seu tempo. Segundo Sávio Cordeiro: “No seu túmulo, uma placa elaborada pelo Instituto José Marrocos de Pesquisas Sócio Culturais – IPESC e assinada em conjunto com a Câmara Municipal e Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte e pelo Instituto Vale do Cariri anuncia”.³²⁵

Jazigo do Beato José Lourenço, falecido em 12 de fevereiro de 1946, aos 74 anos de idade. Grande vulto da história de Juazeiro do Norte e do Cariri. Construtor da comunidade igualitária do Caldeirão, uma das mais positivas experiências sociais já realizadas no Brasil e condutor de um povo que, unido no mais fraterno cooperativismo, seguindo os conselhos do Padre Cícero, fez do trabalho coletivo uma lição de vida forjada na oração. Aqui seus restos mortais repousam à espera da graça de Deus sob o reconhecimento e admiração dos seus diletos seguidores e da comunidade juazeirense...³²⁶

Essa é uma merecida e considerável homenagem a José Lourenço e seu povo, pois esses lugares são de extrema importância para a preservação da memória, uma vez que

³²¹ LIMA, Maria L, Op. cit., p.109.

³²² Ibidem, p.110.

³²³ BARROS, Luitgarde, Op. cit., p.305.

³²⁴ RAMOS, Francisco, Op. cit., p.181.

³²⁵ CORDEIRO, Domingos, Op. cit., p.53.

³²⁶ Ibidem, p.54.

acabam estimulando o imaginário do povo na reconstrução dos acontecimentos passados. Pierre Nora³²⁷ falando a respeito dos *lugares de memória* diz:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, **pronunciar elogios fúnebres, notariar atas**, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria.³²⁸
(grifos meus)

Também contribuíram neste sentido as leis de nº13.234 de 03 de julho de 2002, decretada pela Assembleia Legislativa e sancionada no governo de Benedito Clayton Veras Alcântara – governador do Ceará – que criou o dia estadual -10 de setembro - em memória da comunidade do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto³²⁹ e a lei nº 13.457 de 26 de abril de 2004, decretada pelo mesmo órgão e sancionada no governo de Lúcio Gonçalo de Alcântara – governador do Ceará - que concedeu a José Lourenço o título honorário de cidadão cearense (in memoriam).³³⁰

Acredito que os reconhecimentos citados, ainda que tardios, são atitudes louváveis e certamente contribuirão de forma significativa para a preservação da memória do beato José Lourenço e a irmandade do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto.

4.3 A situação dos remanescentes com o fim da experiência

Não houve, como vimos, por parte da irmandade nenhum interesse em dar continuidade ao trabalho iniciado por José Lourenço na fazenda União. O povo que havia se reunido com ele durante esses últimos anos que antecederam sua morte, não encontrou forças suficientes para continuar a jornada sem contar mais com a presença tão inspiradora do seu

³²⁷ Historiador francês nascido em Paris em 17 de novembro de 1931. Pierre Nora é considerado uma referência entre os historiadores da atualidade, principalmente pelos trabalhos relacionados à identidade francesa e à memória.

³²⁸ NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Projeto História; Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo, n.10, dez. 1993.

³²⁹ Em 04 de julho de 2002 foi publicado na edição nº 124 do Diário Oficial do Estado do Ceará, a Lei nº 13.234, de 03.07.2002, de autoria do então Deputado Estadual Artur Bruno que instituiu o Dia Estadual em memória da Comunidade do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto (1926 -1936). Retirado de: <<https://www.facebook.com/CaldeiraoVivo>> acesso em 08/11/2016.

³³⁰ Em 03 de Maio de 2004 o Diário Oficial do Estado do Ceará (nº 81) divulgou a Lei nº 13.457, de 26.04.04, de autoria da então Deputada Íris Tavares. O intuito do projeto de lei foi reabilitar a imagem de um dos personagens mais importantes da história do Ceará. Retirado de: <<https://www.facebook.com/CaldeiraoVivo>> acesso em 08/11/2016.

líder maior. Depois da venda da fazenda, os remanescentes acabaram se espalhando por vários lugares. Segundo o testemunho de seu Moisés Alves:

...uma parte ficou na serra do Araripe, na casa de parentes, outros em casas de amigos, outros, que moravam perto do sítio União, ficaram lá... e outra parte veio para o Juazeiro, teve uns que foram pra terra do Major Botelho, lá na mata quiri, outros com madrinha Inácia...ficou Angélica, Benedita e Romana e outros...aí ficou Silva, o povo dos Simão.³³¹

Luitgarde diz que os seguidores de José Lourenço se espalharam pelo Nordeste, sempre em grupos que mantêm até hoje uma união muito forte. Tratam-se por irmãos e identificam os elementos solidários como “*da nossa irmandade*”³³². E mais, segundo ela, respondem às entrevistas em combinação uns com os outros, evasivos nas passagens mais perigosas. Por terem sofrido muitas perseguições não gostam de falar com estranhos sobre o Caldeirão.³³³

Sobre os seguidores do beato, com o fim da experiência, Maria Lourêto afirma:

A cidade de Juazeiro passou a conviver com os remanescentes do Caldeirão, e meu pai Eleutério Tavares passou a se dedicar ao bem-estar daquelas pessoas, alojava um, alojava outro e os frequentava com assiduidade sempre temente a Deus, sem esquecer as orientações do Beato Zé Lourenço.³³⁴

Acredito que essa união entre os remanescentes torna-se bastante significativa no tempo presente, pois a memória do beato José Lourenço não foi sepultada e continua viva entre eles, o que certamente alimentará suas esperanças de realmente poderem continuar vivendo, pelo menos entre eles, de forma fraterna e solidária, ou seja, mesmo que em menor proporção ainda é possível pôr em prática a essência dos ensinamentos e das experiências que tiveram no passado.

³³¹ LIMA, Maria L, Op. cit., p.110.

³³² BARROS, Luitgarde, Op. cit., p.169.

³³³ Loc. cit.

³³⁴ LIMA, Maria L, Op. cit., p.110.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando iniciei esse estudo sobre a irmandade do sítio Caldeirão, liderada por José Lourenço, percebi que seria necessário um conhecimento mais aprofundado sobre o mundo dos beatos. Foi então que me deparei com a extraordinária figura do Padre Mestre Ibiapina e o trabalho realizado por ele no Nordeste brasileiro, na segunda metade do século XIX. Para este padre, ser católico ia muito além das observâncias rituais, pois pensava em dar melhores condições de vida ao povo nordestino, soube valorizar as camadas populares e a cultura sertaneja. Foi a partir de então que se pôde inseri-los no trabalho social. Esta inserção dos mais necessitados no trabalho social descortina um novo horizonte para o homem sertanejo. Num mundo de escravidão e preconceitos, o padre Ibiapina demonstra com suas ações que o trabalho é honroso e dignifica o homem. O sertanejo atendeu a seu chamado, envolveu-se completamente e em pouco tempo contemplou os resultados. Foram casas de caridade, açudes, hospitais, capelas, cemitérios etc.

Diante dessa nova realidade, Ibiapina percebeu a importância de estabelecer homens e mulheres de sua confiança com responsabilidades sobre as obras construídas nos lugares por onde passava. Foi quando criou a “Irmandade dos Beatos”. Entendo que o Padre Ibiapina seja realmente a figura matricial desse catolicismo popular, e mais, mesmo depois de sua morte, seus ensinamentos continuaram presentes no cotidiano dos beatos que desfrutaram da sua companhia, e porque não dizer também na vida dos sertanejos que atenderam ao seu chamado. O padre Cícero, um dos maiores evangelizadores do Nordeste brasileiro, que também foi influenciado pelos ensinamentos de Ibiapina, veio a ser o grande mestre do beato José Lourenço, líder da Irmandade do Caldeirão. Acredito que a decisão de iniciar essa pesquisa partindo do Padre Mestre Ibiapina e sua obra missionária no sertão nordestino foi uma escolha acertada, pois tornou-se fundamental para uma melhor compreensão da religiosidade prática, tão presente no mundo dos beatos.

No início dessa pesquisa procurei traçar alguns objetivos que nortearam minhas leituras e elucidaram muitas questões relacionadas ao beato José Lourenço e à Irmandade do Caldeirão, entre eles: verificar as fontes primárias da década de trinta (Jornais do Ceará, de Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro) e fazer uma comparação com os relatos dos remanescentes da comunidade do Caldeirão. Foram estas comparações que me possibilitaram uma melhor interpretação dos fatos que ali ocorreram, uma vez que as fontes foram confrontadas com tudo aquilo que estava presente na memória dos remanescentes. É certo

que, diferentemente da história objetiva, a história contada pelos remanescentes na maioria das vezes vem carregada de vários significados e por este motivo também procurei comparar os relatos entre eles, ou seja, ouvir a mesma história e encontrar pontos de contato sobre os acontecimentos que julguei serem de maior importância para a pesquisa. Acredito que os objetivos iniciais e suas metas foram alcançados, pois o material trabalhado possibilitou uma visão bem mais ampla dos acontecimentos, inclusive viabilizando novas investigações.

Para melhor compreensão dos acontecimentos que envolveram a vida do beato José Lourenço e a irmandade do sítio Caldeirão, elenco algumas hipóteses que penso terem ajudado a esclarecer questões relacionadas àquela época, como por exemplo: a religiosidade do povo, o pensamento da igreja oficial, a política daquele período e as questões econômicas e sociais da região. Essa aproximação histórica também me permitiu compreender melhor a ideologia presente nas classes dominantes, principalmente durante os anos em que se desenrolaram os acontecimentos finais, ou seja, aqueles que culminaram com a destruição do sítio e a perseguição aos remanescentes.

Ao todo trabalhei com quatro hipóteses nessa pesquisa, as duas primeiras estão relacionadas ao ajuntamento das centenas de pessoas em torno do beato José Lourenço, pois procurei entender através das fontes a que tive acesso, o porquê do ajuntamento em torno de um homem tão simples como foi esse beato. José Lourenço, segundo as informações que chegaram até nós, além de ser filho de escravos alforriados, era também um homem iletrado. As duas seguintes estão associadas à interrupção das atividades do sítio Caldeirão em 1936 e a violência posterior aplicada na repressão aos remanescentes, pois as perseguições se estenderam até 1937, culminando com a trágica chacina da Mata dos Cavalos, na Serra do Araripe.

Sobre a primeira hipótese, concluo que a religiosidade popular do Nordeste brasileiro nas primeiras décadas do século XX contribuiu de forma significativa para o ajuntamento de centenas de pessoas em torno do beato José Lourenço.

Conforme já dissemos, o catolicismo popular praticado no Nordeste brasileiro, tem na pessoa do padre Mestre Ibiapina sua fonte de inspiração. Ibiapina através do seu trabalho itinerante construindo casas de caridade e acolhendo o povo que já estava esquecido até mesmo pela religião, despertou no nordestino um sentimento de estar incluído nessa relação com Deus, pois sentia-se bem distante do modelo pouco prático apresentado pela Igreja oficial. O ensino católico e a presença dos padres eram escassos no meio da população carente e empobrecida. Sendo assim, a presença de homens como padre Ibiapina, padre Cícero, e os beatos com suas atenções voltadas especialmente para os mais necessitados, começaram a

atrair os nordestinos que enxergavam neles a figura libertadora de que necessitavam para tentar construir um mundo melhor, ou seja, de acordo com o que imaginavam ser a vida do homem segundo os padrões de Deus. Neste caso, o beato José Lourenço tornou-se um libertador daquelas opressões.

Mas existia também a questão da necessidade provocada pelas condições políticas, sociais e econômicas da época. Não podemos deixar de pensar que uma pessoa, em face de suas dificuldades, poderia buscar refúgio no sítio administrado pelo beato, mesmo não sendo religiosa. Algumas famílias fugiam desesperadas da seca de 1932 e foram acolhidas no sítio pelo beato, que não levava em conta a crença pessoal de ninguém, mas acolhia de igual forma a todos que buscavam socorro. Essa hipótese me levou a trabalhar com a questão das secas, tanto a de 1915, quando o beato ainda estava em Baixa Danta, quanto a de 1932, período em que a população do sítio Caldeirão aumentou de forma considerável.

Minha segunda hipótese para esse ajuntamento em torno da figura de José Lourenço é que foram as próprias condições climáticas do Nordeste brasileiro na primeira metade do século XX que levaram a esse agrupamento. As secas foram devastadoras e afetaram profundamente a economia dos estados do Nordeste. É provável que estas secas nos sertões nordestinos acabassem por contribuir para que muitas pessoas migrassem para lugares onde pudessem não somente sobreviver, mas também reconstruir suas vidas, pois o beato José Lourenço sempre acolhia os flagelados, alimentando-os e oferecendo-lhes trabalho, como vimos.

Mas o que dizer de pessoas que eram abastadas, donas de propriedades agrícolas e que venderam tudo para viver no sítio debaixo da administração de José Lourenço? Na pesquisa cito um caso desses. Certamente existia alguma outra possibilidade que ia além das secas e que estava atraindo os nordestinos para o sítio. No caso mencionado, o que atraiu a família foi a crença na pregação de um missionário do beato, Severino Tavares.

Diante disso, podemos entender que a religiosidade popular somada às condições climáticas em que se encontrava o Nordeste brasileiro nas primeiras décadas do século XX, contribuíram consideravelmente para o ajuntamento desses sertanejos em torno do beato José Lourenço. Acredito que a questão religiosa perpassa as lutas do povo sofrido do Nordeste contra as mazelas da vida, assim como da resistência desses contra as opressões infligidas por seus dominadores. O beato Lourenço tornou-se para os sertanejos a figura que transmitia a imagem do Deus dos excluídos, que está do lado dos que trabalham de sol a sol, dos indefesos, dos oprimidos e dos que sofrem as injustiças desse mundo. Também revela diante dos poderosos como é possível construir uma sociedade alternativa e experimentar uma vida

mais humana e mais honrada, ainda aqui nesse mundo, independente de condição financeira e profissão de fé.

Além do ajuntamento em torno do beato, procuro, ao longo desta pesquisa, compreender o real motivo pelo qual as autoridades do Ceará decidiram unanimemente pela interrupção das atividades no sítio Caldeirão em 1936, e mais, verificar, através das fontes disponíveis o provável motivo das perseguições aos remanescentes. Para melhor entendimento sobre esta violência cometida contra a irmandade do sítio, formulei então minhas duas últimas hipóteses, que levantam questões relevantes para a pesquisa: a primeira diz respeito ao incômodo que este ajuntamento trouxe para as elites, não somente na região do Crato, mas como em todo o Estado do Ceará. Acredito que o sítio Caldeirão foi destruído porque, mesmo de forma não tão clara, acabou entrando em conflito com as classes dominantes e o sistema capitalista, pois a irmandade e sua experiência, passou a ameaçar os poderes das elites.

Entre os poderes dominantes estão os dos coronéis que começaram a perder a mão de obra barata, uma vez que as pessoas preferiam migrar para o sítio e dividir os bens que produziam na irmandade do que serem explorados nas fazendas, onde trabalhavam num regime de semiescravidão. Também a hierarquia da Igreja percebeu o crescimento da popularidade do beato José Lourenço, um leigo que oferecia uma visão de mundo que contrastava com a ideologia pregada pelos padres. Além do mais, as terras do Caldeirão pertenciam aos salesianos, isto pelo testamento deixado pelo padre Cícero, de 1923. Logo após a morte do sacerdote no ano de 1934, começou uma movimentação dos padres salesianos para tomar posse daquele lugar que lhes pertencia pelo documento deixado. Ainda temos na década de 30 outra questão que merece destaque, o fato de que o governo do Ceará no ano de 1932 se viu incapacitado para lidar com a questão das secas e tentou a todo custo evitar que a população faminta chegasse à capital. A iniciativa foi a construção dos “*campos de concentração*” ou “*currais do governo*”, o que não evitou a morte de milhares de pessoas. No mesmo ano, conforme demonstrei pela pesquisa, o beato com sua boa administração do sítio, acolheu centenas de flagelados e ainda forneceu víveres para quem necessitava, ou seja, diante das secas ele acabou por revelar a incompetência do Estado. O sítio Caldeirão passou a ameaçar os poderes das elites, pois o que observamos no decorrer dos anos 30 foi um alinhamento desses poderes – Coronéis, Igreja e Estado - com a clara intenção de desapropriar a irmandade.

Por fim quero considerar minha última hipótese para a destruição do sítio Caldeirão. Penso que a chamada “*ameaça comunista*”, depois do levante no Rio Grande do Norte, em

novembro de 1935, que teve a participação de populares, serviu de base para que as autoridades legitimassem a destruição do sítio pelas tropas do governo. Depois de examinar alguns documentos da época tive a convicção de que o comunismo, mesmo que desarticulado e sem oferecer perigo algum para o país, foi usado pelo governo para justificar suas ações. O recenseamento feito pelo tenente Góes de Barros e citado nessa pesquisa, revela que a população do sítio Caldeirão era constituída majoritariamente por pessoas vindas do Rio Grande do Norte, 75% contra 5% do Ceará, o restante entre moradores com origem em outros estados. Durante a pesquisa verifiquei que era real a presença maciça de moradores naturais do Rio Grande do Norte, o que é verdade, mas a disparidade dos números apresentados não é confiável, pois o próprio documento, em outras partes, revela a clara intenção de ligar a irmandade ao comunismo. De qualquer forma, podemos admitir que a contagem divulgada por Góes de Barros tenha sido uma arma poderosa nas mãos das autoridades da época para que, em nome da “segurança nacional, do progresso e do bem-estar”, pudessem tomar medidas mais drásticas e implacáveis contra os beatos, pois estas “protegeriam o Brasil das destrutivas atividades do comunismo russo”, conforme dizia o presidente Getúlio Vargas. Acredito que todas as hipóteses trabalhadas durante este estudo foram comprovadas, pois ofereceram respostas pertinentes sobre as relações conturbadas entre as classes dominantes e as dominadas.

A intenção dessa pesquisa foi contribuir para ampliação dos estudos sobre a religiosidade e os movimentos populares no Nordeste brasileiro, pois ainda se percebe certa carência de informações, principalmente sobre os movimentos organizados pelas classes dominadas e que foram suprimidos por violentas intervenções do governo. Acredito que as pesquisas sobre os movimentos sociais sempre trazem à tona questões de suma importância para o debate atual, principalmente sobre as contradições sociais e econômicas sempre bem acentuadas em nosso país. O sítio Caldeirão e sua comunidade podem oferecer para nós, hoje, importantes reflexões, inclusive sobre temas relacionados ao futuro, como por exemplo, a preservação ambiental e a importância da convivência entre nós de forma mais justa e fraterna. Infelizmente José Lourenço e sua gente foram considerados um entrave para o progresso, pois segundo as autoridades o “fanatismo” praticado na irmandade era contrário à unidade nacional e deveria ficar no passado para não prejudicar o desenvolvimento do país. Hoje, passados mais de oitenta anos, percebemos o quanto o beato e a irmandade foram injustiçados. O Caldeirão acabou sendo destruído arbitrariamente, e isto porque expôs os poderes das autoridades de uma sociedade totalmente hierarquizada, que não enxergaram na

simplicidade de José Lourenço, um homem do campo, virtudes que hoje desejamos muito para uma vida mais digna, solidária e verdadeira.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Luís Cláudio. *Caldeirão*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1982.

AQUINO, Rubim Santos Leão de [et al.]. *Sociedade Brasileira: uma história através dos movimentos sociais: da crise do escravismo ao apogeu do neoliberalismo*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

BARROS, J.G. de Campos. “A Ordem dos Penitentes”. Fortaleza-Ceará. Imprensa Oficial, 1937. Cópia do relatório original, feita por Alba Frota ao seu amigo Ralph Della Cava, Fortaleza, 24 de outubro de 1964. Disponível em: University of Florida Digital Collections. Site: <<http://ufdc.ufl.edu/UF00082307/00001>>

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *A derradeira gesta: Lampião e Nazarenos guerreando no sertão*. 2ª edição: revista e ampliada. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.

_____. *A terra da mãe de Deus*. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Brasília: INL, 1988.

_____. (Organizadora). *Padre Cícero Romão Batista e os fatos de Joazeiro. Autonomia Político-Administrativa*. Editora: SENAC, 2012.

BOFF, Leonardo. *Teologia do cativo e da libertação*. Editora Vozes Ltda. Petrópolis, RJ, 1980.

BORON, Atilio, AMADO, Javer e GONZÁLES, Sabrina, (orgs.) *A teoria marxista hoje: Problemas e perspectivas*. São Paulo: CLACSO/Expressão Popular, 2007.

BRAGA, Renato. *Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará*. Fortaleza. Imprensa Universitária do Ceará, 1967.

BRITO, Enio José da Costa e TENÓRIO, Waldecy. *Milenarismos e messianismo ontem e hoje*. São Paulo: Loyola, 2001, versão digital.

CAMURÇA, Marcelo. *Marretas, molambudos e rabelistas: a revolta de 1914 no Juazeiro*. Maltese, 1994.

COMBLIN, Joseph Jules. *Padre Ibiapina*. São Paulo: Paulus, 2011.

CORDEIRO, Domingos Sávio. *Um Beato Líder - Narrativas Memoráveis do Caldeirão*. Editora Kelps, Goiânia, Goiás, 2013.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões (Campanha de Canudos)*. São Paulo. Editora Martin Claret, 2012.

DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Tradução: Maria Yeda Linhares. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos: gênese e lutas*. 5ª edição. Rio de Janeiro. Editora: Civilização Brasileira, 1978.

FARIAS, Airton de. *História do Ceará*. 7ª ed. rev. Ampl. Fortaleza. Armazém da Cultura, 2015, versão Kindle.

FERNANDES, Florestan. *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*. Volume 1. 5ª ed. São Paulo: Globo, 2008.

FERREIRA, Jorge & Lucilia de Almeida Neves Delgado (org.). *O Brasil Republicano Livro I- o tempo do nacional-estatismo*. Rio de Janeiro. Civilização brasileira, 2013.

_____. *O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Volume 2. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

FIGUEIREDO, José Alves de. *O beato José Lourenço e sua ação no cariri*. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

FIGUEREDO, Luciano (org.). *História do Brasil para ocupados: os mais importantes historiadores apresentam de um jeito original os episódios decisivos e os personagens fascinantes que fizeram o nosso país*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

FORMAN, Shepard. *Camponeses: sua participação no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, versão digital.

FORTI, Maria do Carmo Pagan. *Maria do Juazeiro: a beata do milagre*. São Paulo: Annablume editora, 1999.

_____. *Maria do Juazeiro: a beata do milagre. história da beata a partir de xilogravuras*. São Paulo: Annablume editora, 2000.

GALLIANO, A Guilherme. *Introdução à sociologia*. São Paulo. Editora Harbra Ltda, 1981.

GALVÃO FILHO, Francisco. *Do coronelismo ao Caldeirão*. Fortaleza: ABC Editora, 2007.

GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 6ª edição. Edições Loyola. São Paulo, 1997.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação*. Tradução: Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva e Marcos Marcionilo. Edições Loyola. São Paulo, 2000.

HISTÓRIA GERAL DO BRASIL. Maria Yeda Linhares (Organizadora). 9ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 1990.

HOORNAERT, Eduardo. *Origens do cristianismo - uma leitura crítica*. Brasília, DF: Editora Ser, 2006.

JAEGER, Werner. *Cristianismo primitivo e Paideia grega*. Tradução: Daniel da Costa. Santo André (SP): Academia Cristã, 2014.

JUSTIÇA E PROFECIA A SERVIÇO DA VIDA. 13º Intereclesial de CEBs. CEBs, Romeiras do Reino no Campo e na Cidade. Editora CEBs, 2014.

KAUTSKY, Kart. *A origem do cristianismo*. Tradução: Luiz Alberto Moniz Bandeira. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2010.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 3.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

LEMOS, Maria Tereza Toríbio (organizadora). *Religião, violência e exclusão* – Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

LEVINE, Robert M. *O Regime de Vargas, 1934-1938: os anos críticos*. Tradução: Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. *O sertão prometido: o massacre de Canudos*. Tradução: Mônica Dantas. São Paulo: Edusp, 1995.

LIMA, Maria Lourêto de. *José Lourenço, o Beato perseguido: uma história real*. 1.ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2013.

LOURENÇO FILHO, Manoel Bergström. *Juazeiro do Padre Cícero* (obra premiada pela Academia Brasileira de Letras em 1927) 4. ed. Brasília: MEC/Inep, 2002. Livro Digital. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/me0000322.pdf>> acesso em 25/10/2016.

LÖWY, Michael. *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista*. 10 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

LUCIANI, Rafael. *Retornar a Jesus de Nazaré: Conhecer Deus e o ser humano através da vida de Jesus*. Tradução: Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LUGON, Clovis. *A República “comunista” cristã dos guaranis: 1610-1768*. Tradução: Álvaro Cabral. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

LUXEMBURGO, Rosa. *O socialismo e as igrejas: o comunismo dos primeiros cristãos*. 1ª ed. São Paulo: Edições ISKRA, 2015.

MACEDO, Nertan. *O padre e a beata*. Rio de Janeiro. Editora Cruzeiro, 1961.

MAIA, Vera Lúcia G. de Matos. *José Lourenço: o beato camponês da comunidade do Caldeirão*. São Paulo. Editora: Paulinas, 1992.

MELLO, Frederico Pernambucano de. *Benjamim Abrahão: entre anjos e cangaceiros*. São Paulo: Escrituras Editora, 2012.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os Errantes do Novo Século: Um Estudo sobre o Surto Milenarista do Contestado*. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2011.

MONTENEGRO, Abelardo F. *Fanáticos e Cangaceiros*. Gildácio Sá (Organizador). Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.

MUSUMECCI, Leonarda (org.). *Antes do fim do mundo: milenarismos e messianismos no Brasil e na Argentina*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

NARBER, Gregg. *Entre a cruz e a espada: violência e misticismo no Brasil rural*. Tradutores: Paulo Roberto Leite Salgado e Eduardo Soares de Freitas. 1ª ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2003.

NETO, Lira. *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *Getúlio: Do Governo provisório à ditadura do Estado Novo (1930-1945)*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

NEUTZLING, Inácio, S.L. *O Reino de Deus e os Pobres*. Edições Loyola. São Paulo, 1986.

NÓBREGA, Fernando Maia. “Capitão José Gonçalves Bezerra”. 2011. Artigo disponível em: <<http://lampiaoaceso.blogspot.com.br/2011/08/capitao-jose-goncalves-bezerra.html>> acesso em 25/10/2016.

_____. “Dr. Floro Bartolomeu da Costa”. Disponível em: <<http://historiadejuazeiro.blogspot.com.br/2015/04/dr-floro-bartolomeu-da-costa-fernando.html>> acesso em 11/01/2017.

OLIVEIRA, Aberto Rodrigues de. *Da fé ao compromisso social: a atividade missionária do Padre Ibiapina*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Mestrado em Ciências da Religião, 2007. Retirado de: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp098141.pdf>> acesso em 05/12/2016.

OLIVEIRA, Xavier de. *Beatos e Cangaceiros: História real, observação pessoal e impressão psicológica de alguns dos mais célebres cangaceiros do Nordeste*. Rio de Janeiro, 1920. Disponível em: University of Florida Digital Collections. Site: <<http://ufdc.ufl.edu/UF00081163/00001/1j> PDF> acesso em 24/05/2017.

PACHECO, Aretha Ludmilla. *Caldeirão da Santa Cruz do Deserto: diálogos entre literatura, história e memória*. 1ª ed. Curitiba: editora Prismas, 2015.

PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. Tradução: Gentil Avelino Tilton.. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. *É bom ter fé: uma teologia da esperança*. Tradução: Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. Edições Loyola, São Paulo, 1998.

PEREIRA, João Baptista Borges & QUEIROZ, Renato da Silva (orgs.) *Messianismo e Milenarismo no Brasil*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

PRADO Jr, Caio. *História Econômica do Brasil*. 25ª ed. Editora Brasiliense. São Paulo, 1980.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo. Editora: EDUSP, 1965.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. *Messianismo e Conflito Social. (A Guerra Sertaneja do Contestado: 1912-1916)*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1968.

RAMOS, Francisco Regis Lopes. *Caldeirão*. Fortaleza: EDUECE, 1991.

_____. *O massacre do caldeirão: história oral do 11 de setembro de 1936*. Fortaleza: Escola Livre de História / Expressão Gráfica e Editora, 2016.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Global, 2015.

RIOS, Kênia Sousa. *Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na seca de 1932*. - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

RODRIGUES, José Normando. *Beato Zé Lourenço e o Boi Mansinho: literatura de cordel*. Brasília: Ensinamento Editora, 2010.

ROSSI, Luiz Alexandre S. *Messianismo e modernidade: repensando o messianismo a partir das vítimas*. São Paulo: Paulus, 2002.

ROSSI, Paolo. *O passado, a memória o esquecimento: seis ensaios da história das ideias*. Tradução: Nilson Moulin. São Paulo: Editora UNESPE, 2010.

RUDÉ, George. *A multidão na História. Estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848*. Editora Campus, 1991.

_____. *Ideologia e Protesto Popular*. Zahar Editores: RJ. 1982.

SALES, Maria José de. *Auto do Caldeirão: dos cavalheiros da Santa Cruz do Deserto e do Beato José Lourenço*. Juazeiro do Norte: HB Editora e Gráfica, 2ª Edição, 2004.

SAMPAIO, Wilson Correia & DAMASCENO, Maria Neide. *Antônio Conselheiro nos sertões de Euclides da Cunha: um enfoque gramsciano*. Maceió: EDUFAL, 2005.

SANTANA, Manoel Henrique de Melo. *Padre Cícero do Juazeiro: condenação e exclusão eclesial à reabilitação histórica*. Maceió: EDUFAL, 2009.

SANTOS, João Felício dos. *João Abade*. 3ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

SILVA, Lemuel Rodrigues da. *O discurso religioso no processo migratório para o Caldeirão do Beato José Lourenço*. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e artes. Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas. Natal, RN, 2009. 208f. Disponível em: http://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/13727/1/LemuelRS_TESE.pdf

SILVA, Selmo Nascimento da. "As contribuições de Luitgarde Cavalcanti Barros para os estudos do universo social e cultural do sertão nordestino". Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/blog/perspectivasociologica/edicoes-anteriores/jan-jul-2011-no-6-e-7/> > Acesso em 26/10/2016

SIPRIANO, Benedita França. *Vozes sociais e produção de sentidos: a representação do beato José Lourenço e do movimento Caldeirão na cobertura do jornal O Povo (1934-1938)* 2014. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2014.196f. Disponível em: <http://www.uece.br/posla/dmdocuments/Benedita_Sipriano.pdf> acesso em 10/02/2016.

SOUSA, Célia Camelo de; CARVALHO, Lêda Vasconcelos. *Caldeirão: saberes e práticas educacionais*. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

SOUZA, Claudia Moraes de & MACHADO, Ana Claudia. *Movimentos Sociais no Brasil Contemporâneo*. Edições Loyola, São Paulo, 1997.

SOUZA, Simone (coordenadora). *História do Ceará*. Fortaleza. Editora: Universidade Federal do Ceará/Fundação Demócrito Rocha, 1989.

STEGEMANN, Ekkehard W. & STEGEMANN, Wolfgang. *História do protocristianismo*. Tradução: Nélio Schneider. São Leopoldo, RS: Sinodal; São Paulo, SP: Paulus, 2004.

SUESS, Paulo Guenter. *O Catolicismo Popular no Brasil: Tipologia de Religiosidade Vivida*. Tradução: Antonio Steffen. São Paulo: Edições Loyola, 1979, versão digital.

TABRAJ, Marcelo Barzola. *A romanização da igreja católica no Brasil*. HISTEDBR – Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”. Anais do IV Seminário Nacional. Disponível em: <www.histedbr.fae.unicamp.br/acer.../trab051.rtf> acesso em 20/07/2017.

VIANNA, Marly de Almeida Gomes. *O município de Campina Grande 1840-1905: estrutura de distribuição de terras, economia e sociedade*. Campina Grande: EDUFCEG, 2013.

_____. *Revolucionários de 1935. Sonho e Realidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. 3ª edição, São Paulo: Expressão Popular, 2011.

VITA, Álvaro de. *Sociologia da sociedade brasileira*. 6ª edição. São Paulo. Editora Ática, 1986.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*, São Paulo: Brasiliense, 1987.

WALKER, Daniel. *Padre Cícero: A Sabedoria do Conselheiro do Sertão*. Projeto livro Livre – Livro 656. Editor Digital. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.projetolivrolivre.com/Padre%20Cicero%20%20A%20Sabedoria%20do%20Conselheiro%20do%20Sertao%20%20Daniel%20Walker%20%20Iba%20Mendes.pdf>> acesso em 24/06/2016.

JORNAIS

A Cruz – (01/09/1946); (02/08/1959).

A Noite – (19/10/1936); (27/01/1938); (31/01/1938); (13/02/1938); (20/03/1938).

A Notícia – (13/05/1937); (27/01/1938).

A Ordem – (12/05/1937); (14/05/1937); (29/01/1938).

A Razão – (10/04/1937); (16/05/1937).

Correio da Manhã – (22/08/1934); (18/09/1936); (16/05/1937); (25/01/1938); (28/06/1938).

Correio do Paraná – (15/01/1938).

Correio Paulistano – (24/08/1937).

Diário Carioca – (04/07/1937); (15/01/1938).

Diário da Noite – (09/06/1937); (14/01/1938).

Diário de Notícias – (25/08/1937); (15/01/1938); (19/01/1938).

Diário de Pernambuco – (30/12/1896).

Folha da Noite – (14/09/1936); (18/09/1936).

Folha de São Paulo – (06/05/1982); (22/02/1998).

Jornal do Brasil – (25/08/1937); (13/01/1938); (26/01/1938); (01/02//1981).

Jornal do Commercio – (13/06/1937).

O Dia (PR) – (25/08/1937).

O Estado (CE) – (11/04/1937); (13/04/1937); (14/04/1937); (15/04/1937).

O Estado (PR) – (26/01/1938).

O Estado (SC) – (19/09/1936).

O Globo – (15/09/1936).

O Nordeste – (13/05/1937).

O Povo – (07/06/1934); (02/03/1935); (30/09/1936); (11/11/1936); (11/05/1937); (12/05/1937); (18/05/1937); (19/05/1937); (19/05/1937); (20/05/1937); (21/05/1937); (21/08/1937); (03/09/1937); (29/11/1937); (13/01/1938); (14/01/1938); (24/01/1938); (25/01/1938); (24/04/1969); (05/06/1982); (07/06/1982); (11/08/1982); (23/12/1984).

O Radical – (13/05/1937); (13/01/1938); (25/05/1938).

REVISTAS

ALMEIDA, Maria Isabel Medeiros. *Memória e Esquecimento. As causas e consequências do artigo “O Beato José Lourenço e sua ação no Cariri”, de José Alves de Figueiredo. Revista Eletrônica de História Social da Cidade 5* www.pucsp.br/revistacordis. N.3-4 (2009/2010): Séries Urbanas: conflito e memória.

ALVES, Tarcísio Marcos. *CLIO - Revista de Pesquisa Histórica - Série História do Nordeste - n.15 (1994). Caldeirão dos Jesuítas 1925-1936*. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistaclio/index.php/revista/article/viewFile/816/664>> acesso em 12/04/2016.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcante. *Do Ceará, Três Santos do Nordeste, Revista Canudos*, Centro de Estudos Euclides da Cunha, v.1/1 1997, 37-54, pág. 50.

_____. *Memória, Linguagem e identidade. Memória hoje. Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas - Ano 02, número 03, 2003 - ISSN 1676-2924*.

_____. *Santuários, Peregrinações e Novas Modalidades de Concentrações Humanas nas Práticas Religiosas. Diálogos Latinoamericanos, Aarhus – Dinamarca, v. 2/2001, p. 147-154, 2001*.

DA SILVA, Judson Jorge & ALENCAR, Francisco Amaro Gomes de. *Do sonho à devastação, onde tudo se (re)constrói: Experiências e Memórias nas Lutas por Terra da Região do Cariri-CE. Revista NERA, Presidente Prudente, Ano 12, n. 14, pp. 125-141, jan/jun. 2009.* <http://www2.fct.unesp.br/nera/revistas/14/13_silva_alencar.pdf>. Acesso em: 23/02/2016.

FERNANDES, Cícera Amanda Guilherme. *A negação dos direitos fundamentais pelo Estado na destruição da comunidade do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto. Revista Direito & Dialogicidade - Crato, CE, vol.5 , n. 1, jan./jul. 2014. ISSN 2178-826X*. Disponível em: <<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/DirDialog/article/view/867/770> > PDF acesso em 04/08/2016.

GOMES, Antônio Máspoli de Araújo. *A destruição da terra sem males: o conflito religioso do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto. Revista USP, São Paulo, n. 82, p. 56 a 67, junho/agosto 2009.* Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13750/15568> > acesso em 05/08/2016.

GUIMARÃES, Alba Zaluar. ANPOCS BIB. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais. Os movimentos “messiânicos” brasileiros: uma leitura*. pp.141-157. Disponível em: <bib06_1.pdf > acesso em 14/05/2016.

HOORNAERT, Eduardo. “A devoção dos beatos negros”. *Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, Nº1/2 vol.18/19 1987/1988.* Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/ri/bitstream/riufc/10331/1/1987_art_ehoornaert.pdf > acesso em 10/11/2016.

LÖWY, Michael. *Marx e Engels como sociólogos da religião*. Lua Nova: *Revista de Cultura e Política*. Nº43. Sujeito e Objeto. São Paulo, 1998.

_____. Resenha de: KAUTSKY, Karl (trad. Luiz Alberto Moniz Bandeira). *A origem do cristianismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010, 559p. *Revista Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.31, 2010, p.159-161. Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/resenha2015_06_04_23_11_5395.pdf> acesso em 15/11/2016.

MENESES, Eduardo Diatahy B. de. *Pe. Ibiapina: figura matricial do catolicismo sertanejo no Nordeste do século XIX*. Em: <<http://www.institutodoceara.org.br/revista/Revapresentacao/RevPorAno/1998/1998>> acesso em 15/03/2016.

MOURA, Luiz Gomes de. *Caldeirão: um estilo diferente de educar*. *Revista Educação: teorias e práticas*. Universidade Católica de Pernambuco, Ano 1, nº 1, 2001. <http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/7637/7637.PDF> acesso em 07/09/2016.

NASCIMENTO, Raul Victor Rodrigues do. *Ataçaram as flamas do Caldeirão: um estudo sobre a questão da terra junto ao conflito do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto*. *Revista Historiar*, Vol. 07, N. 12, Ano 2015.1. p. 33-55. Disponível em: <<http://www.uvanet.br/historiar/index.php/1/article/viewFile/184/163>> acesso em 20/02/2016.

NASCIMENTO, Samuel Macedo & COLLING, Leandro. *Corpos dissidentes: O documentário da subversão no interior do nordeste brasileiro*. *Revista Observatório*, Palmas, v.2, n.3, p.28-42, mai-ago. 2016, ISSN nº 2447-4266 - DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2016v2n3p28>. Retiradode:<<http://revista.uft.edu.br/index.php/observatorio/article/viewFile/2394/8869>> acesso em 29/10/2016.

NETO, Faustino Teatino Cavalcante. *A Igreja Católica na Paraíba republicana: romanização e “males” a serem debatidos*. *Revista Paraibana de História*, ano I, n.1, pp. 8-19, 2º semestre de 2014. Disponível em: <periodicos.ufpb.br/index.php/rph/article/download/23810/13072> acesso em 20/08/2017.

NEVES, Frederico de Castro. ANPUH. *Revista Brasileira de História*. Representações. Volume 15 – Nº 29. Artigo: *Curral dos Bárbaros: os campos de concentração no Ceará (1915 e 1932)*. p.93-122. Ano:1995.

NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. Projeto História; *Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP*, São Paulo, n.10, dez. 1993.

POMPA, Cristina. *A construção do fim do mundo. Para uma releitura dos movimentos sócio-religiosos do Brasil “rústico”*. *Revista de Antropologia*. Vol. 41 n.1 São Paulo 1998 print version. ISSN 0034-7701. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011998000100006 Acesso em 10/06/2016.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *Objetos do Caldeirão*. Apud: *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 24, nº 48, 2011, p.366-384.

_____. *A Santa Cruz do Deserto: memórias do Caldeirão*. Projeto, História, São Paulo, 17 novembro, 1998. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11134/8165> pp. 361-380. Acesso em 05/08/2016.

RIOS, Kênia Sousa. *A cidade do sol à sombra do flagelo*. Artigo disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/10876/8065>. Acesso em 20/02/2016.

DOCUMENTÁRIOS e FILMES

Caminhos da Chapada do Araripe: Documentário: Caldeirão: de volta ao passado: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YRqXqeXFEjs>>

CARIRY, Rosemberg. *O Caldeirão de Santa Cruz do Deserto*. Fortaleza: Cariri Filmes: 1986.

Documentário da TV Assembleia do Ceará. 1 de 5 - Doc - Jose Lourenco: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=98WFhlxMjAg> >

_____. 2 de 5 - Doc - Jose Lourenco: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nFsklSj9Y8E> >

_____. 3 de 5 - Doc - Jose Lourenco: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iJYByrivZOA> >

_____. 4 de 5 - Doc - Jose Lourenco: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a_qPooUC_tg >

_____. 5 de 5 - Doc - Jose Lourenco: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ml-WM6bLb6M> >

JLS Comunicação e Editora LTDA. Sedição de Juazeiro (minissérie completa). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GvhBH7AL8nQ>>

OS CEARENSES - Beato José Lourenço: Documentário apresentado pela TV O POVO : Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=v3sVsosLJgM>>

SITES CONSULTADOS:

http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=330

<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,guerra-do-caldeirao-imp-,655599>

<http://blogdocrato.blogspot.com.br/2007/10/o-campo-de-concentrao-do-buriti.html>

<http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>

<http://carlos-geografia.blogspot.com.br/2016/01/a-grande-seca-do-nordeste.html>

<http://cearaemfotos.blogspot.com.br/2012/09/o-beato-jose-lourenco-e-sociedade-do.html>
acesso em 25/02/2016

<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/RABELO,%20Franco.pdf>

<http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/regional/missao-de-pe-ibiapina-no-cariri-faz-145-anos>

<http://educacao.uol.com.br/biografias/frei-caneca.jhtm>

<http://g1.globo.com/ceara/noticia/2015/03/cearenses-relembra-campos-de-concentrao>

<http://ihu.unisinos.br/noticias/545565-padre-ibiapina-o-teologo-da-libertacao-em-pleno-seculo-xix>

http://natalgeo.blogspot.com.br/2016_01_01_archive.htm

<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/revolta-de-juazeiro/revolta-de-juazeiro.php>

<http://pt.cyclopaedia.net/wiki/Beata-maria-de-araujo>

<http://reporterbrasil.org.br/2006/09/igualdade-e-auto-suficiencia/>

<http://tvbrasil.ebc.com.br>

<http://tokdehistoria.com.br/2012/12/05/seca-no-nordeste-por-que-somos-tao-pobres/>

<http://valdecyvalves.blogspot.com.br/2013/11/caminhada-da-seca-filha-bastarda-do.html>

<http://valdecyvalves.blogspot.com.br/2011/11/campos-de-concentrao-no-ceara.html>

<http://wiki.cancaonova.com/index.php/Salesianos>

<http://www.conexaojornalismo.com.br>

<http://www.estudopratico.com.br/carta-de-alforria>

<http://www.fundacaopadreibiapina.org.br/o-patrono.html>

<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/39638-santos-peregrinos-e-demonofobos-os-movimentos-messianicos-e-milenaristas-brasileiros-entrevista-especial-com-filipe-pinto-monteiro>

<http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/revolta-de-juazeiro/>

<http://www.institutojosejorgemaciel.org.br/>

<http://www.opovo.com.br/app/opovo/espiritualidade/2014/02/01/noticiasjornalespiritualidade>

<http://www.redebrasilatual.com.br/revistas/57/mais-crueis-que-a-seca>

<http://www.sohistoria.com.br/ef2/eravargas>

<http://www.sohistoria.com.br/ef2/eravargas/p4.php>

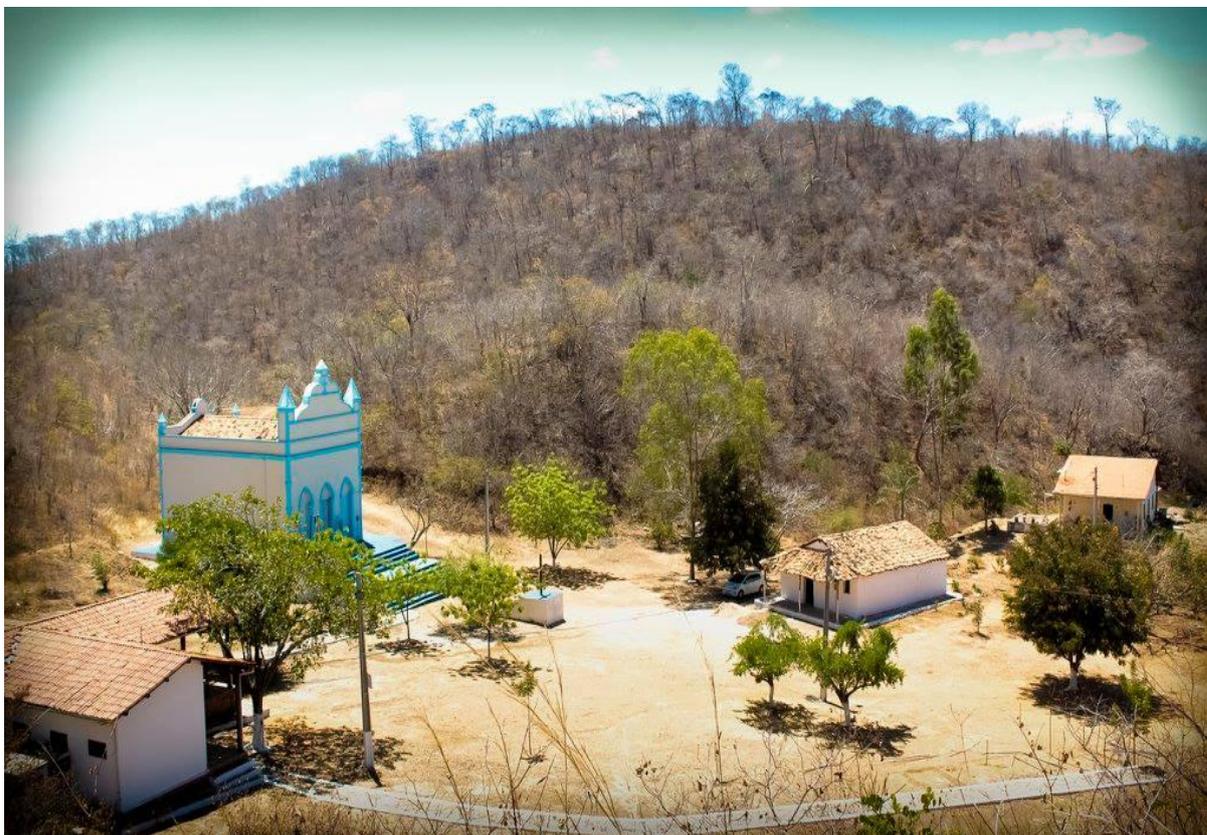
<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/nos-tempos-dos-comunas/236996>

<http://www.tribunauniao.com.br/noticias/ver/22633/Juazeiro+do+Norte>

http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/levante_potiguar_imprimir.html

ANEXOS

ANEXO 1



Vista panorâmica do sítio Caldeirão. Foto retirada do acervo *Projeto Caldeirão Vivo* <<https://www.facebook.com/CaldeiraoVivo/fotos>>.

ANEXO 2

Um dos caldeirões de pedra do sítio. Retirado de: <<http://eefparaiba.blogspot.com.br/2013/10/aula-de-campo-caldeirao-da-santa-cruz.html>> acesso em 08/04/2016.

ANEXO 3

Foto dos sobreviventes do sítio Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, no município do Crato. Retirado de: <http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste> em 08/04/2016.

ANEXO 4



O beato José Lourenço ao centro com seu “secretário” Isaiás a sua esquerda e o repórter Luiz Maia a direita. Retirado de: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/do-sitio-baixadantas-a-fazenda-caldeirao>> acesso em 08/04/2016.

ANEXO 5

Foto dos sobreviventes do sítio Caldeirão da Santa Cruz do Deserto. Imagem retirada de: < http://casadapartilhapa.blogspot.com.br/2013_08_01_archive.html > acesso em 11/11/2016.

ANEXO 6

Quarta Edição — 16,30 hs.

FOLHA DA NOITE

S. Paulo—Segunda-feira, 14 de Setembro de 1936

A policia de Fortaleza surpreende um agrupamento de fanaticos

Presume-se, porém, tratar-se de foragidos do movimento de novembro

FORTALEZA, 13 (H.) — Tendo chegado ao conhecimento da policia, desta Capital, que no lugar denominado **Caldeirão**, no Municipio de Crato, existia um agrupamento de **fanaticos**, chefiados pelo beato Lourenço, o capitão Cordeiro Netto, chefe de Policia desta Capital, seguiu para aquelle local acompanhado de um contingente policial. O agrupamento foi cercado sem resistencia tendo na occasião desaparecido o beato Lourenço. Cerca de 900 pessoas foram encontradas naquelle lugar e todas prestando obediencia ao beato que dispunha de varios secretarics e de 16 moças

que se dizem sob sua protecção. O chefe de policia telegraphou ao governador do Estado, dizendo ter apurado que, cerca de 80 0/0 dos **fanaticos**, são elementos vindos do Rio Grande do Norte, nestes ultimos mezes, presumindo tratar-se de foragidos do movimento de novembro ultimo.

O governo do Estado resolveu occupar militarmente aquella localidade e dispersar os **fanaticos**, mandando-os para os lugares de sua procedencia. O secretario e auxiliares do beato Lourenço, foram detidos para averiguações.



Matéria do jornal Folha da Noite do Estado de São Paulo em 14/09/1936. Imagem retirada do acervo Projeto Caldeirão Vivo [tps://www.facebook.com/CaldeiraoVivo/fotos](https://www.facebook.com/CaldeiraoVivo/fotos).

Quinta Edição -- 18,30 horas

VIOLENTOS COMBATES NO CEARÁ Em mãos do governo britânico a nota de Salamanca sobre a evacuação de Bilbão

Tem-se que assumam grandes proporções a rebelião dos seqüezos do "beato" José Lourenço -- A tragédia da morte do capitão Bezerra e de alguns de seus comandados

PORTALEZA, 12 (A. B.). -- O chefe da polícia, comunicou que logo no dia seguinte continuará juntamente com o capitão Bezerra...

Apesar de não se ter conhecido o resultado da operação, a rebelião...

Com o texto do documento não será divulgado em Londres...

Com o texto do documento não será divulgado em Londres...

CAUSOU GRANDES ESTRAGOS a explosão de hoje na ponte central de Dublin

Aberto inquerito sobre a ocorrência -- Acredita-se que a destruição da estatua de Jorge II haja sido provocada em represália à proibição de certas manifestações

DUBLIM, 12 (U. P.). -- Até o momento não se sabe a causa da explosão que destruiu a estatua de Jorge II localizada na ponte central de Dublin...

Aberto inquerito sobre a ocorrência -- Acredita-se que a destruição da estatua de Jorge II haja sido provocada em represália à proibição de certas manifestações

Aberto inquerito sobre a ocorrência -- Acredita-se que a destruição da estatua de Jorge II haja sido provocada em represália à proibição de certas manifestações

A tragédia de ontem num palacete da rua Appa

extermina a família e suicida-se em seguida -- Nada de mysterio no drama de ontem -- Declarações do dr. Duval de Villalva à "Folha da Noite"

Uma tragédia de ontem em Appa, extermina a família e suicida-se em seguida...

Uma tragédia de ontem em Appa, extermina a família e suicida-se em seguida...

Uma tragédia de ontem em Appa, extermina a família e suicida-se em seguida...

Agradecendo a homenagem que a Assembléa Legislativa prestou no anno passado a o Lyceu Coração de Jesus

Esta tarde, os alumnos daquele estabelecimento de ensino desfilarão perante os deputados paulistas

Esta tarde, os alumnos daquele estabelecimento de ensino desfilarão perante os deputados paulistas

Esta tarde, os alumnos daquele estabelecimento de ensino desfilarão perante os deputados paulistas

Esta tarde, os alumnos daquele estabelecimento de ensino desfilarão perante os deputados paulistas

Esta tarde, os alumnos daquele estabelecimento de ensino desfilarão perante os deputados paulistas

O sr. Baptista Luzardo em conferencia com o ministro da Guerra

Nada se apurou a respeito do encontro entre o general Gaspar Dutra e o procer gaúcho

RIO, 12 (da nossa sucursal) -- Pelo telegrapho -- O sr. Baptista Luzardo conferenciou hoje com o ministro da Guerra...

RIO, 12 (da nossa sucursal) -- Pelo telegrapho -- O sr. Baptista Luzardo conferenciou hoje com o ministro da Guerra...

O texto do documento não será divulgado em Londres...

A Frente Negra Brasileira comemora a data de hoje

Missa realizada na Igreja dos Remedios -- Romaria aos cemiterios da Conga e Araçá -- Os oradores -- Sessão solenne à noite, na sede central da Frente Negra Brasileira

Missa realizada na Igreja dos Remedios -- Romaria aos cemiterios da Conga e Araçá -- Os oradores -- Sessão solenne à noite, na sede central da Frente Negra Brasileira

Adunção do furto de uma caixa contendo sedas

Adunção do furto de uma caixa contendo sedas

GRAVISSIMO DESASTRE NAS PROXIMIDADES DE TIETE

GRAVISSIMO DESASTRE NAS PROXIMIDADES DE TIETE

NA ASSEMBLÉA LEGISLATIVA DO ESTADO

Homagem á data da libertação dos escravos -- Diversos oradores inscritos para falar -- Os ferroviários prepararam uma manifestação ao sr. Adhemar de Barros



Delegação retilhada durante o visita dos estudantes á Assembléa Legislativa...

ANEXO 8



Resistentes do sítio Caldeirão - Vítimas fatais do confronto com as forças policiais na Serra do Araripe em 1937. Retirado de: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/do-sitio-baixa-dantas-a-fazenda-caldeirao>> acesso em 08/04/2016.

ANEXO 9

Fanáticos do Caldeirão em Fortaleza

Interessantes Declarações feitas á Reportagem do O POVO

Como eles vêem o Beato Ze- lourenço.

O trem horário que á noite de ontem chegou á Central da Rede de Viação Cearense trouxe uma carga humana muito interessante para a reportagem dos jornais. Nada menos de vinte e nove fanáticos, entre homens e mulheres, todos adeptos do beato Ze-
lourenço, vieram presos de José de Sá, para, nesta capital, seguirem o destino que a polícia lhes der.

Aprisionados em suas próprias choupanas após os sangrentos sucessos da Serra do Araripe, os fanáticos, atirados num vagão da R.V.C., chegaram aqui escoltados por uma patrulha embalada, e foram conduzidos á Polícia Marítima, em cujo albergue se encotram.

A reportagem do O POVO procurou ouvi-los pela manhã de hoje.

Os homens negam peremptoriamente que sejam fanáticos.

Conversando com Valdevino Pereira dos Santos, indivíduo moreno, cego de um olho, de barba esquelada, roupa escura e preta, colhemos dele as seguintes declarações:

— «Foragido do Caldeirão, o «beato» quasi nunca aparecia nos «juntamentos». Foi ele quem deu dinheiro para nós

sairmos dali, e por isso o seguimos. Quando tinha de dar algum conselho, fazia-o por intermédio de Severino. Ze-
lourenço aparecia ora aqui, ora ali, de sorte que ninguém pudesse encontrá-lo.

— «A cerca da santidade do beato, não acredito nada. Sei apenas que é um homem como os outros, muito trabalhador e caridoso. Por isso, é muito querido».

— «Acho difícil á polícia prender José Lourenço, pois a terra em que ele anda é quasi desconhecida e mesmo pode estar fugido».

As declarações que nós fizemos os companheiros de Valdevino foram idênticas.

As mulheres, por serem menos experientes, manifestam-se e mais crentes no beato e o julgam um semi-deus, a quem é devida cega obediência.

Dentre elas destacam-se algumas de cor branca, pele rosca e assotada, vestidas, porém, habito preto, do qual se exhala um máo cheiro insuportável.

Conforme nos declarou anteriormente, o sr. chefe de polícia pretende fazer embarcar todos os fanáticos para suas terras de origem.

Matéria publicada em 21 de maio de 1937 pelo Jornal *O Povo* é um dos únicos registros no qual, os remanescentes do Caldeirão foram ouvidos pelos veículos de comunicação da época. Segue abaixo trecho transcrito:

Fanáticos do Caldeirão em Fortaleza

“... A reportagem do *O Povo*, procurou ouvi-los pela manhã de hoje. Os homens negam peremptoriamente que sejam fanáticos. Conversando com Valdevino Pereira dos Santos, indivíduo moreno, cego de um olho, de barba esquelada, roupa escura e preta, colhemos deles as seguintes declarações (...) “A cerca da santidade do beato, não acredito nada. Sei apenas que é um homem como os outros, muito trabalhador e caridoso. Por isso é muito querido”. (O Povo, maio de 1937) Foto retirada do acervo *Projeto Caldeirão Vivo* <https://www.facebook.com/CaldeiraoVivo/fotos>.

ANEXO 10



Membros da irmandade conduzem o corpo do beato José Lourenço para o sepultamento no cemitério do Socorro. Retirado de: <<http://www.portaldejuazeiro.com/2014/02/missa-do-beato-jose-lourenco.html>> acesso em 11/11/2016.

ANEXO 11

Editoração SEAD			
CEARÁ			
DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO			
Fortaleza, 04 de julho de 2002	SÉRIE 2 ANO V N° 124	Caderno Único	Preço: R\$ 1,30
PODER EXECUTIVO			
<p>LEI N°13.234, de 03 de julho de 2002.</p> <p style="text-align: center;">CRIA O DIA ESTADUAL EM MEMÓRIA DA COMUNIDADE DO CALDEIRÃO DE SANTA CRUZ DO DESERTO.</p> <p>O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ Faço saber que a Assembléia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte Lei:</p> <p>Art.1º. Fica instituído o dia comemorativo em memória da Comunidade do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto.</p> <p>Art.2º. O dia comemorativo será, anualmente, o Dia 10 de Setembro.</p> <p>Art.3º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, sendo revogadas as disposições que a contrariem.</p> <p>PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, em Fortaleza, 03 de julho de 2002.</p> <p style="text-align: center;">Benedito Clayton Veras Alcântara GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ</p> <p style="text-align: center;">*** **</p>			
DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO SÉRIE 2 ANO V N° 124 FORTALEZA, 04 DE JULHO DE 2002			3

Editoração SEAD			
CEARÁ			
DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO			
Fortaleza, 03 de maio de 2004	SÉRIE 2 ANO VII N° 081	Caderno Único	Preço: R\$ 2,50
PODER EXECUTIVO			
<p>LEI N°13.457, de 26 de abril de 2004.</p> <p style="text-align: center;">CONCEDE O TÍTULO DE CIDADÃO CEARENSE A JOSÉ LOURENÇO GOMES DA SILVA, O BEATO JOSÉ LOURENÇO (IN MEMORIAM).</p> <p>O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ Faço saber que a Assembléia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte Lei:</p> <p>Art.1º. É concedido o Título Honorário de Cidadão Cearense a José Lourenço Gomes da Silva, o Beato José Lourenço (in memoriam) na forma que indica.</p> <p>Art.2º Esta Lei entrará em vigor na dada da sua publicação.</p> <p>PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, em Fortaleza, 26 de abril de 2004.</p> <p style="text-align: center;">Lúcio Gonçalo de Alcântara GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ</p>			

Homenagens do Estado a Irmandade do Caldeirão e a José Lourenço. Retirado de: <<https://www.facebook.com/CaldeiraoVivo>> acesso em 08/11/2016.

ANEXO 12



ONG *Beato José Lourenço*. Pedro de Andrade (foto) e sua irmã Mazé Sales, filhos de remanescentes, lutam para preservar a memória do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto. Imagem retirada de: <<http://www.vejajuazeiro.com.br/ong-resgata-memoria-do-caldeirao-de-santa-cruz-do-deserto/>>

ANEXO 13



Leandro Freire (idealizador do projeto Caldeirão Vivo) com dona Alice Alves de Araújo, remanescente do sítio Caldeirão. Homenagem em 2016 durante uma Missa na Capela do Socorro que relembrou os 70 anos da morte do beato José Lourenço. Foto retirada do acervo *Projeto Caldeirão Vivo* <<https://www.facebook.com/CaldeiraoVivo/fotos>>.